

# REPRESENTAÇÕES DA RELAÇÃO CIDADE/EDUCAÇÃO/CULTURA NO HUMOR PAULISTA - *BELLE ÉPOQUE* - PERIÓDICOS PAULISTANOS - 1911-1918.

Aluno: Valeria Urbanas  
Programa: Institucional Reitoria/USP  
Orientador: Maria Angela Borges Salvadori

## 1. Introdução: Projeto inicial, algumas escolhas e suas razões

O projeto inicial desta pesquisa propunha, através da análise dos periódicos que circulavam na *Belle Époque*, e que tinham na produção humorística o seu eixo central, identificar as lutas de representação existentes na construção de uma visão da cidade como lugar da educação e da cultura em oposição ao campo, muitas vezes descrito como lugar do atraso e da ignorância.

Partimos da premissa, apontada por outros autores como SALIBA (2002) e SEVCENKO (1992), de que a experiência da *Belle Époque* paulista foi marcada pela ambigüidade entre a difusão de valores atrelados à modernidade ao mesmo tempo em que permaneciam formas de convivência social ainda pautadas por valores tradicionais, advindos da histórica presença do campo e da agricultura no poder econômico do país.

O encontro dos tradicionais modos de pensar com o projeto republicano da modernidade e da civilização põe em evidência o confronto de visões de mundo portadoras de diferentes maneiras de valorização do homem no seu convívio social. O lugar da educação em meio a este conflito entre tradição e modernidade cria um solo fértil para o encontro de representações díspares sobre educação, cultura e urbanização.

O excerto abaixo nos mostra a relevância da problemática do analfabetismo no Brasil e sua dimensão no início da República:

"A questão do analfabetismo no Brasil emerge com a reforma eleitoral de 1882, (Lei Saraiva), que derruba a barreira da renda, mas estabelecem a proibição do voto do analfabeto, critérios mantidos pela primeira Constituição republicana. Ela se fortalece com uma maior circulação de idéias ligadas ao liberalismo e se nutre também de sentimentos patrióticos. A divulgação dos índices de analfabetismo em diferentes países do mundo na virada do século revelava a importância que a questão vinha adquirindo nos países centrais e, certamente, tocou os brios nacionais. Entre os países considerados, o Brasil ocupava a pior posição, divulgando-se internacionalmente os dados oferecidos pelo censo de 1890, que indicava a existência de 85, 21% de iletrados, considerando-se a população total." (PAIVA, 8-9, nº 2, jul/1990).

É em meio a estes dados de amplas proporções que os precursores da recém constituída República, acalentam a crença no poder transformador da escola e por conseqüência a valorização dos saberes escolares como determinantes do progresso e da modernidade.

Ainda com relação à nossa proposta inicial, tratávamos de localizar, mais uma vez em variadas fontes impressas marcadas pelo uso da linguagem humorística, os limites destas crenças, que, como vislumbramos a priori, se apresentariam na forma de sutis resistências, como por exemplo, o falar errado do caipira e as piadas cujo objetivo central era inverter a hierarquia dos saberes postada pelo projeto republicano.

Estas resistências vinham possivelmente daqueles que ainda não viam a escolaridade como aspecto essencial em suas vidas, afinal, as classes populares haviam passado por longos períodos de elitismo educacional. Estas resistências, segundo nossa hipótese, seriam captadas e recriadas pelos humoristas da *Belle Époque* na forma de humor.

Essa intenção inicial, mais ampla no sentido de utilização de vários periódicos, foi sendo repensada na medida em que a pesquisa com a revista "O Pirralho" revelou possibilidades muito ricas, demandando um tempo maior de leitura do periódico, levantamento e análise das fontes. Além disso, o relatório acerca do projeto elaborado pelo parecerista que analisou os dados parciais obtidos, destacava a necessidade de um aprofundamento teórico e de uma avaliação sobre o ordenamento do trabalho, vistos como

prioridades frente ao levantamento de novas fontes. De fato, pareceu-nos, a partir de então, que as atividades de pesquisa seriam mais instigantes e produtivas se a atenção fosse centrada no adensamento e não na somatória de outras fontes.

Percebemos que as alusões à Instituição Escola não eram tão diretas, dificultando a apreensão das representações possíveis dos sujeitos escolares tais como professores, alunos, diretores, etc. Além disso, nosso objetivo inicial dava maior ênfase à linguagem humorística iconográfica e percebemos, no detalhamento da análise, uma amplitude maior na linguagem textual humorística, freqüente na forma de crônicas e paródias, protagonizadas por personagens populares tais como o italiano/ imigrante e o caipira.

O próprio parecerista do relatório parcial nos indicou outras abordagens dos discursos presentes nos periódicos, evidenciadas através da leitura das obras de Bakhtin, no que se refere a importância de considerar a presença de diferentes vozes que perpassavam os textos dos periódicos, em suas paródias, ironias, e (re)invenções. Para tanto foi usado o conceito de polifonia, enfoque que será detalhado posteriormente.

## **2. Justificativas: História da Educação nos primeiros tempos da República, impressos humor**

A pesquisa de fontes humorísticas é, ainda, para o campo da história da educação, um tanto quanto inédita. No que se refere à história política e mesmo à história do cotidiano, esse tipo de documento tem sido já mais utilizado. Neste sentido, no Brasil, historiadores tais como Elias Thomé Saliba (2002) e Marcos Silva (1990) provaram a importância dessa abordagem na medida em que consideram o riso e o humor como socialmente construídos (e não como componentes abstratos de um “espírito” humano). Nas páginas iniciais do livro do Saliba há uma discussão sobre os modos como o humor foi historicamente visto, ora como inerente ora como socialmente construído. Além disso, tais autores mostram como o humor, de um golpe, inverte ordens estabelecidas, questiona hierarquias, preserva valores ligados à cultura popular, exerce, enfim, uma crítica voraz às

estruturas sociais.

Neste sentido, consideramos que, ao privilegiarmos o levantamento e a análise dessa documentação, apresentamos um caminho relativamente novo para o conhecimento de diferentes modos pelos quais a escola, a educação e o processo de escolarização, naquele contexto, foram percebidos e avaliados. Em outras palavras, essa abordagem permite confrontar o discurso republicano sobre educação com outras impressões e outros projetos sociais que estavam em jogo.

### **3. Métodos e fontes: repercussões humorísticas dos processos de escolarização do social, questões de linguagem, periodismo e vida urbana**

Neste ponto, cabem esclarecimentos sobre escolhas teóricas que se constituíram em eixos para a análise do conjunto das fontes documentais levantadas e para o trabalho de reflexão sobre essas fontes no campo da história da educação brasileira nos primeiros tempos da República.

Como já mencionado no relatório parcial, no que se refere à sociedade paulista da época pesquisada, Elias Thomé Saliba (2002), considera a linguagem humorística, pelas características intrínsecas de construção e destruição de estereótipos, recriação de significados, desmistificação, uso do inusitado e do excêntrico, a forma de comunicação apropriada para retratar as novas sensibilidades que surgiam. Nas reflexões do autor, o humor pode ser considerado uma narrativa alternativa para expressar o mosaico cultural do período:

“O que era ser brasileiro naquela sociedade cosmopolita e provinciana, moderna e antiquada, liberal e oligárquica – enfim, como situar-se, se não como cidadão pelo menos como indivíduo, naquela realidade cada vez mais fugidia, rarefeita e permeada de instabilidades sociais, com determinações racionais ou a partir de esquemas sérios ou repertórios cognitivos tradicionais? Como conceber aquela "comunidade

imaginada” utilizando-se de sistemas sérios ou categorias racionais? Enfim, sem perceber que ela talvez já existisse de forma disseminada e silenciosa nas fímbrias da vida social, perguntavam com qual linguagem descrever essa experiência, reiterada na história do país, da sobreposição de tempos, da anulação dos espaços e da esterilização dos destinos individuais? ”(SALIBA, 2002, p. 35)

Ainda de acordo com suas reflexões, os humoristas da *Belle Époque* foram capazes de reproduzir, por meio do humor, uma narrativa alternativa que contemplou a miscelânea de modos de pensar e de viver na cidade de São Paulo. Os humoristas macarrônicos de São Paulo aproximaram a oralidade popular da cultura escrita, aludindo às revistas de variedades da época e outros periódicos como possíveis porta-vozes de diferentes grupos sociais. Alguns exemplos podem ser citados: Marcondes Machado, com seu personagem Juó Bananére, utilizou uma linguagem que uniu o sotaque italiano ao sotaque caipira (CAPELA, 2009). Cornélio Pires, através de seu personagem Bentinho, por definição um caipira ignorante do ponto de vista da cultura das letras, mas portador de uma astúcia haurida das experiências práticas de vida, também sinalizou para alguns dos conflitos dessa sociedade em mudança (SALIBA, 2002).

Ambas as personagens, à medida que se particularizam pela própria fala regional e étnica, podem ser vistos como uma fórmula encontrada por seus criadores para marcar presença de outras identidades sociais, representativas de tradições variadas e reconhecimento e pertença na sociedade paulista. Nem sempre estes personagens estiveram em paz com os modelos da cultura letrada. A comicidade destes personagens nos dá pistas sobre como as esferas urbana e rural dialogam entre si no que se refere aos significados que cada qual atribui às temáticas de educação, cultura letrada, ignorância e experiência prática.

Da mesma forma Bakhtin, ao estudar as obras rabelaisianas, mais especificamente a linguagem popular presente nas praças públicas medievais e renascentistas, afirma que os "pregões" dos mercadores, repletas de "imprecações, grosserias e obscenidades" e que faziam parte da cultura popular do riso, "eram considerados, uma violação flagrante das regras normais da linguagem, como uma deliberada recusa de curvar-se às convenções verbais: etiqueta, cortesia, piedade, consideração, respeito da hierarquia, etc."

(BAKHTIN, 2000, p. 162)

Mais uma vez, segundo imagens extraídas d'O Pirralho como veremos adiante, a insistência do "*falar errado*" do caipira, assim como o macarronismo de Juó Bananére, revelam uma ousadia no tratamento da linguagem que nos permite inferir a existência de uma resistência em aceitar o falar correto, incorporado nos discursos empolados e ao mesmo tempo "vazios", características das falas acadêmicas e dos discursos políticos.

Também o historiador Edward P. Thompson tratou em suas obras do encontro nem sempre pacífico entre cultura popular e cultura erudita, cada vez mais conflitante na medida em que se consolidavam os processos de escolarização de massas. Em *Os Românticos*, o autor salienta que a posição de superioridade com que a cultura letrada se posicionou perante as manifestações populares tendeu a se fortalecer a partir de finais do século XVIII na Inglaterra (THOMPSON, 2002). Esta relação de domínio e subordinação, mais enfática no período posterior à Revolução Francesa, culminou na exclusão da importância da experiência popular cotidiana, inclusive da experiência da linguagem, da esfera da educação escolar e em uma estética controladora nas escolas. Em outros textos, procurou demonstrar que, muitas vezes, as formas da resistência diante desse novo mundo industrial escolarizado se davam pelo esforço de preservação de traços do passado, pela preservação de costumes, não no sentido do conservadorismo ou da folclorização e sim como uma arena de luta, sempre atualizada, que bem trabalhava com as nuances entre o velho e o novo: ao defender o costume, grupos de trabalhadores se mostraram arraigados à tradição e, deste modo, menos ameaçadores do que os defensores de processos mais revolucionários (THOMPSON, 1998). Daí a designação de uma cultura tradicional rebelde. Em nossa perspectiva, é possível pensar a própria linguagem como costume, no sentido de que o estilo errado de falar recolocaria, no universo urbano, tradições que ele busca refutar; o embate entre a linguagem popular e a linguagem culta, entre a língua normativa que se aprendia na escola e a linguagem das ruas seria, assim, uma das dimensões dos conflitos sociais vividos pelas classes populares em uma São Paulo que só fazia crescer e segregar.

Esta oposição de culturas, tratada numa matriz de importância hierárquica, associou a cultura popular, segundo Thompson, como proveniente da experiência e da sensibilidade, e a cultura letrada como produto do intelecto; a primeira, portanto, mais simples e, por vezes, irracional; a segunda, pautada pelos valores da modernidade capitalista cartesiana.

No Brasil, tais associações também podem ser percebidas quando dos processos de consolidação do sistema escolar, em especial a partir da República, cujo projeto ligava a educação ao progresso, à civilização, à cidade e à modernização. Assim, entre finais do século XIX e início do XX, é possível observar certa oposição entre o campo e sua gente – atrasados, incultos, bárbaros – e a cidade – símbolo que condensa os ideais e as práticas cotidianas da modernidade. Esse antagonismo será fartamente explorado em textos e imagens humorísticas que, não raro, lançam um olhar duvidoso sobre esse julgamento.

Ainda no âmbito da linguagem humorística, que parecia ter uma ressonância positiva no público leitor já que presença constante nas revistas ilustradas, Elias Thomé Saliba lembra o aspecto de irreverência, de entretenimento do humor. Ao rir o indivíduo podia livrar-se dos enquadramentos formais aos quais era sujeito, em espaços de trabalho, ou no convívio público e urbano, já norteado pelas regras de civilidade. (SALIBA, 2002)

As piadas despreziosas, as paródias que satirizam uma temática séria ou ainda as charges que através da imagem ridicularizam personagens importantes, além do aspecto de diversão para os leitores, fizeram parte de um repertório discursivo que permitia o diálogo de várias vozes com os protótipos sérios que deram origem às anedotas, revelando as diferentes concepções de mundo circulantes e as diferentes representações ligadas à educação e à cultura.

Parece adequado, portanto, refletir sobre os diferentes discursos presentes na imprensa paulistana a partir do conceito de polifonia, elaborado por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 1981). Na música, a noção de polifonia se constrói em oposição à monofonia com a presença de diversas melodias autônomas que, juntas,

produzem uma outra.

Nos discursos, segundo Bakhtin, a polifonia se caracteriza pela presença de vozes polêmicas num mesmo enunciado. O humor, acreditamos, em suas expressões orais, escritas e iconográficas é lugar privilegiado para a percepção da polifonia nos enunciados uma vez que, de um só golpe, remete ao sério e a sua crítica, ao real e ao fantasioso, à correspondência imediata e a sua extrapolação. Como exemplo, poderemos citar os muitos casos em que, nas fontes documentais trabalhadas, aparecem charges políticas – ou de políticos – a partir do uso de cenas do cotidiano escolar.

Ora um determinado político, caracterizado pelo autoritarismo, encarna a figura do antigo mestre-escola a humilhar e infantilizar os alunos, outros políticos ou o “povo”, reféns de suas ações. Ora um aluno, supostamente pequeno em sua condição, representando diferentes setores da sociedade, impõe-se com sua franqueza e astúcia sobre a figura do mestre. Noutras passagens, o professor-político, tão seguro de sua autoridade como o mestre-escola, é ridicularizado por suas roupas, gestos e palavras. Esse e outros exemplos – que serão concretizados em outros trechos deste trabalho – são bastante indicados da polifonia bakhtiniana pois tais charges podem ser compreendidas por diferentes grupos sociais que, no campo da política, da escola, do cotidiano, são capazes de identificar os personagens em questão e de compreender o sentido da piada.

A paródia, enquanto gênero polifônico, se apropria do discurso do outro imprimindo nova orientação semântica. Nas palavras do autor, “*a segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos*”. Veremos posteriormente nas imagens analisadas o uso que *O Pirralho* fez de passagens retiradas do jornal *O Estado de S. Paulo* e que ilustra o diálogo existente entre as duas imprensas.

Os periódicos paulistanos da época estudada foram o meio físico e o campo de discussão para que a linguagem escrita e iconográfica, até então quase exclusivamente tributárias da cultura das elites, trouxesse através dos gêneros acima citados, uma forma de



expressão de outros grupos sociais, que ainda não tinham tido espaço de expressão e oportunidade de contestação da organização social vigente.

Neste sentido, podemos lembrar das passagens de Bakhtin, ao tratar a história do riso. O autor considera o humor uma visão de mundo, tão importante quanto as interpretações sérias sobre as razões do viver. Para Bakhtin, a partir dos seus estudos sobre a cultura popular na Idade Média e Renascimento, o riso permitia a inversão de posições na hierarquia social, fazendo do rei o bobo da corte e vice-versa, lembrando a todos a transitoriedade da vida e a efemeridade das regras. (BAKHTIN, 2000). Para ele o humor:

“... é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que ao sério: somente o riso, com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo.” (BAKHTIN, 2000, p. 57)

Da mesma forma, para o autor, a diversão popular medieval descrita por Rabelais, na forma de festas na praça pública, nas quais os excessos materiais e corporais estavam presentes, trazia consigo a oportunidade para que a população mais pobre, oprimida, escapasse das contingências repressoras do dia a dia. A sociedade medieval era orquestrada por ameaças constantes tais como pecado, redenção e sofrimento. A válvula de escape para o medo, veneração e docilidade eram os momentos de espontaneidade permitidos pelas festas populares (BAKHTIN, 2000).

Esta mesma perspectiva é usada por Elias Thomé Saiba ao analisar a produção humorística paulista na *Belle Époque*, quando diz em seu texto: “o humor escancarava as diferenças entre a espontaneidade da vida cotidiana e o formalismo das instituições sociais” (SALIBA, 2002, p. 304).

Por fim, no sentido de justificar a periodização estabelecida neste projeto de pesquisa, cumpre tratar da expansão da escola pública paulista nas décadas iniciais da República a fim de compreender as repercussões humorísticas deste processo. Dentre os historiadores da educação que se dedicam a pensar o projeto republicano de educação, outros projetos educativos então em jogo e os conflitos que os perpassam, gostaríamos de destacar, em particular, as obras de Marta Maria Chagas de Carvalho (1989) e de Rosa Fátima de Souza (1998).

Para Carvalho (1989), a escola ocupou um lugar fundamental no imaginário republicano, um de seus principais símbolos, em oposição à associação com a igreja que marcava o império; laica, pública e moderna, máquina de progresso e de civilização concebida em termos da racionalidade técnica e da cientificidade, ela seria responsável pela legitimação da República e pela constituição formal do “povo” que ela representaria. Era preciso alfabetizar e educar, ensinar escrita e leitura mas também valores cívicos, ordem e controle do tempo a partir dos conteúdos e formas de organização do trabalho na escola. No imaginário republicano, a escolarização seria capaz de retirar os afro descendentes da letargia causada pelo trabalho escravo, abasileirar o imigrante e civilizar o caipira, garantindo a entrada do país no mundo da modernidade capitalista. Essa valorização da escola deu-se em múltiplas dimensões: construção de prédios que abrigaram os grupos escolares adequados aos princípios da moderna pedagogia, construção de escolas normais modelares, preocupação com a formação do pedagogo moderno, capaz de colocar em prática esse projeto, adoção de novos métodos de ensino – o ensino intuitivo – e inclusão da psicologia de matriz comportamental como conhecimento fundamental para o tratamento científico da escola e do aprendizado (CARVALHO, 1989).

Essa mesma temática está presente na obra de Rosa Fátima de Souza (1998), fruto de seu doutoramento. A partir de documentos do Arquivo do Estado ligados à instrução pública, tais como relatórios de diretores de grupos escolares e de escolas-modelo e de inspetores de ensino, anuários, coleções legislativas, entre outros, a autora analisa a crença no poder redentor da escola que se transformou na bandeira da República. Em particular,

analisa a implantação e funcionamento dos grupos escolares, cujas características principais são: racionalidade científica, classificação homogênea dos alunos, padronização dos exames, adoção do moderno método intuitivo de ensino, estabelecimento de jornada de trabalho, preocupação com a arquitetura escolar em sua forma-função, seriação, entre outros. Nesse contexto, a figura do mestre-escola deveria ser substituída pela imagem da nova professora primária, aludindo tanto à feminização da profissão docente quanto à sua oposição em relação à escola, à educação e ao professor “tradicional”, associado aos tempos das “trevas pedagógicas”. O professor – a professora -, segundo Souza (1998), transformado em “apóstolo da civilização”, passa a ter uma missão não só pedagógica mas também cívica e patriótica, na medida em que dele depende o sucesso do projeto republicano e a criação brasileiro (SOUZA, 1998).

As charges e piadas, muitas vezes, apontam para os limites e barreiras encontrados por esse projeto de escola e de educação. Seja na reiterada imagem do professor associado ao mestre escola – e não à moderna professora -, seja nas indicações relativas a castigos físicos, seja na própria ridicularização da figura do mestre e na construção de tipos astuciosos de alunos, muitas vezes a ludibriar o professor ou, por fim, nas denúncias de diferentes formas de violência moral, imagens e textos reforçam a hipótese de que tal processo não era unanimidade e que nem todos olhavam para a escola com a mesma valoração ou objetivo.

A imagem abaixo foi retirada do periódico "A Vida Ilustrada", de 1899. Trata-se de uma piada que ressalta, iconográfica e textualmente, a existência de grande número de periódicos surgidos no final do século XIX e início do XX, comparando-os a uma epidemia. Segundo SALIBA, em 1912 eram contabilizados 341 periódicos em São Paulo (2008:39), o que reitera a importância desses impressos como fonte para a pesquisa histórica e como campo a ser ainda mais explorado pelos historiadores da educação.



**Figura 1:** "A Vida Illustrada" - Janeiro/1899 - p. 5

Em termos quantitativos, possibilita ao pesquisador eventuais levantamentos estatísticos que corroborem hipóteses sugeridas. Em termos qualitativos, as fontes impressas do período mencionado, demonstram forte potencial de informações expressas em linguagens diversas. Tais linguagens, seja através da iconografia - charges, fotografias, estórias com personagens -, seja através do estudo da oralidade presente nas linguagens textuais, trazem informações não somente sobre o cotidiano da época, mas também sobre as várias categorias de relações sociais que foram sendo construídas conjuntamente à metropolização de São Paulo.

As revistas ilustradas tiveram grande circulação no momento em que o recém instituído regime republicano procurava promover no imaginário coletivo as idéias de nacionalidade e progresso. As perguntas que as elites pensantes brasileiras se colocavam durante a *Belle Époque*, segundo Elias Thomé Saliba, era “o que é ser brasileiro”? “como construir uma nação se não tínhamos uma população definida ou um tipo definido”? (SALIBA, 2002, p. 35). E, ainda, podemos considerar: qual o lugar social da escola neste processo? Como validar e valorar o conhecimento escolar em meio a uma população que

vive por meio do aprendizado informal, inclusive das letras? Como disciplinar o trabalhador “livre” tanto para as regras do trabalho assalariado quanto para as regras da escola? De que maneira estes espaços podem se relacionar?

Ana Luiza Martins, ao fazer um levantamento detalhado da evolução da cultura impressa e de variedades da época, desde os seus primórdios até a sua transformação em projeto empresarial, menciona que, se “*houve um segmento que especializou-se na linha de crítica permanente ao governo*”, este segmento foi o de revistas de humor, que, através da arte e da caricatura posicionou-se sem temor diante das mazelas políticas e dos privilégios oligárquicos. (MARTINS, 2008)

O desenvolvimento urbano de São Paulo, criando espaços de convivência entre grupos de tradições distintas, a expansão e popularização dos periódicos, constituem-se facetas de um mesmo processo. À medida que os produtores dos periódicos voltam sua atenção aos modos de viver e pensar a cidade, e extraem do cotidiano urbano os conteúdos dos quais vão abastecer suas edições, forma-se uma articulação importante entre cultura letrada, cidade, e cultura popular. É esta intersecção de mundos que transforma os impressos em importante campo de estudos para a construção de uma história social da educação em São Paulo:

“Em diversos momentos históricos, em relações sociais diferentes, a escrita e a leitura mediarão os vínculos dos habitantes das cidades. As tensões e articulações entre a cultura letrada, campo privilegiado de expressão das elites, e a oralidade, constituem dimensão fundamental da formação das culturas urbanas e das relações de poder na cidade moderna.” (CRUZ, 2000, p. 33)

Heloisa de Faria Cruz, em seus trabalhos de levantamento e análise de periódicos paulistas, reitera essa ambigüidade como marca de uma especificidade da sociedade paulista na *Belle Époque*:

"No interior da reflexão que tem como horizonte o processo de formação das culturas na cidade de São Paulo de 1890 a 1915, interessa indagar sobre os significados desses encontros/desencontros entre estrangeiros recém-chegados, negros recém libertos, homens de interior promovidos à condição de caipiras, doutores e homens bons com a

lembrança recente de serem senhores." (CRUZ, 2008, p. 63)

Os periódicos paulistas, à medida que se estruturavam tecnicamente e financeiramente - e para isto dependiam do desenvolvimento da tecnologia de impressão - tornavam-se o veículo perfeito para o registro da diversidade de informações e linguagens produzidas pelo espaço urbano. Esta produção impressa, abastecida pelos conteúdos provenientes de várias esferas sociais, constituiu-se num espaço que refletiria uma nova cultura na qual, inclusive, se travam disputas de poder:

“As tensões e articulações entre cultura letrada, campo privilegiado de expressão das elites, e a oralidade constituem dimensão fundamental da formação das culturas urbanas e das relações de poder na cidade moderna.” (CRUZ, 2000, p. 33)

Um número cada vez maior de pessoas letradas - também iletradas - tinha acesso a esses impressos, à simultaneidade de acontecimentos culturais, políticos, econômicos assim como das diversas opiniões sobre fatos que mais agregavam a atenção coletiva. Começa a se formar, junto com a metropolização de São Paulo e a produção de periódicos, uma cultura urbana com uma linguagem bastante peculiar, que une cultura letrada, cultura popular - com ênfase na oralidade - e uma linguagem humorística.

Segundo Ana Luiza Martins, conquistar um número cada vez maior de leitores significava sucesso no empreendimento tipográfico, e para isto, a equipe produtora do periódico deveria ter uma idéia, pelo menos aproximada, daquilo que atrairia um número maior de leitores. Um número maior de leitores significava um maior “*poder de negociação junto à propaganda e à publicidade*”. (MARTINS, 2002) Daí a diversidade de temáticas cujo objetivo parecia ser o de querer agradar a todos ao mesmo tempo. Razões mercadológicas de sobrevivência aproximariam as revistas do seu público leitor.

Este esforço de aproximar-se do gosto do público, pode reforçar nossa hipótese de que o humorista configurou-se numa ponte entre a cultura letrada e a cultura popular por ter se tornado elemento de trânsito fácil em grupos sociais díspares. Este raciocínio vem ao encontro da conclusão de Elias Thomé Saliba para o qual “*a maioria dos humoristas*

*condensava em si mesmos as figuras do caricaturista de imprensa, do publicitário, do revistógrafo e, não raro a de ator.*” (SALIBA, 2002, p. 43)

Esta aproximação com o público leitor, que teoricamente se ampliava com os esforços da escolarização em massa e com as próprias necessidades de um mercado de trabalho que se expandia – põe em relevo o diálogo entre cultura letrada e cultura popular.

Para Heloisa Faria Cruz os periódicos promoveram a popularização da cultura letrada, que sempre foi reduto da elite (CRUZ, 2000). Como lembrado no texto da mesma autora, durante o século XIX, os futuros políticos e dirigentes da administração pública vinham da formação clássica promovida pela Academia de Direito do Largo de São Francisco. Esta tradição de escrita e fala eruditas e uso correto do português viria a ser cultivado durante muito tempo pelas classes ligadas à literatura e erudição. Eram, também, sinais de um poder mais amplo e, não raro, institucionalizado via carreirismo político.

Mas afinal, quem lia tais periódicos? É possível decifrar qual seria o público leitor?

Os periódicos, como alertado por Ana Luiza Martins, tinham uma produção atraente que incluía “*desenhos grafados de forma visualmente inteligível*”, e posteriormente a presença de fotografias, permitiu a um “*público não afeito a leitura, se não à população analfabeta*” ter acesso às mensagens articuladas às imagens. (MARTINS, 2002) Além disso, é possível supor que circulavam por muitas mãos, ampliando o uso para além dos números impressos. Tais características, reforçamos, conferem à fonte periódica humorística uma riqueza documental acentuada. Daí que o esforço deste trabalho seja o de buscar, em alguns exemplares dessas fontes, uma história social da educação, tanto em sua dimensão escolar quanto em seus aspectos formativos mais amplos tais como aqueles que compuseram o cotidiano de muitos e diferentes sujeitos que aprendiam a viver numa sociedade em mudança. Esta perspectiva também promoveu a alteração do título do projeto, a fim de que ele já indique as fontes escolhidas.

A revista “*O Pirralho*” teve um ciclo de vida relativamente extenso, circulando nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, quinzenalmente, no período de 1911 a 1918,

totalizando duzentos e quarenta e cinco números. A primeira edição foi lançada em 12 de Agosto de 1911, oferecido ao preço de 200 réis pelo exemplar avulso e 10.000 réis pela assinatura anual.

Foi fundada por Oswald de Andrade e tinha características marcantes de irreverência, bem ao estilo de seu criador, e um tom de humor pautado principalmente nas crônicas do personagem *Juó Bananére*, uma espécie de missivista que, portador da linguagem macarrônica, uma imitação escrita do dialeto ítalo-paulista, escrevia a seção intitulada “*As Cartas D'Abax'o Pigues*”, que se tornou coqueluche entre os leitores da época, imitado socialmente até pelas rodas mais finas da sociedade.

O criador de *Juó Bananére* - ou na versão brasileira, João Bananeiro - foi Alexandre Marcondes Machado (1892-1933), que teve a oportunidade de esculpir seu personagem na revista “*O Pirralho*” no momento em que Oswald de Andrade viajou para a Europa. Até aquele momento, “*As Cartas D'Abax'o Pigues*” eram assinadas por *Annibale Scipione*, personagem do próprio Oswald de Andrade, talhado comicamente na imitação da fala dos operários italianos que viviam nos bairros de São Paulo.

*Alexandre Ribeiro Marcondes Machado* nasceu em Pindamonhangaba, Estado de São Paulo, e faleceu em 22 de Agosto de 1933 aos 41 anos de idade de anemia perniciosa. Filho do médico José Francisco Marcondes Machado e de Mariana Ribeiro Marcondes Machado, viveu até os sete anos de idade na cidade natal, tendo-se transferido depois para Araraquara e Campinas, onde fez os estudos primários e os preparatórios. Entre 1913 e 1917 frequentou o Curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica de São Paulo. O fato de ter frequentado a Escola Politécnica situada na Rua Três Rios, no Bairro do Bom Retiro, é considerado uma das razões que o colocou em contato com a língua italiana falada no local, que sofreu por sua vez influência do dialeto vênето da maioria dos imigrantes ali residentes. Esta convivência com os costumes do bairro explicaria a facilidade em usar a língua "mista" dos habitantes do Bom Retiro, incorporando-a em seus escritos.

Outra seção fixa que caracterizou “*O Pirralho*”, também escrita por Alexandre



Marcondes foi "*A Birralha – Xornal Allemong*", em português com sotaque alemão.

Por meio destas seções, o humorista se inscreveu em vários assuntos "sérios", imprimindo através da linguagem dialetal e da exposição ridicularizada de situações e de falas uma trama humorística que revela uma outra visão dos fatos sociais e culturais, sugerindo uma nova hierarquia de valores e de visões de mundo. Ao escreverem a partir de referências da oralidade urbana somadas às habilidades da escrita, vários dos cronistas desse periódico trouxeram para o texto impresso expressões – e, portanto, modos de pensar, tradições, linguagens – dos iletrados da cidade, espalhando assim suas práticas e representações de mundo para além dos espaços físicos ocupados por tais sujeitos.

Em texto escrito por Benedito Antunes (2005), "a mistura de espaços, povos, línguas, culturas, hábitos, valores" se configura em um universo que já havia sido retratado pelos primeiros críticos de Juó Bananére da seguinte forma:

“ele apropriou-se do colorido e grotesco falar dos bairros cosmopolitas, onde o italiano recém-chegado se exprime numa algaravia que participa dos dois idiomas e, com essa linguagem, conseguiu dizer coisas que, muitas vezes, eram vedadas aos que se exprimiam no vernáculo” (O Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 ago. 1933, p.2). E também: “utilizando-se de um idioma exclusivamente seu, ele fugia ao perigo de ser traído pelo linguajar correto, que está viciado em contar pretextos” (Diário do Abax'o Piques, S.Paulo, 30 set. 1933, p.2).

Ainda na linha do humor, são freqüentes nas páginas do Pirralho as charges de Voltolino, afiadas nas críticas aos políticos pela via das caricaturas bastante sugestivas que indicavam, através das imagens, o grotesco dos privilégios políticos e das injustiças sociais. Os alvos principais de Voltolino eram os políticos Rodolfo Miranda, Pinheiro Machado e Hermes da Fonseca.

Mas nem só de humor a revista preenchia suas páginas. Também eram trazidas notícias sobre atividades culturais da cidade, e o encontro social em cinemas tais como: *Bijou*, *Iris*, *High Life*, *Liberdade*, *Brás Bijou*, *Cinema Colombo*, *Cinema Central*, na *Radium - Casa de Espetáculos e Liberdade Club* - com bailes somente para os sócios. Ou

ainda eventos em teatros tais como: Teatro Polytheama, Teatro Cassino, Isis *Theatre* e do Teatro Municipal.

O Teatro Municipal que havia sido inaugurado em 1911. O Teatro Municipal fora projetado nos moldes dos melhores teatros do mundo para apresentar principalmente a ópera, um dos primeiros entretenimentos da burguesia e em virtude do grande número de italianos que viviam em São Paulo. Não por coincidência portanto que o espetáculo de inauguração seria a ópera Hamlet de Ambrósio Thomas, em 12 de Setembro de 1911. Outra coluna constante era sobre esportes e competições, especialmente as que ocorriam no Clube Speria e Clube Tietê.

Há estudos que indicam que o personagem Juó Bananére, apesar da fala macarrônica e popular, era porta voz de uma elite descontente com o governo hermista. Esta é uma das conclusões do texto de Vera Maria Chalmers, ao analisar as crônicas presentes no Rigalegio, entre os anos de 1911 a 1914. O Rigalegio era uma espécie de jornal dentro do Pirralho e se caracterizava pela presença de paródias humorísticas criadas a partir da interpretação de notícias veiculadas pelo jornal O Estado de São Paulo, por sua vez partidário e porta-voz da oligarquia republicana paulista. Chalmers considera que a linguagem humorística do Rigalegio vinha das ruas e dos costumes populares nos espaços públicos e privados da cidade de São Paulo, mas dirigia-se especialmente como crítica ao Estado:

“A sátira do Rigalegio é a mistura da língua do imigrante que se proletariza na cidade, mas exprime o ponto de vista da elite a respeito da política. Por este motivo, é interessante analisar a crônica política macarrônica.” (Rev. Letras, São Paulo, vol. 30, 1990, pág. 35)

Ainda segundo a autora, “*O Rigalegio*” - jornal que trazia as cartas de Bananére dentro da revista “*O Pirralho*” - fazia paródias humorísticas a partir das notícias do jornal *O Estado de S. Paulo* - criado em 1875 para divulgar as idéias do Partido Republicano Paulista - num constante intercâmbio de idéias que, sob a máscara cômica, teriam mais

liberdade de expressar o descontentamento das elites diante do Estado de Sítio, decretado por Hermes da Fonseca, e da Política das Salvações, assim como o temor da burguesia cafeeira diante do perigo de uma ditadura militar.

No período de 1911 a 1914, o que a autora entrevê no humor de Juó Bananére é um reflexo das divergências políticas que colocavam a elite agrária paulista em desacordo com as diretrizes de Hermes da Fonseca, e o medo de perderem o exclusivismo protecionista do setor cafeeiro para outras oligarquias. Os ecos da Campanha Civilista percorrem o humor do *Rigalegio* evidenciando na figura de Hermes da Fonseca a truculência e falta de cultura associada aos militares e em contrapartida sempre que possível lembrando a figura de Rui Barbosa associada à intelectualidade e erudição.

"O Rigalegio" ocupava uma página inteira de O Pirralho e tinha logotipo ladeado por um desenho de Juó Bananére tocando realejo, do qual saem as notas musicais de A viúva alegre, numa provável intenção de provocar com o viúvo Hermes da Fonseca. Funciona como um jornal encartado, contendo várias seções: Expediente, Editorial, Crônica Policial, poema, *As Cartas D'Abax'o Pigues*.

Assim como O Rigalegio, a coluna O Féxa ocupa uma página inteira de O Pirralho e traz no logotipo a figura de Banánere enfrentando seus adversários armado de um revólver e uma faca. No cabeçalho lê-se: "Organo de Increnca, Puprietá de Sucietá Anonyma Juó Bananére"

As peculiaridades deste periódico e seu trânsito, nos sentidos de produção e circulação, em meio a diferentes realidades de linguagens da cidade de São Paulo, além de sua marca de satirização política, fazem de O Pirralho fonte documental importante a ser pesquisada em termos da história da educação brasileira uma vez que revelam, simultaneamente, projetos em jogo, críticas que a eles eram feitas e seus limites.

#### **4. Ensaio de análise**

Algumas palavras sobre o sistema educacional brasileiro se fazem necessárias antes da análise das imagens recolhidas, principalmente no que se refere ao processo histórico que determinou a elitização da educação no nível secundário e no ensino superior, colocando as camadas populares distantes de uma cultura erudita tanto de matriz humanística quanto de uma matriz científica.

O distanciamento desta educação historicamente posta a favor das classes dominantes e de seus aliados possivelmente abriu espaço para que a cultura popular, mais ligada à transmissão oral do saber prático, produzisse um sistema de valores e visões de mundo paralelos aos discursos oficiais sobre escolarização. Tal distanciamento, entretanto, não é obra exclusiva dos republicanos, caracterizando mesmo a educação no Brasil desde os seus primórdios.

Falando sobre a história da educação brasileira no século XIX, Maria L. Spedo Hilsdorf (2003) afirma que o Segundo Reinado se constituiu, na maior parte das vezes, como um governo conservador e centralizador voltado aos interesses dos proprietários de terras e escravos que teriam um papel fundamental. Os objetivos desta classe senhorial eram manter a ordem social - senhores, escravos e homens livres - e promover a civilização do povo, traduzida da seguinte forma: "*superando a barbárie dos sertões e a desordem das ruas, o atraso do passado colonial e as tendências localistas dos liberais mais radicais, além de usufruir dos benefícios do progresso e da razão modernos.*" (HILSDORF, 2003, p. 46)

Ainda segundo HILSDORF (2003), do ponto de vista da construção de um sistema escolar, o Ato Adicional de 1834 à Constituição de 1824, traria algumas modificações importantes, ao criar as Assembléias Legislativas Provinciais com competências inclusive de inaugurar escolas elementares, secundárias e superiores, numa ação aparentemente descentralizadora de competências.

Na prática o que ocorreu foi uma *partilha* das competências entre as Assembléias Provinciais, a Assembléia Geral e a iniciativa privada. O ensino de primeiras letras e o

curso de formação de seus professores, estaria a cargo das Assembléias Provinciais. O controle do ensino superior em geral e as aulas da própria capital do país seriam exercidos pela Assembléia Geral. A parte perversa recaiu sobre o ensino secundário, entregue teoricamente às províncias, mas que em realidade permaneceu sob o "olhar controlador" do Governo Central. Para isto foi estabelecido que os únicos estudantes que teriam acesso aos cursos superiores seriam aqueles formados pelo Colégio Pedro II (1837), impedindo desta forma que um número muito grande de indivíduos chegasse ao nível superior de educação.

Desta forma, os liceus e ginásios criados pelas províncias e pela iniciativa privada não tinham acesso imediato às Academias e portanto seus alunos eram obrigados a prestar exames de ingresso aos cursos superiores. Para a autora esta situação teve como conseqüência o abandono do ensino secundário pelas províncias. Por outro lado expandiram-se os cursos avulsos de preparo para os exames de ingresso somente nas disciplinas exigidas pelos mesmos, situação que se desenvolvia na contramão da corrente européia que se preocupava com a formação adolescente.

Este processo de formação do ensino secundário possivelmente explica que um número significativo de escolas secundárias surgissem sob a administração da iniciativa privada para atender a um contingente de pessoas que desejavam chegar ao ensino superior.

O período republicano herdará um sistema educacional marcado por essa lógica restritiva, que mantinha os quadros administrativos e públicos reservados às elites oligárquicas, à medida que se garantia o acesso da classe dominante às escolas secundárias acadêmicas e escolas superiores. À educação do restante da população continuaria sendo disponibilizada a escola primária e profissionalizante.



**Figura 2:** O Pirralho. São Paulo, 22 de março de 1913, n.83, p.6

Com a República, entra em vigor a constituição de 1891 instituindo o sistema federativo de governo. Desse modo também reconhecia a autonomia dos Estados para elaborar suas próprias leis sobre a educação em alguns graus de ensino. Nas palavras de ROMANELLI, as responsabilidades pelos níveis da educação seriam assim distribuídas:

"A Constituição reservava à União o direito de criar instituições de ensino superior e secundários nos Estados, além de prover a instrução secundária no Distrito Federal. Desse modo, concedia aos Estados da Federação a competência para prover e legislar sobre a educação primária. Na prática, à União cabia criar e controlar a instrução em toda a Nação, bem como criar e controlar o ensino secundário acadêmico e a instrução em todos os níveis do Distrito Federal. Já aos estados era atribuído o controle do ensino primário e o ensino profissional, que, na época, compreendia também as escolas normais de nível médio para moças e escolas técnicas para rapazes." (ROMANELLI, 1978, p. 41).

As escolas profissionais se tornam uma exigência da industrialização brasileira que necessita para seus quadros, operários mais preparados tecnicamente, para além da alfabetização. Tal como acontecia no império, essa formação para o trabalho era destinada prioritariamente às classes populares e implicava na terminalidade precoce da experiência escolar, seja porque não habilitava seus alunos para a continuidade dos estudos, seja porque

pensada para aqueles que precocemente deveriam ser inseridos na ordem do trabalho fabril assalariado.

Outra marca do período republicano no que se refere à história da educação brasileira é uma retomada dos ideais iluministas e das teorias positivistas de Comte e Spencer, dando o tom cientificista aos temas ligados à educação

Para Santos (1993), os setores médios urbanos começariam também a clamar por mais vagas no ensino secundário e por acesso ao nível superior, reivindicações que o governo tentaria atender através da Reforma Epitácio Pessoa - Decreto n.o 3890 de 01 de janeiro de 1901 - em vigor até 1910. Esta reforma retomava uma orientação mais humanista como contraponto ao positivismo, ao retirar disciplinas de Biologia, Sociologia e Moral e acrescentando o ensino de Lógica. Reduz o secundário de sete para seis anos. Inicia também uma equiparação das escolas particulares ao Colégio Pedro II, ampliando ainda que para poucos a preparação para o curso superior. Ainda de acordo com o mesmo autor, começam a proliferar as faculdades de Direito com forte orientação positivista e outras em uma linha mais liberal-humanista, "*principalmente sob influência do Papa Leão XIII e do trabalho de Farias Brito, egresso da Faculdade de Recife, defensor da metafísica contra o positivismo*". (Santos, 1993, p. 7). Com relação ao ensino superior, Marcos Ferreira destaca os dados apresentados por Fernando Azevedo:

"Nos primeiros vinte anos da nascente República são criadas oito faculdades de Direito: duas no Rio de Janeiro e uma na Bahia (1891), em Minas Gerais (1892), a de Fortaleza (1907) e as do Pará, em Manaus e em Porto Alegre; ao passo que são criadas apenas três faculdades de Engenharia: a Escola Politécnica (1893), a Escola de Engenharia do Mackenzie College (1896) em São Paulo e outra particular no Rio Grande do Sul (AZEVEDO apud SANTOS, 1993, p. 7).

"No entanto, o ensino superior continua desligado da pesquisa sendo que, neste período, algumas iniciativas isoladas aparecem, no sentido de articular ensino e

pesquisa, tais como o Instituto Bacteriológico (1892), Instituto Agrônômico em Campinas (1887), o início dos trabalhos do então Instituto Serumtherápico de Butantan dirigido por Vital Brazil em São Paulo (1899) a partir da necessidade de se combater o surto de peste bubônica no Porto de Santos, Escola Superior de Agricultura em Piracicaba (1901), bem como o Instituto Serumtherápico Nacional (1901) fundado por Oswaldo Cruz (hoje Instituto Oswaldo Cruz) para combater a febre amarela. Neste aspecto, estas iniciativas de articulação entre pesquisa e ensino vão no sentido de se formarem quadros que pudessem dar continuidade à medicina experimental. Portanto, a atividade de pesquisa é que exigia uma atividade didática. Os outros institutos de ensino não conseguiam sair do academicismo e propulsionar atividades de pesquisa.” (AZEVEDO apud SANTOS, 1993, p. 7)

Este breve histórico sobre o sistema escolar nos serão úteis para o entendimento das questões presentes na pesquisa quanto às representações que dizem respeito a aura dos doutores formados na academia, que desde tempos longínquos se constituiu reduto escolar das elites, as associações do ensino secundários e superior à uma educação cara e para poucos, assim como às representações que suspeitam da real competência dos formados na academia, historicamente vinculada como abastecedora dos futuros cargos públicos e políticos na administração do país.

Em relação aos conteúdos curriculares, notamos a partir de uma breve análise das reformas ocorridas no limiar da República, o embate constante entre uma formação humanística, com raízes na formação jesuítica, e a demanda positivista da época que buscava o primado das ciências, seja no campo de constituição dos melhores métodos pedagógicos, seja na escolha das disciplinas que deveriam estar presentes nas escolas.

A Reforma Rivadavia instituída pela Lei Orgânica do Ensino, decreto de 05 de Abril de 1911, representou uma aposta nesses valores mais científicos. No intuito de dar um tratamento prático às disciplinas eliminou os diplomas do secundário, substituindo-os por certificados de aproveitamento. A responsabilidade pelos exames vestibulares foi transferida para as faculdades com o objetivo de eliminar o caráter propedêutico do secundário e atribuindo-lhe um caráter terminal e profissionalizante.



"Ao promover a desoficialização do ensino, ou melhor, o descomprometimento do Estado com o ensino fundamental e secundário, abriu maior espaço às escolas particulares e à importação de modelos estrangeiros, quando não os próprios estrangeiros para o ensino elitizado, como aconteceu no sul do país com colônias holandesas e alemãs e no interior do estado de São Paulo com as colônias norte-americanas." (SANTOS, 1993, p. 10)

Nova reforma - Carlos Maximiliano-, 1915, procura retornar ao cenário anterior, reduzindo o ensino secundário de 06 para 05 anos, mantendo os exames parcelados (preparatórios, vestibulares) e provas finais para os colégios particulares, porém sob a avaliação de bancadas oficiais nomeadas pelo Conselho Superior de Ensino. No que tange à análise de tais reformas, parecem bastante apropriado o destaque de Marcos Ferreira Santos à citação de SEVERINO (1986):

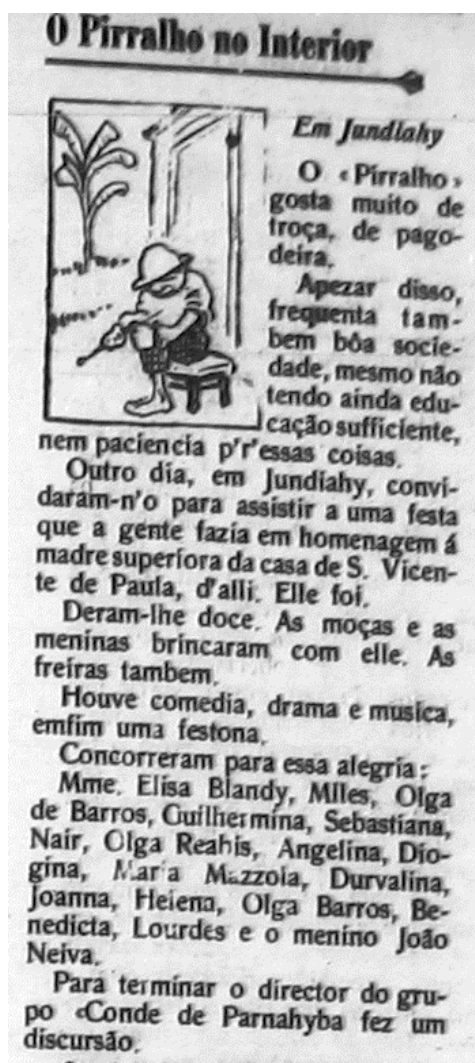
“Ditatorial ou liberalmente, o Estado empenhava-se, mediante sua política educacional, em garantir incólumes os interesses dessa classe dominante (oligarquias e burguesia urbano industrial), ao mesmo tempo em que não podia deixar de levar em conta, fazendo concessões devidas, os interesses da camada média e das camadas populares urbanas, segmento que, na história da República, cada dia mais se afirmavam como interlocutores que não era mais possível ignorar.” (SEVERINO apud Santos, 1993, 10)

Conforme estudo de Rosa Fátima de Souza (1998), o desafio de transformação social pela via da educação implicou em um esforço que conjugou vários fatores: organização e construção dos chamados Grupos Escolares, formação de professores pela Escola Normal - com adaptação ao método de ensino intuitivo - substituição do ensino tradicional pelo ensino simultâneo, implantação da seriação escolar e das classes

homogêneas. (SOUZA, 1998).

Esse conjunto de informações ajuda a compreender algumas das imagens e textos publicados em O Pirralho, como veremos a seguir.

#### 4.1. Lentes do humor sobre diferentes espaços de educação



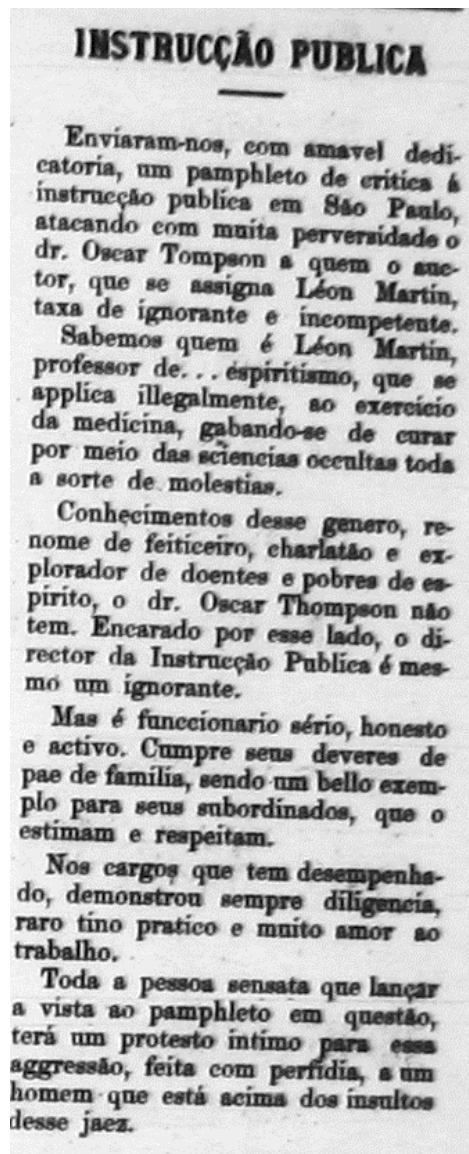
**Figura 3:** O Pirralho. São Paulo, 07 de Outubro de 1911, n. 9, p. 7

No texto da figura 3, retiramos algumas representações populares sobre "educação", vista como fator de distinção social e que toma muito tempo e sem valor prático quando O

Pirralho comenta que frequenta "boa sociedade, apesar de não ter educação suficiente e nem paciência para essas coisas". Outra representação popular a ser deduzida diz respeito ao "discursão" proferido pelo diretor do Grupo Escolar Conde de Parnahyba - escola criada por decreto de 22 de Janeiro de 1906, e instalado a 26 de Abril do mesmo ano - com um certo tom de humor, pois os discursos das autoridades políticas local, estadual ou nacional, em diversas ocasiões no periódico, eram criticados como longos e entediantes, a ponto de tornar a platéia sonolenta.

O Grupo Escolar Conde do Parnahyba pertence ao conjunto dos prédios escolares construídos pelos republicanos paulistas entre 1893 e 1922, aproximadamente, destinados à escolarização primária. Como outros, da capital e do interior, ele segue uma planta arquitetônica elaborada de acordo com o regimento dos grupos escolares então vigentes e possui fachada vistosa de modo a atingir a todos, os que o frequentavam como alunos e os que passavam pelas ruas centrais da cidade e poderiam ser impactados pela imponência e racionalidade do prédio. Para Ester Buffa e Gelson de Almeida Pinto (2002), projeto arquitetônico e projeto pedagógico estavam unidos neste plano espacial da escola e revelavam a importância atribuída pelo governo republicano paulista à instrução primária.

Mas a notinha sobre a inauguração da nova escola também está carregada de ambigüidade; se o tom é, por vezes, anedótico e satírico, há também uma nota social de divulgação das homenagens às personalidades ilustres da cidade, situação que talvez reforce a percepção do periódico como um lugar de intersecção de mundos diversos, ora afastando-se dos grupos aos quais seus próprios idealizadores também pertenciam, ora reforçando valores dele emanados. Por fim, é preciso atentar para a figura que participa da nota: o Pirralho caipira apresenta-se humildemente vestido a cortar as unhas do pé com o mesmo facão que utiliza para os trabalhos da roça. Tal desenho reforça os atributos quase sempre estigmatizantes vinculados à figura do caipira.



**Figura 4:** O Pirralho. São Paulo, 14 de Outubro de 1911, n. 10, capa

Essa condição ambígua da revista e de seus colabores é reforçada nesta outra matéria - figura 4 - na qual há uma clara defesa de Oscar Thompson diante das críticas formuladas a ela por Léon Martin. Tal posicionamento é indicativo da posição do jornal no que tange às questões relativas ao ensino laico e ensino religioso, práticas científicas e

práticas místicas. Como sabemos, Oscar Thompson participou da primeira geração de normalistas republicanos e, depois de uma passagem pela Escola-Modelo do Carmo, dirigiu-se em 1894 à Escola-Modelo anexa à Escola Normal da Praça da República. Nesta escola, na função de diretor, foi responsável pela implantação, em 1914, do Laboratório de Pedagogia Experimental no Gabinete de Psicologia e Antropologia Pedagógica. Tais medidas, para ele, garantiam o futuro da pedagogia pois a tornavam mais científica e, por isso mesmo, segura e precisa (Carvalho, 1997). Seu apego à ciência pode, justamente, ter motivado as críticas de que foi alvo. Mas a postura do periódico a favor de Thompson, ridicularizando seu “adversário” sinaliza para a localização social complexa do impresso que, pela boca de caipiras, ítalo-paulistas e outros personagens satíricos criticava medidas políticas dos republicanos mas, ao mesmo tempo, compartilhava valores ligados à ciência. Talvez seja possível pensar aqui sobre os “*passeurs culturels*” do historiador Serge Gruzinski (1999) que, pensando nas trocas culturais entre mundos coloniais, cria o conceito para compreender as trajetórias de sujeitos históricos que transitaram por diferentes lugares, levando consigo práticas culturais igualmente diferentes, disseminando-as para outros lugares e que, deste modo, ajudam a questionar certas hegemonias culturais construídas exatamente a partir de processos de colonização e globalização. No caso dos autores que escreviam no O Pirralho, bem como de outros escritores humorísticos, parece acontecer algo semelhante: possuidores de uma cultura letrada que os atrela às elites, são também difusores de linguagens, tradições e práticas populares bem como, muitas vezes, juízes dessas mesmas práticas.

As polêmicas entre religião e modelo laico de educação, entre elementos da tradição religiosa e características do positivismo que a esta tradição se opunham, são momentos nos quais tanto essa condição de “passeur” cultural quanto a ambigüidade de O Pirralho ficam mais perceptíveis. Outro exemplo é a nota crítica às atitudes de professores que, de tão positivistas, acabam por cometer “heresias” (figura 5):

# NA ESCOLA NORMAL



## São um René, mas ficam Renés Outras Irregularidades

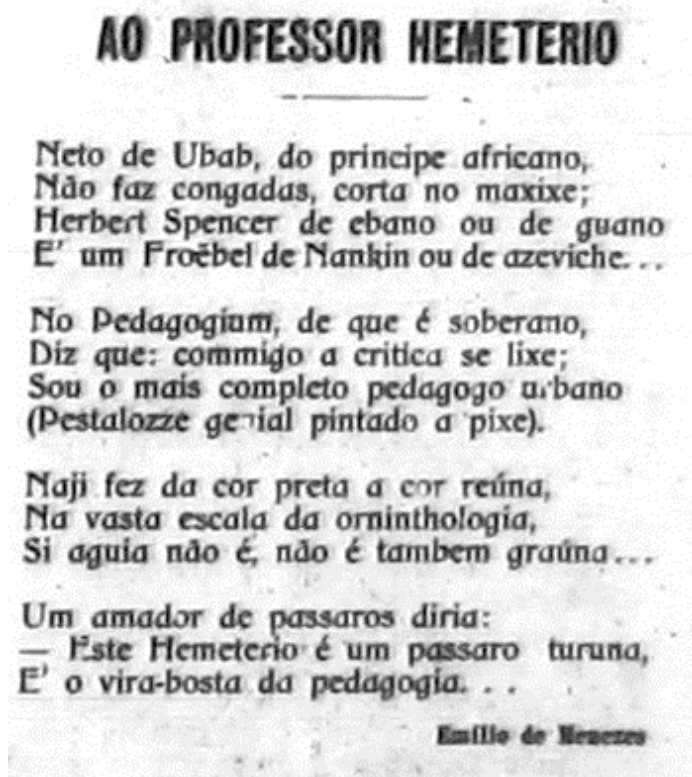
Houve inequívoca justiça da parte do governo, quando demittiu a b m do serviço publico, o professor René Barreto do cargo de lente da Escola Normal Secundaria.

Entretanto, aquelle acto do dr. secretario do Interior não serviu absolutamente de exemplo para os muitos professores daquella escola, cujos actos mais ou menos indecorosos são punidos pela mesma cartilha. Agora o caso é na Escola Normal Primaria. Ha professores que, não se compenetrando da sua alta missão de educadores, exorbitam das suas attribuições para, na propria hora de aula, dirigirem declarações de amor, desfarçadamente, ás suas alumnas.

Ha professores que perseguem moças, ás mais das vezes estudiosas e applicadas, pelo simples prazer de perseguil-as ou porque não lhes quizeram dar «tréla», como se diz na gyria.

Figura 5: O Pirralho. São Paulo 09 de Maio de 1914, n.142, p.

Há situações nas quais o humor é usado como crítica de modo bem mais aberto, repleta de ironia. Foi o caso, por exemplo, do poema assinado por Emílio de Menezes - figura 6 - publicado em O Pirralho em setembro de 1911. Com referências bem pouco elogiosas e carregadas de preconceito racial, o jornal satirizava a figura de um professor negro da escola normal, Hemetério, aparentemente pela soberba e autoritarismo que caracterizavam sua trajetória profissional:



**Figura 6:** O Pirralho. São Paulo, 02 de Setembro de 1911, n. 4, p. 5

Hemetério José dos Santos, filólogo, era professor da Escola Normal e, segundo alguns registros, envolvia-se com alunas, o que provocava a reprovação de sua conduta. Segundo informações obtidas em consultas bibliográficas, em especial na obra de Carlos Didier dedicada ao jornalista Orestes Barbosa, Hemetério gabava-se muito de suas

conquistas e as alardeava aos quatro ventos.

No que se refere à história da educação, e particularmente às dificuldades enfrentadas pelas crianças das classes populares para ingresso e permanência da escola, a revista traz ainda outras situações e, via de regra, questiona o trabalho daqueles que deveriam estar na escola. É este o caso da charge a seguir - figura 7:



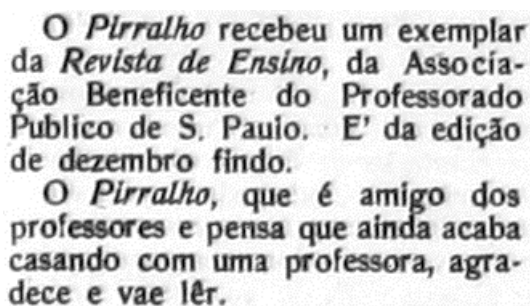
**Figura 7:** O Pirralho. São Paulo, 02 de Setembro de 1911, n. 4, p. 6

Esta charge faz uma crítica a uma situação grave que envolvia meninos e meninas usados nos processos fabris em um período em que se conclamava a necessidade de levar a alfabetização e o ensino elementar para um maior número possível de crianças. Esta



piada/denúncia demonstra o quanto a escola republicana ainda permanecia como espaço restrito a uma elite urbana, apesar dos ditos esforços discursivos de ampliação de uma escola de massas. Importante observar a figura do policial que, no primeiro desenho, com o dedo indicador gigante em riste e postura autoritária, põe final à apresentação musical em oposição à outra postura, do quadro seguinte, que apresenta um policial desleixadamente repousando encostado ao poste, de costas para as crianças que, em vão, lhe dirigem o olhar em busca de proteção.

Na revista *O Pirralho* eram freqüentes comentários, matérias e notas ligadas ao universo da educação em geral e à escola, de modo particular. Em fevereiro de 1912, a revista notificava o recebimento da *Revista de Ensino*:



O *Pirralho* recebeu um exemplar da *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. É da edição de dezembro findo.  
O *Pirralho*, que é amigo dos professores e pensa que ainda acaba casando com uma professora, agradece e vai ler.

**Figura 8:** *O Pirralho*. São Paulo, 10 de Dezembro de 1912, n. 27, p. 17

Este pequeno informativo reforça a idéia de que havia uma comunicação entre as várias imprensas e, neste recorte em particular, com outros setores letrados. Esta comunicação se dava tanto na forma de divulgação de outras revistas, como também na apropriação e recriação de um tema desenvolvido por um veículo e reaproveitado, principalmente pelo recurso humorístico d'*O Pirralho*, dando um significado diverso da notícia original. É possível que uma das matrizes principais deste intercâmbio de notícias, tenha sido o jornal *O Estado de São Paulo*, reconhecidamente porta voz do *Partido Republicano Paulista*. Este trânsito de discursos e idéias, que concedia representatividade a diferentes vozes sociais, são elementos constitutivos do conceito de polifonia, já tratado anteriormente e que nos auxilia a interpretar algumas passagens humorísticas d'*O Pirralho* e

investigar a proveniência de outros significados referentes a assuntos socialmente compartilhados.

A Revista de Ensino surgiu em 1902 criada pela a *Associação Beneficente do Professorado Público Paulista*, cujo empreendimento de abertura teve como líderes Fernando M. Bonilha Junior, na qualidade de presidente, Joaquim de Brito Ortiz como tesoureiro e Gabriel Ortiz como secretário. Segundo pesquisa de Denice Bárbara Catani (2003) sobre o ciclo de vida da Revista de Ensino, de 1902 a 1910, o periódico estava sob a tutela da ABPPP. Neste período a associação se propunha, conforme seu estatuto, defender melhores condições de vida e trabalho para a classe dos professores. Além do aprimoramento intelectual, a associação oferecia prestação de serviços de saúde, e assistência financeira em casos de moléstia, invalidez ou necessidade momentânea assim como assistência jurídica.

No período de 1911 a 1918 - o mesmo da nossa pesquisa - a edição e impressão da Revista de Ensino estão totalmente submetidas à Diretoria Geral da Instrução Pública, recebendo desta a orientação dos conteúdos a serem abordados. Nesta fase, segundo CATANI (2003), predominarão as "questões pedagógicas", com realce à problemática da boa orientação ao professorado, com oferta abundante de conselhos. Num momento posterior serão orientações com base no prisma psicológico, fase em que haverá numerosos artigos traduzidos provenientes da Itália, Argentina, Guatemala, França e Estados Unidos - com a intenção de apresentar as idéias correntes sobre educação no mundo todo. Em fase posterior, os debates pedagógicos se desdobrarão em temas que se consagrarão tais como os métodos especiais para o ensino de diferentes componentes curriculares, as questões relativas à disciplina escolar, e a preocupação com a educação moral e cívica da população, vista como tarefa primordial da escola. (CATANI, 2003)

As mudanças ortográficas ocorridas em 1912, com grande repercussão no ambiente escolar, foram também alvo da sátira do Pirralho, como podemos ver nas notas a seguir - figuras 9, 10, 11 e 12:

## EDITAL

### "COMARCA DA BEOCIA"

O dr. Polycarpo Banana, presidente do Club dos Polyglottas, faz publico aos que este edital lerem, ou delle tiverem noticia, indo por elle assignado, que para evitar duvidas de consequencias lamentabilissimas, resolveu o referido Club, por unanimidade de votos, que se escrevesse *sandeu* com *s* e não com *ç* cedilha, com *o* no fim e não com *u* e que se não puzesse accento, evitando assim as desastrosas consequencias dessa imprudencia. O famoso Achêo, cognominado Callicón, era assim que escrevia. (Diccionario da Fabula, edicç. de 1860, typographia Pelet, Paris, França). E manda que cumpram e façam cumprir como nelle se declara. O secretario do Club envie copia deste para os jornaes da comarca e um para o *Diario Official*.

Beocia, 7 de março de 1912.

(Assign.) POLYCARPO BANANA, presidente  
SEMICUPIO FRANÇA, secretario.

Figura 9: O Pirralho. São Paulo, 23 de Março de 1912, n. 33, p. 9

### A réforma órtógráfica

O sr. Irinéo Fôrjás préténde intróduzir na kórrespóndência oficiál do « Cêntro Akadémiko » a réforma órtógráfica adotáda pelo *Estado*. O cimpátiko prêsidente não tómará, porém, nêsse sêntido, mêdida algúma, enkuanto não rêsólvêr a gráfia do sêo nôme: tendo óvido que se déve éscrêvêr kómo se prônuncia, o sr. Fôrjás ainda não sábe se açinará *Ill-inéo* ou *Rineu*.

Se o espêrançózo môsso tivêçe o ingêgnio do dr. Pires Jermâno, já teria rezolvido a kuestão. Este não mênos futurôso jóven mandôu imprimir nas oficinas do *Pirralho* um cênto de kartões de visita com os dizêres:

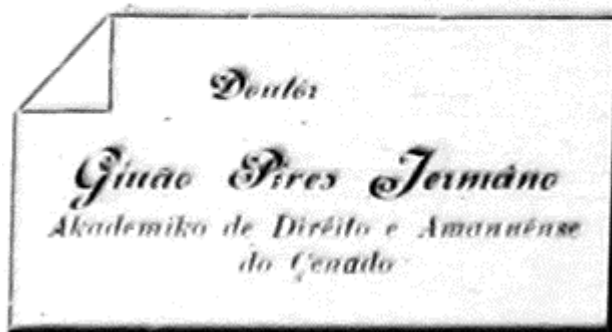


Figura 10: O Pirralho. São Paulo, 29 de Junho de 1912, n. 47, p.6

## Ecos da questão orthographica

### O "MEETING"

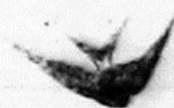
Ante-hontem à noite, no largo de São Francisco, ao pé da estatua de José Bonifacio, reuniram-se oitocentos e tantos professores publicos que assignaram a representação dirigida ao secretario do Interior a respeito da reforma orthographica. Depois de tocado o hymno nacional pela banda Fieramosca, subiu ao pedestal da estatua o professor Saturnino Barbosa, que proferiu o vehemente discurso abaixo transcripto.

-Almas de dromedarios e de burros! Aqui estamos reunidos para fazer ouvir a nossa voz num grito de angustia scientifica contra a retrograda e impensada attitude da policia que sequestrou o nosso mestre muito amado dr. Silvio de Almeida, sob o pretexto tão futil quanto irrisorio de que o venerando liberato estava subvertendo a ordem publica com as suas maravilhosas *Divagações*, esses primores tão maravilhosos quanto insuspeitos da litteratura indigena, tão admiraveis que se vou ler um pedaço para vós ouvides, o' concidadãos! *(O orador sacca do bolso trazeiro das calças um exemplar do "Estado de São Paulo" e começa a ler as "Divagações". Quatro individuos cáem fulminados pelo somno)*. Desgraçadamente, estou vendo que vós ainda não vos achaes sufficientemente preparados para supportar as catapultas fulminadoras dos periodos ma-

gnificamente sublimes e sublimemente magnificos desse campeão da reforma orthographica que se chama João Antonio Silvio Carlos de Aruda e Almeida, ou simplesmente, Silvio d'Almeida *(Ao ouvir o nome do autor das "Divagações", cáé fulminado de somno mais um cidadão. Vem a ambulancia e carregado para a policia)*. Sim, é preciso mostrarmos que somos homens livres e queremos sermos respeitados nos nossos imprescriptiveis e inalienaveis direitos de servidores da Patria, essa Patria tão amada cujo hymno nacional como que nos revolve as entranhas em haustos de patriotismo. *(Prolongada ovação)*. Sim, mais uma vez vol-o digo, nós estamos sendo villipendiados. *(Vozes: Muito bem)*. Corramos, pois, á policia, e arranquemos do calabouço infecto o nosso illustre mestre Silvio d'Almeida.

E' impossivel descrever o entusiasmo que se apossou da multidão que, cinco minutos mais tarde ululava em frente á policia, reclamando a soltura do sr. Silvio d'Almeida.

Depois de falarem muitos oradores, sem que ninguém da policia lhe respondesse, ficou resolvido que se encarregasse o dr. Demetrio Justo Seabra de impetrar *habeas corpus* a favor do novo Francisco Calvo.



Fumem ALFREDOS de Stenoer

Figura 11: O Pirralho. São Paulo, 20 de Julho de 1912, n. 50, p. 6



**Figura 12:** O Pirralho. São Paulo, 06 de Julho de 1912, n.48, p. 5

A reforma ortográfica iniciada pelo regime republicano português em 1911 e as discussões sobre sua adoção ou não também no Brasil, temas das notas anteriores, promoveram discussões acaloradas nos dois países. Em Portugal, a reforma foi feita por decreto que procurava, além da simplificação da língua, uma ortografia mais moderna que pudesse também simbolizar o novo governo. No Brasil, a adesão ou não às medidas portuguesas envolvia-se também com a questão de uma afirmação do nacionalismo lingüístico, com debates intensos que, vez por outra, entendiam ser a adoção da reforma aqui uma espécie de nova colonização. Em Portugal, a Comissão de Reforma Ortográfica estabeleceu uma ortografia simplificada a ser usada nas publicações oficiais e no ensino; no Brasil, tais reformas seriam defendidas pela Academia Brasileira de Letras que entendia que a unificação lingüística era positiva num contexto de intensificação de trocas comerciais, literárias e editoriais. As simplificações recomendadas pelas academias de Portugal e do Brasil sugeriam a eliminação das letras *k*, *y* e *w*, o fim do uso do *h* no meio

das palavras, com exceção do *ch*, *lh* e *nh*, assim como a substituição do *ph* pela consoante *f*. Propunham também a eliminação de consoantes que não tinham valor na palavra, como o *c* de *activo*, o *g* de *augmentar*, o *m* de *alumno*, *gymnasio*, o *p* de *optimo*, o *s* de *sciencia*. A proposta da reforma, portanto, era substituir uma ortografia mais antiga, etimológica, por associar a escrita às letras do alfabeto de origem greco-romano que constitui a tradição latina, por uma ortografia marcadamente fonética que procurava aproximar a escrita da fala. Daí muitos entenderem esta última como menos elitista (Cavalcante, 2009). No Brasil, tais propostas provocaram dois tipos de conflitos: entre portugueses e brasileiros em busca de uma língua mais genuína que fortalecesse a nacionalidade, e entre os próprios brasileiros; os professores, como demonstra uma das matérias anteriormente citadas, eram favoráveis à simplificação, apostando certamente nas facilidades do trabalho de ensinar. Alguns escritores mais conhecidos em Portugal tinham mesma posição por motivos editoriais. Do outro lado, os mais nacionalistas, entendiam que a língua deveria ser reformada, por aqui, a partir das peculiaridades locais.

O Pirralho parece se opor à reforma: na charge, um professor representado como antigo mestre escola, velho, orienta duas crianças a estudarem a fim de que pudessem manter as aparências diante da encomenda oficial de um estudo sobre a questão. Sua caracterização e sua fala parecem dizer que, para o chargista, tal discussão era antiga, enfadonha e desnecessária e, mais que isto, há também a crítica à nomeação feita pelo Estado, vista como inadequada. Na matéria intitulada Ecos da Questão Ortográfica, a postura parece ser a mesma, ridicularizando os discursos e as ações daqueles que se colocavam a favor da reforma pois o tédio e o sono são as reações dos que os ouvem. Indiretamente, há também uma crítica à posição dos professores. As outras duas matérias também criticam a proposta reformadora e unificadora das línguas, fazendo-o inclusive pelo próprio modo da escrita. Muitos dos que defendiam a adoção das medidas lusitanas enfatizavam as facilidades da ortografia fonética. Para questionar tais facilidades, O Pirralho escreve as palavras aproximando o modo da escrita e o modo da fala. Como resultado, um número expressivamente superior de acentuações que, além do riso, deveriam

promover também o questionamento dos argumentos favoráveis.

Ao final da querela, o acordo para a unificação, naquele momento, não foi estabelecido e, embora as razões para isto tenham sido várias, a medida resultou no fortalecimento de correntes lingüísticas mais formais, distante do falar das ruas, com ênfase na gramática e que deveria ser ensinada nas escolas. As piadas envolvendo os defensores da ortografia fonética podem também ser indicativas de uma resistência em abrir mão de um linguajar sofisticado que, mesmo por contraditórias razões, se constituía também em um delimitador de classes sociais. Por fim, colocando os defensores da reforma como moradores da Beócia, a revista também afirma sua oposição uma vez que tal comarca teria o mesmo nome da antiga província grega habitada majoritariamente por pobres e esfarrapados, ironicamente aludindo a sua ignorância, caráter simplório e boçalidade.

**A viuva Accacia** ● ●  
● á senhorita Yvonne

*Minha amiguinha:*  
mil beijinhos.

Eu, ás vezes, leio Anatole France. Uma senhora da minha idade não tem remedio senão ler para passar o tempo. Aos cincoenta annos, não é como aos vinte, que se gastam horas a repetir mentalmente uma palavra do noivo ou do maridinho. Como é triste ser velha!

Principalmente quando não se tem o que fazer, a velhice é dura. As mãos dormem e o coração vela. Eu daria tudo por ter em que me ocupar, nos momentos de tédio. Tédio de velha, queridinha, é um martyrio. Porque — desmascaremos — isso de dizer que aos cincoenta annos não se repetem mentalmente as palavras de amor segredadas pela bocca desejada — é «fita». E aos cincoenta essa repetição é ainda mais triste do que aos vinte. Porque a bocca desejada nos fala de muito longe... do tumulo, como se dá commigo...

«Nul n'a le droit de juger ceux qui aiment», leio em Anatole France. É uma citação que elle faz do romance *Jeanne Avril* de Bonnières.

Quem assim fala é a heroína do livro. Eu não sou heroína de livro algum, mas posso exigir de ti que não zombes deste desabafo meu.

\* \* \*

Como te disse no principio, leio, ás vezes, Anatole France. Caiu-me um dia destes o olhar numa pagina suggestiva da «*Vie litteraire*» — «*La jeune, fille d'autre - fois et la jeune fille d'aujourd'hui*». Quanta verdade, queridinha, transparece da gaze fluida de ironia em que Anatole envolve o seu calmo scepticismo!

\* \* \*

A princezinha Massalska escreveu, dos nove aos quatorze annos, o diario da sua vida. Diz Anatol: que já aos nove annos ella escrevia mui o bem.

Isso foi no seculo XVIII. Hoje, aos nove annos, creio que as princezas ainda não sabem ler. As raças reaes tem degenerado.

No seu diario, conta a princezinha a vida que levava no convento onde se instrua e onde teve como collega mademoiselle de Bourbonne. Esta mademoiselle de Bourbonne casou aos doze annos. Casou, não; casaram-na.

Que barbaros tempos!

Continuaç.



Sim, que barbaros tempos!  
«Ensinavam-se, dil-o Anatole, ensinavam-se ás herdeiras das melhores casas de França os mistéres domesticos. Eram occupadas successivamente na rouparia, na bibliotheca, no reitorio, na cozinha e na enfermaria. Aprendiam a bater roupa, varrer quartos, pôr a mesa cozinhar.  
Esse ensino valia bem o da mineralogia e da chronologia, de que hoje tanto nos orgulhamos. Mostrava aos ricos que se não deve desprezar os pobres, que o trabalho não avilta e que ser nobre não é estar sempre com as mãos ociosas».  
E era só o que eu tinha a dizer-te, queridinha. Queria mostrar-te que Anatole France pensa commigo num ponto importante: saber se se deve ou não ensinar as moças a tomarem conta de uma casa.

Beija-te a sempre

Figura 13: O Pirralho. São Paulo, 27 de Abril

de 1912, n. 38, p. 6

Este texto - figura 13 - escrito como carta trocada entre amigas, fornece alguns elementos da "Educação Informal" que as mulheres deveriam receber, na opinião de pessoas mais conservadoras, apresentando resquícios das mentalidades que acreditavam ser a esfera doméstica o único domínio feminino, em uma época em que as mulheres já ocupam um espaço profissional no âmbito das escolas. Quem assina a carta, com os exemplos citados, parece dizer duas coisas: hoje os tempos são outros e é preciso que as moças se eduquem, especialmente por meio de leituras construtivas; na contramão, as moças parecem cada vez mais fúteis, especialmente "as princesas" que têm "degenerado", provavelmente uma crítica ao comportamento das jovens das elites.

A formação da mulher era temática freqüente no Pirralho e muitas foram as alusões ao ensino Normal destinado à formação dos professores primários em tempos de profunda feminização. Embora a carreira do magistério feminino tenha sido interpretada por muito tempo como concessão dos homens em relação às mulheres numa sociedade ainda muito marcada pelo machismo. Contudo, é importante lembrar que as Escolas Normais tiveram um relevante papel na vida social das mulheres, libertando-as do enclausuramento doméstico, dando-lhes a opção de se instruírem e ingressarem no mundo do trabalho pela porta da escola.

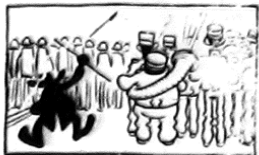


### O "Pirralho" visita a Escola Normal

Accedendo a instantes convites do director da Escola Normal, o Pirralho visitou um dia desse afamado estabelecimento de ensino, levando consigo um bandão de caudatarios — dr. Cartola, Conselheiro A. Cancio, etc. — aos quaes a esperança de um *lunch* puzera agua na bocca, e o pessoal da casa — Juó Bananere, Peterslein, Ambrosio da Conceição, etc.



Ao chegar o Pirralho com o seu sequito á porta da Escola, a banda de musica Fieramosca tocou um dobrado e soltaram-se foguetes, cujas varas eram logo apanhadas pelo Barjonas, que se achava por ali.



Depois dos cumprimentos do estylo, houve sessão literaria com recitativos e injeções correlativas, abrilhantada por um discurso do Juó Bananere, que poz terra em todos. Foi tão apreciado o nosso collaborador, que teve de recitar a celebre poesia de Gonçalves Dias *Minha terra tem palmeiras*, o que lhe valeu ser carregado em triumpho pelas normalistas até uma

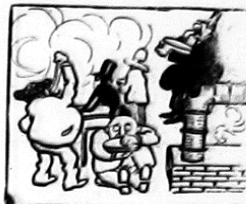


casa do largo do Arouche onde funciona o curso de cozinha da Escola Normal, curso de que é principal ornamento a *Mariquigna*, filha do illustre autor das *Cartas*

d'Abaxo-Pigues. A sympathica mo-



çoila saudou o Pirralho, que encarregou da resposta o dr. Spencer Vá pr'elle, que, no largo do Arouche, havia adherido á comitiva do Pirralho.



Começou, então, a mastigo. O dr. Cartola, sentado na chaminé, avançou numa tacha de goiabada, Juó Bananere no macarrão, Ambrosio da Conceição no melão e com mandioca, o dr. Spencer Vá

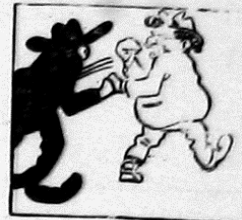


pr'elle nuns *nougats* japonezes, e o conselheiro A. Cancio na canjica.

O dr. Cartola quiz fazer um bestialógico, mas o Bananere não deixou, e foi o nosso collaborador quem iniciou a serie de brindes, erguendo uma garfada de macarrão «pela saúde e prosperidade da Escola Normal.» Todo mundo fez discurso, menos o Peterslein, que só desviava a bocca dos *chopps* para metter o dente nos *sandwiches*.

Finda a comezaina, offereceram chá a todos, menos ao pessoal do Pirralho. Como sobrasse muito chá, Juó Bananere saiu, agarrou na

rua o Burjonas, que estava apa-



nhando varas de foguete, levou-o para a sala do *lunch* e tel-o beber o resto.

A' noite, no edificio da Escola Normal, ho ve baile, offercido ao Pirralho, que dansou com a moça



mais bonita. O Juó Bananere dansou com o doutor Cartola.



**Um caso interessante** foi o que se deu ha poucos dias com os jornaes. A solerte reportagem fazejou que o presidente do Estado fazia annos num dia 6 e — zis! — toca a trombetear, que era no dia 6 de junho. As redações tossiram, conspicuas. Foram consultados os dictionarios. Escreveram-se — facto pasmoso! — escreveram-se noticias, com as mãos, sem fesoura nem gomma arabica, o que lança um raio de luz consoladora na treva em que iam mergulhando as letras jornalisticas.

O presidente do Estado faz annos! Que delicia!

O proprio *Correio Paulistano*, sempre tão accaciano quanto bem informado, res'andeceu de jubilo. Barjonas tomou longos appetitivos e concebeu e deu á luz quatro ou cinco linhas através das quaes os leitores do *Correio* viram a caraça do negro illuminada por um contentamento irrefavel!

Pobres chaleritas! Que decepção!

Ha saúde em ————— cada gotta de **VINOL**

Figura 14: O Pirralho. São Paulo, 15 de Junho de 1912, n. 45, p. 12

Nesta "estória em quadrinhos" - figura 14 - personagens d'O Pirralho como Juó Bananére (imigrante italiano de Alexandre Marcondes), Ambrósio da Conceição (caipira de Cornélio Pires) e Petereslein (editor d'O Birralha) fazem parte da "respeitosa" comitiva que visita a Escola Normal, juntamente com Dr. Cartola e A. Cânciao. O encontro foi marcado por fogos de artifício, chás da tarde preparados pelas alunas e discursos, os bestialógicos. A revista valoriza os dotes domésticos e físicos das normalistas, reiterando uma imagem romântica da "professora" associada à casa e à família.

Relacionado ao universo acadêmico e à erudição dos doutos paulistas, o tema dos discursos e sua ridicularização é também constante nas páginas do Pirralho. Professores, políticos, advogados, literatos são satirizados por meio de referências ao pânico provocado por seus prólogos, sono, fugas em massa, entre outros. Ao criticar o discurso, a revista critica também aqueles que o proferem, entendendo que seus diplomas, suas carreiras e suas falas são, quase sempre, desprovidas de sentido.

Alguns exemplos dessas situações aparecem a seguir:

## Discurso gorado

Vocês vão pensar que o *Pirralho* está brincando, mas é serio: o *Pirralho* vae fazer um bestia.

Um bestia por escripto. Estão admirados? Pois ouçam lá.

Quinze dias antes do dia 7 de Setembro, o *Pirralho* foi convidado pelo conselheiro Rodrigues Alves e pelo dr. Altino Arantes para fazer o discurso official nas festas do Ipiranga. Imaginem o alegrão. Mais que depressa, o *Pirralho* foi ao Alves, consultou o Medici, foi ao Garraux, consultou o velho Michel, comprou aos dois livreiros quatro duzias de livros e trancou-se no quarto para escrever o estupendo bestialógico destinado a ser impingido de improviso ao povo no dia 7.

Manigancias que não vem a pello esmucar permitiram ao dr. Eugenio Egas usurpar impunemente a honra conferida ao *Pirralho*.

Mas o dr. Eugenio Egas está muito enganado se pensa que o *Pirralho* fica quieto. Aqui vae o bestia, p'ra moer:

— Sr. presidente, srs. secretarios, excellentissimas senhoras, queridas meninas (aqui o *Pirralho* pretendia piscar para as pequenas), concêda-dão.

Ao receber o honroso convite com que o distinguio o governo para proferir o discurso official neste momento solenne, o primeiro movimento do *Pirralho* foi francamente de surpresa, por ver que a sua importancia já havia sido levada nas cristas da onda popular ás emi-nencias da governança! Recusar, era impossivel. Que fazer? Aceitar. E o *Pirralho* aceitou a magna incumbencia, com quanto esteja conscio do que a vozes mais autorizadas deveria caber o encargo de fazer este discurso.

O momento é solenne, bem o sabemos, mas que importa? *Audaces fortuna juvat*, como diz Aristoteles.

Meus srs., como todos vós sabeis, São Paulo está pôdre de rico. O café está alto e, quando vae bai-

xando um pouco o preço da preciosa rubiacea, o *Pirralho* arranja com o dr. Belfort de Mattos uma geadá que pôe tudo nos eixos.

Ora, meus srs. e, principalmente, minhas adoradas amiguinhas, quando um sujeito é rico, tem obrigação de mostrar-se á altura das circunstancias. E' o que se dá com São Paulo.

Como todos sabem, d. Pedro I, quando Portugal quiz fazer uma intervenção no Brasil, estava dando um passeio no alto deste morro, isto é estava em São Paulo. E foi aqui que elle, damnado da vida com os boatos de intervenção, resolveu virar bicho e acabar com a massada de uma vez.

D. Pedro I ficou sendo assim uma especie de nosso avô, porque separou o Brasil de Portugal, isto é inventou o Brasil. Aqui ha um embrulho dos diabos, que eu não sei como explicar. A Historia diz que quem descobriu o Brasil foi Christovam Colombo ou Pedro Alvares Cabral — já não me lembro bem — mas eu cá pelos meus estudos, cheguei á conclusão de que quem inventou a nossa Patria foi d. Pedro I, pois, antes da independencia, o Brasil e Portugal, mal não comparando, eram o mesmo que uma banana incoinha.

O que eu quero dizer é que d. Pedro I é avô de todos nós, porque foi elle quem tomou o Brasil de Portugal. Ora, um neto rico, millionario, como São Paulo, não havia de fazer uma bruta festa no dia de hoje? Que é um boi p'ra quem tem sete fazendas? Mas que festa é que se havia de fazer? Um baile para as moças dansarem? Uma parada para os soldados marcharem?

Ouvindo mentalmente essas e outras interrogações, o presidente do Estado e o secretario do Interior foram ter com o *Pirralho* e pediram a sua opinião.

O *Pirralho*, então, lembrou-se dos seus amiguinhos, dos seus camaradas, e deliberou praticar uma, boa acção.

Em vez de festas inúteis, porque o governo não haveria de fazer festas uteis? Em vez do apparatus, porque não a significação moral?

Em vez do exhibitionismo, porque não o patriotismo? (1)

E correspondendo á confiança nelle depositada pelos srs. conselheiro Rodrigues Alves e dr. Altino Arantes, o *Pirralho* aconselhou-lhes:

— Querem vossas excellencias saber de uma coisa? Em vez de estarem ahi com historias, façam uma festa da creançada. Quem ouve falar em Patria desde pequenino, fica patriota por força. Levem a meninada para o Ipiranga e arran-jem lá uma coisa bonita.

Como vêdes, gentilissimas amiguinhas, o conselho do *Pirralho* foi ouvido, e o governo mais uma vez acertou, graças ao conselheiro que tem.

Não resisto ao prazer de contarvos que o presidente, depois de aconselhado pelo *Pirralho*, encomendou para nós todos uma sandiwichada em que avançaremos no momento opportuno, e o dr. Altino mandou trazer para cá uma tal quantidade de bombons, que vae dar para nós chuparmos até quinta-feira.

Mas o que é mais importante é que depois de amanhã é feriado! Tres feriados em seguida! Dizei-me se é ou não é sorte!

E tudo isso graças cá ao dégas, que não se esquece de patrocinar as boas causas.

E agora, dirigindo-me mais especialmente aos meus amiguinhos, dir-lhes-ei: Vocês são creanças, mais creanças do que eu, não sabem de certas coisas. Mas fiquem sabendo que ha governos que avançam no cobre do povo e enchem com elle o pandulho dos afilhados, por meio de negociatas que constituem a apothese da desonestidade. O governo de São Paulo — não. Não só nos quer bem, não nos deixa crescer analfabetos como tantos sujeitos que conhecemos, mas tambem, por amor da Patria nos ensina a ama-a. (2)

E além do mais, em vez de esbanjar o dinheiro do povo, applica-o tão bem que ainda sobra com que comprar sandwiches e bombons para nós, ao passo que fiquem certos disto — muitos, ge-

(1) O *Pirralho* confessa que esse pedacinho bonito foi copiado.

(2) Este pedacinho tambem foi copiado.

Figura 15: O Pirralho. São Paulo, 14 de Setembro de 1912, n. 58, p. 8

Para o Pirralho, alguns discursos eram vistos como bestialógicos, porque repleto de idéias e palavras incompreensíveis. Nas palavras de Almeida Nogueira:

“estava em moda a poesia, mais tarde conhecida por *pantagruélica*, que consistia em dizer disparates, sabendo-se que o eram: o que exigia agudeza suprema de espírito.” (NOGUEIRA, 1908, p. 19).

Ou ainda na definição do Dicionário de Termos Literários:

“Assim se chamava o tipo de poesia, também denominado *pantagruélico*, cultivado pelos moços que, em meados do século XIX, faziam o curso de Direito em S. Paulo. Como o nome sugere, trata-se de uma composição em verso, ou mesmo em prosa, caracterizada pela ausência de lógica.” (MOISÉS, 2004, p. 54)

Considerando a definição acima, parece fácil compreender a charge publicada no Pirralho em 08 de junho de 1912, indicando que vários daqueles que proferiam discursos, na verdade, cuidavam apenas de aglutinar idéias vagas, oriundas de diferentes livros, sem conexão entre si, mais dispostos a mostrar a própria empáfia do que a promover um diálogo com o ouvinte.



**Figura 16:** O Pirralho. São Paulo, 08 de Junho de 1912, n. 44, capa

## Exposição de Pintura

O pintor Torquato Bassi expõe 23 quadros á redacção do *Correio Paulistano*.

A maior parte dos trabalhos já foram adquiridos e ha alli, no entretanto um *porquê* com magnífico effeito de luz e um outro trabalho (*largo de S. Bento á noite*) que bem merecem figurar numa galeria. Bassi tem progredido muito e é por isso que sem *reclame* tem sempre quem adquira os seus trabalhos.

Mocinhas! Peçam ao seu papá e sua mamã para ir ao chá do *Majestic*, que o *Pirralho* promove depois dos espectáculos chics do *Radium*, ás quartas e aos sabbados.

Ainda não se sabe se, consummada a mutua adhesão Hermes-Rodrigues Alves, o professor Faustino aceitará o lugar de director do serviço Sanitário.

Os nossos gazeteiros têm cócegas. E' falarem-lhes em accordo, já estão a se coçar, sem saber de que fre-

guesia são, isto é a que partido se alugaram.

Teem os srs. reparado no assanhamento com que elles se puzeram a engrossar o mano do Marechal?

Oh, cavalheiros! Que é isso? Olhem que dão cabo do homem!

## Alma Infantil

No curto espaço de um registro, como quem diz o «recebemos e agradecemos», é que diremos de *Alma Infantil*, de d. Francisca Julia e Julio Cesar.

S. Paulo, (onde o ensino está bastante difundido) não tem adoptado um livro que preste: a carunchosa *Cartilha Galhardo* ainda é a obra prima dos nossos escriptores didacticos.

*Alma Infantil* é uma collecção de versos magnificos em que não ha o rebuscado a que chamam arte certos poetas.

O verso é simples, facil: a simplicidade artistica, que é a melhor forma da arte.

Os seus autores são sobejamente

conhecidos para que delles nos occupemos mais: Francisca Julia, das *Esfinges* é o maior poeta parnaziense da lingua portugueza, e Julio Cesar, é o autor de versos magnificos da «Morte de Pierrot.»

Um livro como *Alma Infantil* merece ser adoptado nas nossas escolas.

J. R.

## GONOCEINA

Attesto que tenho conseguido os mais satisfactorios resultados com a GONOCEINA — formula e preparação d' pharmaceutico Samuel de Macedo Soares, nas affecções inflammatorias das vias urinaarias; catarrho da bexiga, blenorrihagias. E' um preparado que me inspira confiança, e por isso o prescrevo sempre, certo de seus bons effectos nos casos indicados.

Dr. J. Cardim Pinto.

A GONOCEINA encontra-se nas principais pharmacias e drograrias e no Deposito Geral PHARMACIA AURORA, Rua Aurora, 57 - 8 Paulo.

Figura 17: O Pirralho. São Paulo, 16 de Novembro de 1912, n. 66, p. 15

Há neste recorte - figura 17 - a divulgação de um livro que, sugere-se, seja adotado no ensino infantil, em oposição ao ultrapassado uso da Cartilha Galhardo. Esta nota nos permite pensar que a infância começa a ser pensada nas suas especificidades e que o campo pedagógico está se delineando a partir de uma discussão mais consistente sobre os métodos mais adequados de alfabetização e sobre conteúdos adequados à escolarização de crianças. Além disso, mostra que o periódico tratava de assuntos que preocupavam diversos segmentos sociais e profissionais, enfatizando a sua importância quanto à penetração por variados leitores e como meio de circulação de idéias relevantes nas discussões prioritárias da sociedade paulista, tais como a educação.

Outro tipo de referência indireta à escola e à educação presente nas páginas do Pirralho é a charge política feita a partir do uso, no desenho, de elementos relativos ao universo escolar. Na figura de professores e alunos e em cenas “típicas” da sala de aula, políticos de grupos variados são alvos do traço afiado dos redatores e ilustradores da

revista.



**Figura 18:** O Pirralho. São Paulo, 06 de Setembro de 1913, n. 107, p. 9

Na charge acima, o líder da Câmara adquire ares de um professor autoritário, com palmatória nas mãos, pronto a castigar os alunos, possivelmente os deputados da Câmara. O professor/líder tem um tamanho maior do que os alunos, numa clara alusão à sua força política. Os alunos/deputados são bem menores, ou seja, fracos e submissos. A imagem também transmite uma situação de humilhação pelo aluno que usa chapéu de burro e pelo outro que está de joelhos suplicando não receber o castigo. Importa observar, contudo, que, se o alvo da chacota são os políticos, o desenho atinge também os professores, reiterando representações que associam sua figura ao autoritarismo, violência física e violência simbólica.

Este humor, que na realidade traz uma crítica política, incorpora elementos da

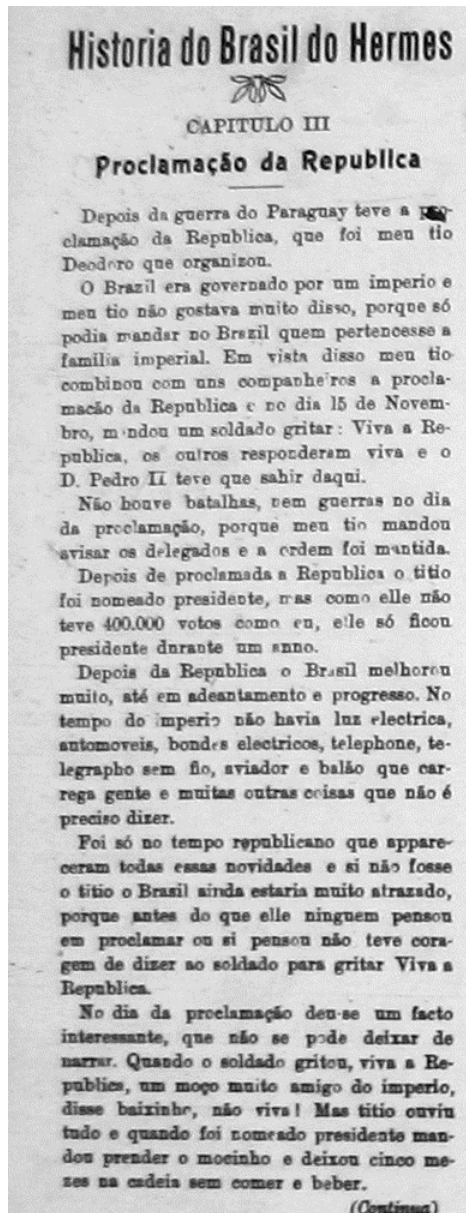
escola para reforçar valores tais como hierarquia, força que advém da liderança, relação de poder baseada em represálias, valores que estariam presentes na escola/educação da época. O próprio medo estampado nas fisionomias dos alunos/deputados é sugestivo de uma relação de poder em que o lado dominador exerce e se prevalece da posição de autoridade que lhe é conferida. Ao usar a designação “mestre-escola”, o conservadorismo e o autoritarismo são ressaltados como atributos docentes. Assim, embora não se trate de uma charge sobre a escola, os desenhos reproduzem uma cena escolar e, deste modo, ao ridicularizar a ação política, questiona também uma tradição. Jangote, apelido familiar de João Severiano da Fonseca Hermes (1855 - ?), irmão de Hermes da Fonseca. Formado em Direito, exerceu o magistério e o jornalismo. Foi nomeado para um dos tabelionatos do Distrito Federal sob a presidência de Campos Sales. Eleito para a Câmara dos Deputados em 1911, tornou-se líder do governo. Foi reeleito Deputado, pelo P.R.C., em 1912.



**Figura 19:** O Pirralho. São Paulo, 05 de Abril de 1913, n.85, p. 5



Nesta caricatura - figura 19 -, a palmatória e o professor disciplinador, constituem-se em elementos de um espaço escolar ultrapassado, mas este modelo antigo escolar fornecia ainda imagens persistentes no imaginário coletivo, a ponto de serem usadas em anedotas para ressaltar o caráter autoritário, porém respeitoso advindo das verdadeiras lideranças, com traços de governo forte. Estas imagens da palmatória e do professor severo não estavam tão longínquas do universo mental da época. Infelizmente, nem sempre foi possível identificar diretamente os personagens em jogo nas imagens aqui apresentadas, tarefa que demandaria uma pesquisa iconográfica intensa junto a outras fontes, em especial outros periódicos publicados simultaneamente ao Pirralho. Woodrow Wilson, provavelmente referenciado na primeira gravura, foi presidente dos Estados Unidos entre 1912 e 1921. As diferenças entre sua postura, especialmente os trajes de adultos e a atitude mais firme, contrastam com a segunda gravura, ao lado, onde a obediência é entendida como um capricho infantil, numa alusão, provavelmente, às atitudes de Hermes da Fonseca.



**Figura 20:** O Pirralho. São Paulo, 03 de Janeiro de 1914, n.124, p.2

Neste texto - figura 20 - mais uma vez a figura de Hermes da Fonseca é colocada em situação de pouca cultura, ao usar, segundo o criador da piada, um vocabulário bastante limitado, dando a impressão de um falar correto, mas sem uma articulação mais complexa, algo infantil. O conteúdo é irreverente ao mostrar uma interpretação familiar e intimista do que foi o grande evento da Proclamação da República, que pelo discurso oficial deveria ser

considerado um divisor de águas mas neste artifício humorístico ganha ares de banalização de um ato que deveria ser heróico. Os conteúdos escolares são usados de maneira irreverente, demonstrando um reconhecimento de que as versões históricas oficiais podem ser manipulativas e que consagram os grupos que estão no poder.

## O "PIRRALHO" NAS ESCOLAS

---

### Antonio de Moraes Sarmiento

E' da velha cidade de S. João Nepomuceno onde ha já uma cadeira de vereador a sua espera.

O perfilado de hoje, é um rapagão, ódrado, forte, risonho, amavel ao extremo; quem delle se approxima só respira sympathy, delicadeza.

Estudioso não digo, porque o nosso Sarmiento pensaria talvez que o perfilista fosse discipulo do Eça.

Não obstante isso, o seu curso é bom, e como não, se Moraes Sarmiento, consegue vencer rapidamente num mez materia que outros, só o conseguem no decorrer de um anno.

A sua vida de estudante está cheia de sorrisos femininos; della nada direi porque..

Desde creança Moraes Sarmiento tem uma Obsessão: Poder juntar ao seu bel o nome o Dr.

Na rua só se ouvia Dr. como estd... o Dr. passa bem?

Rempli de moi-méme... esboçava um sorriso de satisfação ao ouvir o povo de minha terra pronunciar o meu nome com o Dr.

No tribunal, o respeitavel juiz abre a sessão e diz: levante-se o réo para ser interrogado.

Como se chama?

Jacintho Dóres...

Que idade tem?

Quarenta annos...

Tem advogado?

Tenho, sim sr, é o Sr Nhonhô Sarmiento... (hilaridade...)

E Moraes Sarmiento jurou nunca mais fazer defeza em sua terra natal...

BENTO D'ALASCAR

---

### Gontran Reis

De boa estatura, claro, nariz e olhos pequenos, cabellos pretos repartidos a Santos Dumont, deixando a descoberto uma testa larga sulcada já por algumas rugas, um bigodinho caprichosamente aparado, eis o nosso perfilado de hoje com o seu ar mystico.

Veste-se sempre ao rigor da moda e com muito gosto.

E' um 5.º annista que nós muito acahamos, não só pela sua robusta intelligencia, como pela sua maneira de perfeito cavalheiro.

† † †

Jaz aqui Clovis Ribeiro,  
Que em vida foi infeliz  
Na cova não coube inteiro,  
Ficou por fóra o nariz.

† † †

E' a maior das maravilhas,  
Caber num pequeno canto  
O talento de dez milhas  
Do Carlos Alves Taranto.

† † †

Afonso Dias, mineiro  
Lá das bandas do sertão,  
Falleceu — diz o coveiro —  
De grippe de pretensão.

† †

Não sei bem se tu me entendes  
Transeunte descuidado?  
O Vestim cá sepultado  
Decora ainda o Zé Mendes.

Godofredo Marques

† † †

Exposto ao ar que constipa  
E á poeira que asphyxia,  
Godofredo Marques Pipa  
Muito contente vivia

Mas de medo de soffrer  
De uma bomba o mau effeito,  
Veio afinal a morrer  
E aqui jaz em pó desfeito.

ZELADOR

---

Não ha coisa mais gostosa  
Do que esta que vou contar:  
Faltam só vinte e dois dias  
Pr'o Hermes desinfectar...

---



Forem, antes de obtel-o já o nosso amigo teve o seu desgosto.

Numa roda de collegas um dia destes, Sarmiento contava as suas impressões quando regressou á casa depois de um tirocinio academico de quatro annos.

Dizia elle em sua estacão como é de praxe nessas cidades do interior, fui recebido pelos amigos á frente da «Enterpe Nepomucenenses» muitos rojões subiram aos ares flores discursos etc., etc., enfim um festão.

Tres dias apor a minha chegada, tive um convite para defender um rio.

Avaliem voces o meu sperto; furtar-me ao convite não me ficava bem, pois, todos só me tratavam com o devido Dr. era dr. pra cá dr. pra acolá, enfim, não chegava para as encomendas.

Accentui.

No dia seguinte, lá fui para o tribunal.



Para as nossas *estudantadas*, nunca o convidámos porque de antemão sabemos que embora não as reprove nellas não se inclue... a razão disso, disse-me um collega, é que o *Papaestahu* ainda não deu a chave da porta.

O curso deste bóm amigo é brilhantissimo, pois desde o inicio até hoje só obteve distincção; é portanto candidato ao Pantheon

Figura 21: O Pírrallo. São Paulo, 24 de Outubro de 1914, n. 158, p. 12

Esta coluna - figura 21 -, que se repete em alguns números d'*O Pirralho*, pretendia descrever alguns perfis de estudantes da Academia de Direito de São Francisco. A leitura do humor presente em algumas linhas, demonstra que havia uma representação sobre os estudantes que duvidava da real competência que o estudo proporcionaria. Alguns comentários, tais como, “*Desde criação Moraes Sarmiento tem uma obsessão: poder juntar ao seu belo nome o Dr*”, numa alusão à busca frívola apenas pela pomposidade do título, que proporciona ao seu portador prestígio social e um futuro político.



**Figura 22:** O Pirralho. São Paulo, 21 de Fevereiro de 1914, n. 131, p. 15

Esta caricatura - figura 22 - traz uma crítica reveladora da discrepância entre os discursos que alegam o sucesso do empreendimento escolar que, ao usar frases de efeito como "*o apoio da instrução pública*", não falam da realidade que era a distorção na concentração dos esforços de qualidade do ensino entre as zonas rural e urbana. Faltam professores e, no caso da zona rural, nem mesmo a cabeça do professor é vista no desenho,

o que pode sugerir que os problemas eram tanto de quantidade de docentes quanto de qualidade do trabalho. A charge também denuncia o fato de que a escolarização se processou predominantemente na capital, mostrando as fragilidades do projeto republicano.

**Custa a crêr** que no Brsil, no Estado de Minas-Geraes, haja uma localidade em que toda a população saiba lêr e escrever! Pois, isto é verdade. Quem nol-o affirma é pessoa que merece inteiro crédito — o sr. dr. Ennes de Souza. Sua senhoria, de regresso daquelle Estado communicou á Liga Brasileira Contra o Analphabetismo, no Rio, que em Villa Nova de Lima (Morro Velho) não ha mais analphabetos, graças aos esforços do sr. Chalmers, director da *S. João d'El Rey Gold Mining Company Limited*. Esse salutar resultado foi obtido, como se vê, pela iniciativa particular... Os institutos officiaes, sós, não são sufficientes para o numero elevadissimo de famintos do pão do espirito. No facto que vimos de mencionar, a par da alegria de vermos um punhado de patricios liberto da triste condição de cegos com vista, sentimos a tristeza de ser essa obra o producto do esforço estrangeiro, como que a censurar-nos a incúria com que vamos arrastando a geração actual em demanda de um futuro no qual a victoria dos agrupamentos humanos será alicerçada na educação e na instrucção intensa .

**Figura 23:** O Pirralho. São Paulo, 2º quinzena de fevereiro de 1917, n. 232, p. 13

O recorte acima evidencia que outros canais de alfabetização coexistiam com o modelo oficial escolar e com mais sucesso segundo o próprio texto. A instrução aqui é colocada como "pão do espírito", uma clara representação que vê na cultura escolar a escada para a superioridade espiritual. Aqui prevalece a lógica da hierarquia cultural que considera "pobre de espírito" aquele que não recebeu uma formação nos moldes da cultura

erudita.

O trocadilho no amor



— Vamos, não seja burguesa, saia das normas.  
— Não posso. Sou normalista.

**Figura 24:** O Pirralho. São Paulo, 22 de Junho de 1917, n. 239, p.12

O trocadilho acima reforça a representação social das normalistas como mulheres cobiçadas para namoro e casamento. Em várias passagens d'O Pirralho, as normalistas são referenciadas de forma romântica, destacando-lhes a beleza e delicadeza das mesmas. Benedito Antunes, em sua pesquisa intitulada *Juó Bananére: As Cartas D'Abax' o Piques*, destaca a seguinte passagem do livro de J. Americano e do próprio O Pirralho:

"Para cursar a Escola Normal, devia-se passar pelo curso primário, de cinco anos, e pelo complementar, de quatro. Poucas eram as moças que nela se matriculavam para fazer carreira no magistério; buscava-se, em geral, adquirir cultura (AMERICANO, 1957, p. 437-8).

E ainda:

"Moça diplomada por esta escola era considerada um partidão." (O Pirralho, 3 Jan. 1914, p. 5)

Os textos a seguir, extraídos de exemplares de 1914, simulando entrevistas com especialistas da educação nas quais são discutidos temas como horários, organização escolar, programas e conteúdos, fazem declarada zombaria do discurso pedagógico então em voga que primava pelo cientificismo. Para melhor compreendê-lo, é preciso lembrar que, em 1914, foi criado o Laboratório de Pedagogia Experimental, situado no Gabinete de Psicologia e Antropologia Pedagógica anexo à Escola Normal. Conforme Marta Maria Chagas de Carvalho, este projeto vinha demonstrar a força das idéias promotoras da cientificidade em todas as áreas, inclusive na pedagogia. O objetivo era o estudo científico da infância. (CARVALHO, 1997)

A crítica ao cientificismo da época foi mote para esta engraçada entrevista com nomes fictícios, o que demonstra que os discursos institucionais não eram recebidos como verdades absolutas e incontestáveis. A força desmistificadora do humor está exemplificada nesta representação humorística, e a recriação de novos significados também está sugerida nesta “brincadeira” com a ciência. A piada parece dizer que todos os esforços oficiais em criar uma educação científica, para que os resultados sejam aferidos e enquadrados em modelos, poderiam ser uma compreensão equivocada e distante da sociedade. Afinal, a educação lida com pessoas de carne e osso e não com cobaias. O uso de expressões em latim e de citações bibliográficas em tom de ridicularização coloca os estudos acadêmicos com um significado menos nobre. Segue abaixo das imagens a transcrição dos textos para uma melhor compreensão.

# A Instrução Publica Paulista

"O Pirralho, ouve o sabio prof. normalista sr. Joaquim Bernardino do Amor Divino

O nosso illustre collega, o Estado, no inquerito que abriu sobre a situação actual do Ensino em S. Paulo, esqueceu-se de ouvir a respeito do assumpto o eminente pedagogista patricio, cujo nome cumbria estas linhas.

Eis porque o Pirralho teve a phosphorescente idéa de offerêr, ao publico leitor as brilhantes considerações daquelle nobre Falozzi.

Procuramo-lo em o seu domicilio privado. O creado mudo nos levou para a Bibliotheca. Oh! que colosso! que mundo de livros in-folios, in-quartos, in-quintos, in-barris etc. etc. Le Sêbe de la Madame de la rue São Jean, nada é ao pé' daquelle montoeira de livros.

Enquanto esperava Sua Senhoria, eu, diante de tanto livro, pasmava, delirava, ton-teava, camaleava e cahia em mim mesmo, ficando estirado no chão da minha insignificancia geral.

Após o espanto, esfreguei a orbita e pude ver então entre a monumental Logica de Stuart-Mill e o Novum Organum de Bacon, espremida como uma ratasana entre as secas da dispensa, num sandwich horrivel, a excellent logica do sr. Guiner, inventor da cerveja marca Cabeça de porco.

Tambem reparei e vi em cima dos volumosos e profundos compendios de Historia Patria, de Southey, de Rocha Pombo e War nahagem, como um piolho na cabeça duma comarca o pequeno Benevides, muito magrinho e com uma enorme caps. Vi tambem muita obra didactica, mostrando o esforço dos seus auctores, na sua materia professores paulistas.

Mas... chega o Mestre. Já nos conheciamos. Não me foi possível encara-lo de frente tal e irradiação luminosa que faiscava da sua admiravel Cabeça.

O Mestre, com aquelle seu desembaraço gastico, que lhe é peculiar, nos sponçou uma cháris court e disse: «deposite-se, accentuê se, faça me obsequio».

Amentei-me, disse-lhe o fim da minha vida e o Mestre começou:

Sr. Reporter, ponho o meu Eu á disposição do vosso Tu. Vou focalisar a minha Alma Pensante no objecto Instrução e dirvo si então o que penso e o que cogito. Ego pensaretur instructionibus paulopolis. — Primamente, ante hunc, direi que empannei-me com a enquete do o Estado. Somenta julgo qua a intervien do sr. Lourenço está mais gazona que a agua que traz o seu nome, e que a do sr. Azzi que, apesar de ser

um senhor sensual, isto é, cheio de senso pedagogico, mostra que a excellencia de sua senhoria têm muita vocação para o cargo de official de Justiça, pois cita todo o mundo, todas as auctoridades, desde Victor Hugo e Napoleão até o Zé Maria e o defuncto Galinha.

Mas, entremos nos portaes do assumpto. Dividamos, ou melhoribus, fracionemos ordinariamente a unidade Ensino para melhor explorarmos as suas partes ou moleculas integrantes e componentes (divideno materia intelligitur mel oribus, diz o Padre Gasien na sua Epistola ad Inquilinem).

## Organização do Ensino

Não concordo com ella. A auctoridade indiscutível de Thompeon, Antunes e Christotomo eu oppoibo a de Peixoto Estella.

O ensino deve ser, diz este auctor, som mal, differencial, multip'ic'ocial, quotencial e não logarithmal como temos em S. Paulo. Penso, e commigo pensa Madame Bischoff (Der Schu's katif, pag. 10) que o augmento da nossa população exige a cre ção de mais

Escolas. Não vê, diz a illustrada scientista allemã, como a Light resolve o augmento de freguezas que correm aos seus bondes? Engata os caraduras e diminuo o preço das passagens. Pois ai a população creanceal cresce, engatemos nas normzes escolas mais baratas e com programmas mais analyticos e concretos e apagogicos.

Reporter — O que pensa o Mestre, acêrca das projectadas Escolas para Anormas?

Professor — Não concordo, pouco importa pensem o contrario o sr. Carneiro Junior e Christotomo.

Si existe, diz Falchi Gianini, uma Escola Normal, é logico, é grammatical, intuitivo e morphologico que toda a Escola que não seja Normal será Anormal.

De accordo com tal raciocinio acha-se Regoli Crespi na sua excellent monografia: «De la regola Crespi in questioni della educatione del bambini».

## O methodo adoptado

E' pessimo. Não é logico, isto é, não é psychologico, faltando-lhe o que a illustre escri

## Dia de pagamento no Ministerio da Fazenda

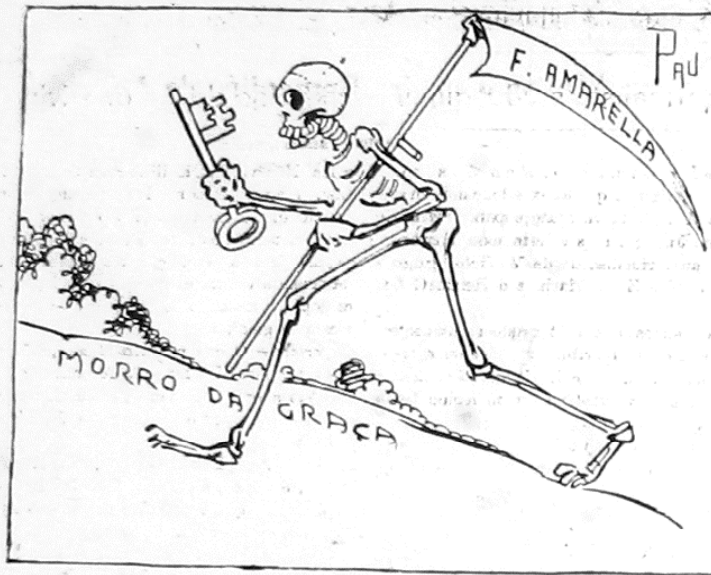


Funcionario: Pucha! Nunca trabalhei tanto como hoje..

Figura 25: O Pirralho. São Paulo, 25 de Abril de 1914, n. 140, p. 3



## A futura intervenção federal na Bahia



### Um novo auxiliar do caudilho Pente

tora Madame Natalina Rosatti chama de *alma pater*.

O meu methodo digno de elogio é o intuitivo, com applicações analogicas e leve porcentagem de pressão na cabeça infantil.

Para explicar mais nitidamente fal'arei sobre os

### Horarios escolares

A divisão do trabalho escolar em dois periodos, um antes do almoço (ante grude), e outros depois do café do meio dia das 2 Lo ras (post grude) não é racional, isto é, vao de encontro à natureza da razão, quer científica quer estomachica e intestinal.

Tenho entre os digitos a obrinha muito clara de Zerrener Bulow a este respeito. As horas, diz Zerrener, devem ser substituidas pelos fuzos modernos; assim o ensino torna-se mais difuso e menos confuso (*De parapsyches mentalikoff*, pag. 12).

Com o calor do sol, diz o mesmo auctor, citado por Salamão Isabeck, os poros da região craneana se abrem, se escancaram, e isso devido à elasticidade do couro cabeludo. E' então o momento propicio e favoravel para o mestre introduzir a sciencia na caixa ou burra craneana.

O ensino deve, portanto, ser filamentoso, escorregadio, xaroposo, pastoso e oleoso para que essa intromissão se faça natural, logica e inescusavelmente.

Além, do mais, et abundantiam argumentum, não devemos esquecer as palavras de Jules Robin, corroboradas experimentalmente pe-

los psychologos Irmãos Zucchi nos laboratórios da Casa Michel.

«P'ra que Deus fez orificios na cabeça humana a feminiana sição para que as idéas ahi penetrassem como tati no seu buraco? (Tatilibus in buracorem entravit similiter ideorum in caxola nostrum, diz o Padre Passalacqua, que por signal passa á vinho).

Reporter — Esplendido. O Mestre é um aborto *sui juris*.

Prof. — Obrigaderrimo. O que me ensabiou, mancebo, foi o estudo. O estudo é uma alavanca, ou mais mechanicamente, é um muidaste, um macaco que nos ergue até o infinito positivo. Já Stupakoff e Bento Loeb disseram que "libro macacorum levantabo persona ultime tectorum cielo."

Ataquemos a ponto

### Programmas

Os meus collegas pensam que os nossos programmas são elasticos e extensivos, prejudicando o funcionamento da machina escolar. Acho eu que não spoilado.

Quanto á lingua, por exemplo, não é necessario o estudo da materna nem da paterna, porque isso pertence ao medico, em caso de doença. Não basta, porém, o estudo do idioma vacuum em boa hora inaugurado em Barretos.

Si estudamos o italiano porque o sapateiro, o engraxate e o colono são italianos, si aperfeiçoamos o francez porque a moda é franceza, e estudamos o ingles para podermos gozar linguisticamente um chopinho, bella

invenção de Chopin, em mesmo um duplo inspiração t'briciatica, queiram ou não os criticos indigenas, porque não bavemos de conhecer o japonex que nos vende o seu arroz, o suco que nos ensina gymnastica, o austriaco que nos mobilia a casa, o allemão que nos verde o seu gostoso pão, o persa que nos livra dos maldictos insectos com o seu pó, e o arabe que nos fornece a gomma ou-kola?!

Toda a lingua é necessaria. Já se foi o tempo em que a Humanidade acreditava na theoria absurda de Fuchs, pregada aos cinco ventos por Madame Ursulina: "A lingua nada mais é do que uma rolha que Deus pôz na garganta humana para impedir a entrada de ar nos pulmões, evitando assim o engorgamento tripal e a consequente morte por escapamento rectal."

A lingua, diz Gabriel Maluf, traduzindo Diogo José da Silva, é uma condição indispensavel para o homem fallar. Sem lingua, a bocca seria em vacuo. (Bocorum domicillium lingua; sine lingua bocacio, buracorum imprestable (Sermonis a Ludovicos Antonium Diavolorum III).

(continua)

## Em Pirassununga



Figura 26: O Pirralho. São Paulo, 25 de Abril de 1914, n.140, p.4

## TRANSCRIÇÃO

### **A Instrução Pública Paulista**

*O nosso illustre collega, o Estado, no inquerito que abrio sobre a situação actual do Ensino em S. Paulo, esqueceu-se de ouvir a respeito de assumpto o eminente pedagogista patricio, cujo nome cumeia estas linhas.*

*Eis porque o Pirralho teve a phosphorescente idéa de offerecer ao público leitor as brilhantes considerações daquelle nosso Pestalozzi.*

*Procuramo-lo em o seu domicilio privado. O creado mudo nos levou para a Bibliotheca. Oh! Que colosso! Que mundo de livros in-folio, in-quartos, in-quintos, in-barris etc, etc! Le Sêbe de la Madame de la rue São Jean, nada é ao pé daquella montoeira de livros.*

*Enquanto esperava Sua Senhoria, eu, diante de tanto livro, pasmava, delirava , tonteava, cambaleava e cahia em mim mesmo, ficando estirado no chão da minha insignificância geral.*

*Após o espanto, esfreguei a orbita e púde ver então entre a monumental Logica de Stuart Mill e o Novum Organum de Bacon, esprimida como uma ratazana entre as saccas da dispensa, num sandwich horrível, a excellente logica do Snr. Guiner, inventor da cerveja marca Cabeça de porco.*

*Também reparei e vi em cima dos volumosos e profundos compendios de História Patria, de Southey, de Rocha Pombo e Warnahagem, como um piolho na cabeça numa comarca o pequeno Benevides, muito magrinho e com uma enorme capa. Vi tambem muita obra didactica, mostrando o esforço dos seus auctores, na maioria professores paulistas.*

*Mas... chega o Mestre. Já nos conhecíamos. Não me foi possível encara-lo de frente tal a irradiação luminosa que faiscava da sua admirável Cabeça.*

*“O Mestre, com aquelle seu desembaraço gastrico que lhe é peculiar, nos apontou uma chaise courte e disse: “deposite-se”, acentué se, faça me obsequio.”*

*Assentei-me, disse-lhe o fim de minha visita e o Mestre começou:*

*Snr. Reporter, ponho o meu Eu à disposição do vosso Tu. Vou focalisar a minha Alma Pensante no objeto Instrução e dir-vos-ei então o que penso e o que cogito. Ego pensaratur instrutionibus paulopolis. – Primeiramente, ante tutem, direi que empanzinei-me com a enquête do o Estado. Somente julgo que a intervien do Sr. Lourenço está mais gazosa que a agua que traz o seu nome, e que a do Sr. Azzi que, apesar de ser um senhor sensual, isto é, cheio de senso pedagogico, mostra que a excellencia de sua senhoria tem muita vocação para o cargo de official de Justiça, pois cita todo o mundo, todas as auctoridades, desde Victor Hugo e Napoleão até o Zé Maria e o defuncto Galinha.*

*Mas, entremos nos portaes do assumpto.*

*Dividamos, ou melhoribus, fraccionemos ordinariamente a unidade Ensino para melhor explorarmos as suas partes ou moleculas integrantes e componentes (divideno materia intelligitur melhoribus, diz o padre Gazineu na sua Epistola ad Inquilinem).*

### **Organização do Ensino**

*Não concordo com ella. A auctoridade indiscutível de Thompson, Antunes e Chrisostomo eu opponho a de Peixoto Estella.*

*O Ensino deve ser, diz este auctor, sommal, differencial, multiplicancial, quotencial*

*e não logarithmal como temos em S. Paulo.*

*Penso, e commigo pensa Madame Bischoff (Der Schu's Katóf, pag. 10) que o augmento da nossa população exige a criação de mais Escolas. Não vê, diz a illustrada scientista allemã, como a Light resolve o augmento de freguezes que correm aos seus bondes? Engata os caraduras e diminue o preço das passagens. Pois se a população creanceal cresce, engatemos nas normaes escolas mais baratas e com programmas mais analyticos e concretos e apagogicos.*

*Reporter – O que pensa o Mestre acêrca das projectadas Escolas para Anormaes?*

*Professor – Não concordo, pouco importa pensem o contrario o Sr. Carneiro Junior e Chrisostomo.*

*Si existe, diz Falchi Gianini, uma Escola Normal, é logico, é grammatical, intuitivo e morphologico que toda a Escola que não seja Normal será Anormal.*

*De accordo com tal raciocónio acha-se Regoli Crespi na sua excellente monografia: "De la regola Crespi in questioni della la educatione dei bambini".*

### ***O methodo adoptado***

*É pessimo. Não é logico, isto é, não é psychologico, faltando-lhe o que a illustre escritora Madame Natalina Boratti chama de alma pater.*

*O unico methodo digno de elogio é o intuitivo, com applicações analogicas e leve porcentagem de pressão na cabeça infantil.*

*Para explicar mais nitidamente falarei sobre os*

## ***Horarios Escolares***

*A divisão do trabalho escolar em dois períodos, um antes do almoço (ante grúde), e outros depois do café do meio dia das 2 horas (post grúde) não é racional, isto é, vae de encontro à natureza da ração, quer scientifica quer estomachica e intestinal.*

*Tenho entre os digitos a obrinha muito clara de Zerrener Bulow a este respeito. As horas, diz Zerrener, devem ser substituídas pelos fusos modernos; assim o ensino torna-se mais difuso e menos confuso (De parafusus mentalikof, pag. 12).*

*Com o calor do sol, diz o mesmo auctor, citado por Salomão Isabeck, os póros da região craneana se abrem, se escancaram, e isso devido à elasticidade do couro cabelludo. É então o momento propicio e fontoura para o mestre introduzir a sciencia na caixa ou burra craneana.*

*O ensino deve, portanto, ser filamentoso, escorregadiço, xaroposo e oleoso para que com intromissão se faça natural, logica e insensivelmente.*

*Além do mais, ex abundantia argumentum, não devemos esquecer as palavras de Jules Robin, corroboradas experimentalmente pelos psychologos Irmãos Zucchi nos laboratorios da Casa Michel.*

*P'ra que Deus fez orifícios na cabeça humana a feminiana sinão para que as idéas ahi penetrassem como tatú no seu buraco? (Tatulibus in buracorum entravit similiter ideorum in caxola nostrum, diz o Padre Passalacqua, que por signal passa a vinho).*

*Reporter – Esplendido. O Mestre é um aborto sui juris.*

*Prof. – Obrigaderrimo, o que me ensabiu, mancebo foi o estudo. O estudo é uma alavanca, ou mais mechanicamente, é um guindaste, um macano que nos ergue até o infinito positivo. Já Stupakoff e Bento Loeb disseram que “libro macacorum levantabo*

*persona ultime tectorum cielo”*

*Ataquemos o ponto:*

### ***Programas***

*Os meus collegas pensam que os nossos programmas são elasticos e extensos, prejudicando o funcionamento da machina escolar. Acho eu que não apoiado.*

*Quanto à língua, por exemplo, não é necessário o estudo da materna nem da paterna, porque isso pertence ao medico, em caso de doença. Não basta, porém, o estudo do idioma vaccum em boa hora inaugurado em Barretos.*

*Si estudamos o italiano porque o sapateiro, o engraxate e o colono são italianos, si aperfeiçoamos o francez porque a moda é franceza, e estudamos o ingles para podermos gozar linguisticamente um chopinho, bella invenção de Chopin, ou mesmo um duplo inspiração t b riciatica, queiram ou não os criticos indigenas, porque não havemos de conhecer o japonez que nos vende o seu arroz, o sueco que nos ensina gymnastica, e o austriaco que nos mobilia a casa, o allemão que nos vende seu gostoso pão, o persa que nos livra dos maldictos insectos com o seu pó, e o arabe que nos fornece a gomma ou kola?!*

*Toda a língua é necessaria. Já se foi o tempo em que a Humanidade acreditava na theoria absurda de Fuchs, pregada aos cinco ventos por Madame Ursulina: “A lingua nada mais é do que uma rolha que Deus pôz na garganta humana para impedir a entrada de ar nos pulmões, evitando assim o engorgitamento tripal e a consequente morte por excapamento rectal.*

*A língua, diz Gabriel Malof, traduzindo Diogo José da Silva, é uma condição indispensável para o homem fallar. Sem lingua a bocca seria em vacuo (Bocórum domicilium lingua; sine lingua bocacio buracorum imprestable (Sermonis a Ludovicos Antonium Diavolorum III).*

Como compreender o inquérito irônico levado a cabo pelo Pirralho?

A menção de que será entrevistado um "eminente pedagogo patricio" pode ser uma crítica à excessiva valorização das opiniões e estudos americanos e europeus a respeito da educação em meados de 1914. O ano de 1914 foi particularmente agitado no que se refere à educação. As idéias e práticas ligadas à pedagogia científica e à psicologia da educação se difundiam no Brasil, inclusive como promessa para a suspensão da baixa escolarização e do analfabetismo que caracterizavam o país. As idéias da Pedagogia Científica, cujo ponto central era a contribuição das ciências tais como Psicologia, Antropologia, Fisiologia, Anatomia, no âmbito da educação, davam legitimidade à Pedagogia compreendida então como uma ciência da educação. (CENTOFANTI, 2006) A higienização será incorporada aos poucos como mais um elemento construtor das novas idéias pedagógicas.

Johann Heinrich Pestalozzi nasceu em Zurich, Suíça, no ano de 1746 e foi um educador que deixou importantes reflexões sobre os métodos e fins da educação. Acreditava que a ampliação da educação pública produziria uma renovação social. Ao comparar o professor entrevistado a um Pestalozzi brasileiro, o artigo d'O Pirralho traz, evidentemente, uma crítica à soberba com a qual muitos professores da Escola Normal

eram vistos ou mesmo se auto-representavam.

Como já citado anteriormente, a instalação do Laboratório de Pedagogia Experimental, foi um ato concreto que comprova a primazia das idéias ligadas à construção da Pedagogia Científica. Ao adotar instrumentos e aparelhos de medida anatômica e morfológica em seus laboratórios, esta pedagogia e seus seguidores pretendiam determinar as diferenças mentais e psicológicas dos alunos e estabelecer as melhores práticas pedagógicas para proporcionar um resultado eficaz na educação das massas. Esta ênfase na ciência, satirizada no texto de 1914 ao usar conceitos de Química e termos em latim, configurou-se em um modelo pedagógico que concorria com o modelo de educação das origens do regime republicano, conhecido como a "arte de ensinar". Por trás do texto cômico, podemos visualizar o embate teórico que ocorria em meados do segundo decênio do século XX no que se refere ao modelo pedagógico mais eficiente e moderno. (CARVALHO, 2000) Enquanto o alvo da Pedagogia como arte de ensinar era civilizar o povo, o objetivo da Pedagogia Científica era a regeneração do povo. Segundo Marta Maria Chagas de Carvalho (2000), a partir de uma revisão crítica das teorias do “entusiasmo pela educação” (NAGLE, 1974) e do “otimismo pedagógico”, o movimento que transforma a escola republicana de lugar de construção em lugar de regeneração, numa visão bem menos abonadora do “povo”, só pode ser compreendido no contexto de intensas agitações sociais que invadem a cena urbana paulista. Se, antes, se acreditava que a alfabetização seria capaz de promover a constituição do cidadão republicano amigo da ordem e do trabalho, as agitações operárias começam a despontar o que a autora cita como sendo “os perigos do alfabeto”, preocupação que, para além das letras, levará ao currículo componentes ainda mais disciplinares, vinculados ao controle do corpo e à promoção do civismo, entre outros.

Quando o texto cita Thompson, está se referindo a Oscar Thompson, Diretor Geral da Instrução Pública (1901-1911), grande defensor do método analítico e intuitivo. Da mesma forma Chrysóstomo refere-se a Chrysóstomo Bueno dos Reis Junior



ocupou este mesmo cargo ente 1912 e 1917. Antunes refere-se a Antonio de Azevedo Antunes. Todos os professores e diretores da Escola Normal, árdios defensores da pedagogia científica e da adoção de medidas de racionalização e controle do trabalho escolar, seja para alunos, seja para professores. Estes profissionais foram convidados a participar do Inquérito promovido pelo O Estado de São Paulo para discutir a crise da Instrução Pública e os caminhos para sua reformulação. Segundo estudos de Bruno Bontempi (2008), Júlio de Mesquita, diretor do jornal, escolheu 14 personalidades que foram entrevistadas:

“Os entrevistados escolhidos por Julio Mesquita para responderem ao inquérito são em número de 14. Por ordem de publicação, responderam ao inquérito Oscar Thompson (27/02 e 28/02), Paulo Pestana (3/3), Ruy de Paula Souza (5/3), João Lourenço Rodrigues (7/3), Antonio Rodrigues Alves Pereira (8/3), João Chrisóstomo (10/3), Arnaldo de Oliveira Barreto (13/3), Antônio de Azevedo Antunes (16/03), José Ribeiro Escobar (20/03), Mariano de Oliveira (23/03), Pedro Voss (27/03), João Pinto e Silva (29/03), Francisco Azzi (30/03) e Ramon Roca Dordal (06/04) (BONTEMPI, 2008. p. 2773).”

O reiterado uso de nomes italianos, várias vezes invenções jocosas, pode ter correlação à passagem de Ugo Pizzolli por São Paulo quando da inauguração do Laboratório Experimental de Pedagogia. Pizzoli era livre-docente em Psicologia Experimental pela Universidade de Modena e foi um dos precursores da Pedagogia Científica na Itália. Idealizou, construiu e empregou instrumentos e aparelhos de laboratório de psicologia experimental, criando vários testes mentais. Aqui no Brasil, seu mais fiel seguidor nas idéias e utilização de aparelhos em laboratório foi Clemente Quaglio. (CENTOFANTI, 2006). O modelo de Pizzolli foi tomado como parâmetro por Oscar Thompson e outros na criação do Laboratório de Psicologia Experimental e o próprio pesquisador italiano esteve no Brasil quando de sua instalação. Uma de suas principais iniciativas era a da Carteira Biográfica Escolar, documento que registrava desde aspectos

físicos até resultados em exames e questões comportamentais. Tal carteira, para Pizzolli e seus seguidores constituía documento fundamental para a classificação dos alunos em termos de “normalidade”, “anormalidade” ou “degenerescência” (CARVALHO, 1997, p. 273).

Neste trecho o autor cômico cita o nome do Padre Passalacqua que, na reforma administrativo pedagógica de 1884, quando o governador da Província cria mais três cadeiras na Escola Normal, ocupa a cadeira de Pedagogia, Metodologia e Instrução Religiosa. (MONARCHA, 1999) O desprestígio da Igreja pode ser deduzido pelo tom pejorativo com o qual o padre é tratado.

Em 23 de maio, outra entrevista do inquérito paralelo e jocoso era publicada no Pirralho:

# A Instrução Publica Paulista

"O Pirralho,, ouve o sabio prof. normalista sr. Joaquim Bernardino do Amôr Divino

(Continuação)

## O ensino da mathematicas

A Arithmetica, ou a sciencia dos numeros, ou o *risposta scientifico*, na feliz expressão de Adriano Ramos Pinto, tem sido olvidada entre nós

Madame Sanchez, na sua grande thesa: *Le nombre 100 e s'utilité domestique*, mostra a impossibilidade de alguém conhecer uma centena ou um milhar invertido sem saber perfeitamente ler os numeros *de tras pra diante*.

Penso eu que deve ser riscado dos programmes o estudo das raizes quadradas; taes questões, no sentir insuspeito do russo Vital Pradoff, devem ser ensinadas aos dentistas que não raro têm necessidade de extrair raizes de verdadeiros *quadrados*.

Por fallar em quadrados, o illustre e profundo pedagogo sr. P. P., ou, me exprimindo algebricamente, o sr. P. quadrado, no seu mostruoso tratado: *Babizbrum méum instrutionem gringoris* explica, com o peso de toda a sua quadratura, a importancia da Geometria, ou a sciencia de medir e diz: «Eu, que tenho quimado o meu *sobrenome* no estudo da pedagogia, desde o tempo em que appareceu o Livro do Destino impresso com letras de cambio, não sei como alguém pôde entender certas cousas necessarias á vida sem solidos conhecimentos geometricos...»

Como, pergunta o imminente critico analphabetoandino, como medirmos uma pesada de alto a baixo? como medirmos as consequencias de nossos actos? como comprehendemos que a cabeça do Lins é rhomboidal? que as pernas do dr. Seabra não se fêcham? que as barbas Covelianas occupam tantos hectares de cara? que a cabeça do Ruy é uma cabeça de comarca e a do cherozo Marechal é uma cabeça de prêgo? que, enfim, eu P. P., sou um pedagogo de peso bruto porque carrêgo um sacco de sciencia ???

Vê o sr. Reporter que desta vez P. P. tem razão, é racional, e não mettien como quasi sempre, as suas iniciaes pelas mãos. Passemos ao

## Ensino da Physica, da Chimica e das Sciencias Naturaes.

O ensino destas disciplinas é muito mal feito entre nós. Forante o «Posto Zootchnico» onde o estudo da Zoologia é adas (ndo, feito com projecções vivas; tiran'o a Botanica que tem a felicidade de contar com a dedicação dos prof. Rocha, bico fino, e Clark, bico largo, taes estudos são contra-

producentes e rebarbativos, apesar do prof. J. Lourenço procurar demonstrar o contrario na sua obrinha didactica: *O Boi, a Vacca e o Meia-Sóli*, pag. 8.

Vejam os

## Ensino da Geographia e Historia.

O professor, dizem Jacques Netter e a Viuva Olicót, si quizer dar maior latitude ao ensino geographico e menor longitude ao esforço infantil, deve, *ante tûtem*, percorrer, um por um, todos os paizes e regiões mundiaes.

Deve o mestre, antes de affirmar que este ou aquelle paiz tem tal população, contar o numero de cabeças de habitantes, não entrando nestas, é claro como o tabellião do mesmo nome, as cabeças de alfinetes, nem os de comarca, nem as de prêgo, nem as de gado ou as de motim, nem outras que, por ventura, existam escondidas.

A *Historia*, honra nos seja feita, tem sido bem tratada em S. Paulo.

O compendio adoptado é o do prof. Benevides que, apesar de velho, innegavelmente é o pedagogo que mais tem acariciado a nossa *Historia*.

Infelizmente o livro do prof. Benevides pécca por extenso.

Contm elle cada manco de 12 pag'na, typo grande, tendo a obra meio palmo de comprido, dez centimetros de largura e vinte milímetros de profundidade, entrando a espa que não é fina.

Ataas o Benevides todos os pontos, todas as virgulas da nossa historia Patria; falla em Mem de Sá, prova que quem descobrio o Brasil não foi Pedro Alvarez Cabral e sim o director do Bntantam; elogia Tiradentes e prova com o depoimento do Dr. Chueri, que o grande *enforcado* nunca atrancou dente de ninguém; falla que quando Pedro I deu o berro no Ipiranga, bem em frente ao Museu, fê-lo com tanta força que a baleia do Museu o hio n'agua, o director Dr. Hiering ficou surdo, e o cavallo em que montava sua M.ª-Jestale emp'nou e corcovou tanto que derrubou Pedro I, enterrando-o na superficie da terra.

Vou dizer duas palavras sobre o

## Ensino da Psychologia e da Logica.

A Psychologia é a sciencia do *espirito*. Ora si nós ensinarmos á mocidade esta sciencia, os estudantes, na sua sede de conhecimento, procurarão matá-la, e então teremos o avanço no espirito, que nada mais é do que alcool rectificado.

Tal observação ninguém pôde por em duvida e foi feita por Garraux nos laboratorios da Antarctic.

Quanto á Logica acho o seu estudo indispensavel. Si a Logica é sciencia da discursão, e si da discussão nasce a luz, embora pense em contrario a Light, é obvio, intuitivo, claro e nítido que tal disciplina deve ser ministrada aos moços. Isto é logico e



O sympathico Fluminense passando para o PIRRALHO

Figura 27: O Pirralho. São Paulo, 23 de Maio de 1914, n. 144, p. 6



O sympathico Paulistano posando para o PIRRALHO

palpavel, julgo Eu; tmbem assim penaa o supracitado sr. P. P. na sua obra: *Notas pei dagog cas*, cap. 2.

### O ensino do Desenho e da Musica.

O desenho que devemos ensinar deve ser o linear, isto é, somente o das linhas, e destas o melhor seria unicamente o ensino das rectas. O desenho deve, portanto, ser *rectal*. No tocante á Musica nós estamos em crise. Não ha *notas*. O governo metheu o *borrão* na *prima* e desafiou. Eis porque não temos o ensino da Musica como deveramos ter.

Reporter — O que o Mestre nos poderá dizer sobre os

### Ordenados e vencimentos.

— Acho que todos os vencimentos devem ser ordenados.

Reporter — E quantas penas disciplinares?

— As *penas disciplinares* são um problema ainda por estudar e resolver.

Consultando Mussolino, Traud, Carloto, Vampo, D'ogninho e outras autoridades que trataram profundamente das *penas*, soffrendo-as até para melhor as entenderem, encontramos argumentos ponderosos contra o regimen penal actual praticado nas nossas escolas.

O menino, diz Luigi Vampo, nunca deve ficar de pé na aula, pois a *posição de pé*, vertical, deve ser um premio para os bons alumnos. Tal *posição* é a verdadeira para o homem, que é o unico animal que anda com a cabeça erguida, excepção feita de alguns que são *obliquos*, *inclinados* e até *horizontaes*.

De modo que si a mudança de *posição* implica punição ou castigo, deve o professor, querendo castigar, mandar que o alumno fique nos *seus quatro pés*.

A *pena*, pois, deve ser a *posição quadrupédica*, ou tambem chamada *marechalicia*, por motivos de ordem *burocratica*.

Outro ponto: Não devemos nunca offender a integridade physica, nem chimica do infante.

O prof. não deve puchar as orelhas da creança. Como explicito Cicero Marques, no seu livrinho: *O levantamento infantil a grandes alturas por meio do puzão de orelhas*, as orelhas são quantidades contínuas que crescem ou decaem á vontade.

O mestre deve pois, deixar que ellas cresçam naturalmente, não conviado nunca forçar o crescimento.

Tambem não é pedagogico nem religioso dar palmadas na *região sagrada ou gorda* dos alumnos.

De Kant para cá não concordamos com argumentos a posteriori.

Vou terminar o meu seguinte consideração. Si estas medidas que expuz forem seguidas a risco de vida, o professorado paulista, dentro de pouco tempo, poderá, por sua intelligencia, preparo, competência, esbedoria, pratica, theoria e resistencia illuminar o Seculo presente, dispensando naturalmente até a luz electrica, o gaz e a lamparina.

Basta que o pedagogo feche os olhos, esprema a cabeça e faça força.

En lbe garanto que da sua cabeça sahirão fogo e luz pra's Hermas.

Nessa occasião o Estado de S. Paulo será feliz porque os seus filhos terão phosphoro na cabeça, e não serão, como hoje, *cabeças de phosphoros*. Tenho dicto.

Reporter — Agradeço commovido as vossas palavras, e vos asseguro que as medidas por vós aconselhadas serão postas em pratica o mais depressa possível. D' aqui a pouco será Secretario da Interior o P. quadrado, e Director do Instrução publica o João Lourenço Gasificadão. Ahí, sim...

Deixamos o Mestre e nos retiramos satisfeitos e contentes.

## Cortando...

Madame, mandou annunciar que precisava de uma *arrumadeira* de quartos.

Aconteo que na quinta feira, justamente quando Madame preparava as malas para seguir em demanda do Guarujá,

appareceram duas portuguezas, elegantemente vestidas, acompanhadas do amuseo.

Madame interpellou o seu marido:

— Com qual devemos ficar?

O marido de Madame, depois de circunnavegar o olhar, optou pela mais alta.

— Que idade tens? — perguntou madame a mais alta.

— 24 annos, sim senhora.

— Solteira ou casada.

— Sou viuva, sim senhora.

Madame fitou o seu marido e andando de um lado para outro, exclamou indignada.

— Aqui ha combinação... Retire-se sua semvergonha...

Nessa mesma tarde, madame partiu para Santos.

Onze horas da noite. A rua de Abonches estava deserta. Forte nobli a, interceptava a elridade de um combuster ha 10 passos.

Uma linda cristoria, ha, embralhada num cobertor estava á janella.

Quem esperava Mlle?

Mais adiante, na mesma rua, dois namorados se falavam.

Ella — casa numero impar. Elle — casa numero par.

E que coisas bonitas que diziam...

Mlle sem duvida, está com saudades do baile do Miramar.

No dia seguinte, o correio era portador de tres cartinhas, que nos chegaram ás mãos com grande surpresa.

Alguem, remetien-nos acompanhado de um vale postal, ordem para 500 votos.

Quantos pretendentes tem Mlle?

Já descobriu quem lhe mandou aquelles votos, vindos de Barbados?

Mlle... as vezes, parece soffrer das faculdades mentaes.

Porque, no baile do... externo, as suas opiniões acerca do que pensa e nosso respeito?

Bem diz mille Nini, que si pela manhã as moças nos cumprimentam sorrindo á tarde as moças só falam dizer que somos aquillo que Mlle disse.



Figura 28: O Pirralho. São Paulo, 23 de Maio de 1914, n. 144, p. 7

## TRANSCRIÇÃO

### *A Instrução Publica Paulista*

*“O Pirralho, ouve o sabio prof. normalista Sr. Joaquim Bernardino do Amor Divino*

#### *O ensino da mathematicas*

*A Arithemetica, ou a sciencia dos numeros, ou o vispora scientifico, na feliz expressão de Adriano Barros Pinto, tem sido olvidada entre nós.*

*Madame Sanches, na sua grande these (Le nombre 100 e utilité domestique) mostra a impossibilidade de alguem conhecer uma centena ou um milhar invertido sem saber perfeitamente lêr os numeros de traz prá diante.*

*Penso Eu que deve ser riscado dos programmas o estudo das raízes quadradas; taes questões, no sentir insupeito de russo Vital Pradoff, devem ser ensinadas aos dentistas que não raro tem necessidade de extrair raízes de verdadeiros quadrados.*

*Por fallar em quadrados, o illustre e profundo pedagogo Sr. P.P, ou, me exprimindo algebricamente, o Sr. P. quadrado, no seu monstruoso tratado: Rabixórum méum instrutionem gringoris explica, com o peso de toda a sua quadratura, a importancia da Geometria ou a sciencia de medir e diz: “Eu, que tenho queimado o meu sobrenome no estudo da pedagogia, desde o tempo em que appareceu o Livro do Destino impresso com letras de cambio, não sei como alguem póde entender certas cousas necessarias à vida sem solidos conhecimentos geometricos...”*

*Como, pergunta o imminente critico analphabetolandico, como medirmos uma pessôa de alto a baixo? Como medirmos as consequencias de nossos actos? Como comprehendermos que a cabeça do Lins é rhomboidal? Que as pernas do dr. Seabra não se fécham? que as barbas Corelianas occupam tantos hectares de cara? que a cabeça do Ruy é uma cabeça de comarca e a do cheirozo Marechal é uma cabeça de prégo? que, enfim, em P.P. sou um pedagogo de peso bruto porque carrégo um sacco de sciencia??!!*

*Vê o Sr. Reporter que desta ves P.P tem razão, é racional, e não metteu como quasi sempre, as suas iniciaes pelas mãos. Passemos ao*

### ***Ensino da Physica, da Chimica e das Sciencias Naturaes***

*O estudo destas disciplinas é muito malfeito entre nós. Perante o "Posto Zootechnico" onde o estudo da Zoologia é idealizado, feito com projecções vivas; tirando a Botanica que tem a felicidade de contar com a dedicação dos prof. Rocha, bico fino, e Clark, bico largo, seus estudos são contra producentes e rebarbativos, apesar do prof. J. Lourenço procurar demonstrar o contrario na sua obrinha didactica: O Boi, a Vacca e o Meia Sola, pag. 8).*

*Vejamos o*

### ***Ensino da Geographia e Historia***

*O professor, dizem Jacques Netter e a Viuva Clicôt, si quizer dar maior latitude ao*

*ensino geographico e menor longitude ao esforço infantil, deve, ante tutem, percorrer um por um, todos os paizes e regiões mundiaes.*

*Deve o mestre, antes de afirmar que este ou aquele paíz tem tal população, contar o numero de cabeças de habitantes, não entrando nestas, é claro como o tabelião do mesmo nome, as cabeças de alfinetes, nem os de comarca, nem as de prego, nem as de gado ou as de motim, nem outras que, por ventura, existam escondidas.*

*A Historia, honra nos seja feita, tem sido bem tratada em S. Paulo.*

*O compendio adoptado é o do prof. Benevides, que apesar de velho, innegavelmente é o pedagogo que mais tem acariciado a nossa Historia.*

*Infelizmente o livro do prof. Benevides pécca por extenso.*

*Contam elle nada menos de 12 paginas, typo grande, tendo a obra meio palmo de comprido, dez centímetros de largura e vinte millimitros de profundidade, entrando a capa que não é fina.*

*Ataca o Benevides todos os pontos, todas as vírgulas da nossa historia Patria; falla em Mem de Sá, prova que quem descobrio o Brasil não foi Pedro Alvares Cabral e sim o diretor do Buntatan; elogia Tiradentes e prova com depoimento do Dr. Chueri, que o grande enforcado nunca arrancou dente de ninguem; falla que quando Pedro I deu o berro no Ipiranga, bem em frente ao Museu, fê-lo com tanta força que a baleia do Museu cahio n'agua, o diretor dr. Hierung ficou surdo e o cavallo em que montava sua Majestade empinou e corcoveou tanto que derrubou Pedro I, enterrando-o na superficie da terra.*

*Vou dizer duas palavras sobre o*

## ***Ensino de Psychologia e da Logica***

*A Psychologia é a sciencia do espirito. Ora si nós ensinarmos à mocidade esta sciencia, os estudantes, na sua sêde de conhecimentos, procurarão mata-la e então teremos o avança no espirito, que nada mais é do que alcool rectificado.*

*Tal observação ninguém póde por em duvida e foi feita por Garraox nos laboratorios da Antartica.*

*Quanto á logica acho o seu estudo indispensavel. Si a Logica é sciencia da discussão, e si da discussão nasce a luz, embora pense em contrario a Light, é obvio, intuitivo, claro e nítido que a disciplina deve ser ministrada aos moços. Isto é logico e palpavel, julgo Eu; tambem assim pensa o supracitado Sr. P.P. na sua obra: Notas peidagogicas, cap. 2.*

## ***O ensino do Desenho e da Música.***

*O desenho que devemos ensinar deve ser o linear, isto é, somente das linhas, e destas o melhor seria unicamente o ensino das rectas. O desenho deve, portanto, ser rectal.*

*No tocante à Musica nós estamos em crise. Não há notas. O governo metteu o bordão na prima e desfinou. Eis porque não temos o ensino da Musica como deveriamos ter.*

*Reporter - O que o Mestre nos poderá dizer sobre os*



## ***Ordenados e Vencimentos.***

*- Acho que todos os vencimentos devem ser ordenados.*

*Reporter - e quanto às penas disciplinares?*

*- As penas disciplinares são um problema ainda por estudar e resolver.*

*Consultando Mussolino, Traad, Carlito, Vampo, Dioguinho e outras autoridades que trataram profundamente das penas sofrendo as até para melhor as entenderem, encontramos argumentos poderosos contra o regimem penal actual praticado nas nossas escolas.*

*O menino, diz Luigi Vampa, nunca deve ficar de pé na sala, pois a posição de pé, vertical, deve ser um premio para os bons alunos. Tal posição é a verdadeira para o homem, que é o unico animal que anda com a cabeça erguida, excepção feita de alguns que são oblíquos, inclinados e até horizontaes.*

*De modo que si a mudança de posição implica punição ou castigo, deve o professor, querendo castigar, mandar que o alumno fique nos seus quatro pés.*

*A pena, pois, deve ser a posição quadrupédica, ou tambem chamada marechalicia, por motivos de ordem burrocratica.*

*Outro ponto: Não devemos nunca offender a integridade physica, nem chimica do infante.*

*O prof. não deve puchar as orelhas da creança. Como explica Cicero Marques, no seu livrinho: O levantamento infantil a grandes alturas por meio do puxão de orelhas, se orelhas são quantidades continuas que crescem ou decrescem à vontade.*

*O mestre deve pois, deixar que ellas cresçam naturalmente, não convindo nunca forçar o*

*crescimento.*

*Tambem não é pedagogico nem religioso dar palmadas na região sagrada ou gorda dos alumnos.*

*De Kant para cá não concordamos com argumentos a posteriori.*

*Vou terminar com a seguinte consideração. Si estas medidas que expús forem seguidas a risco de vida, o professorado paulista, dentro de pouco tempo, poderá, por sua intelligencia, preparo, competencia, sabedoria, pratica, theoria e resistencia illuminar o Seculo presente, dispensando naturalmente até a luz electrica, o gaz e a lamparina.*

*Basta que o pedagogo fêche os olhos, esprema a cabeça e faça força.*

*Eu lhe garanto que da sua cabeça sahirão fogo e luz pra Hermes.*

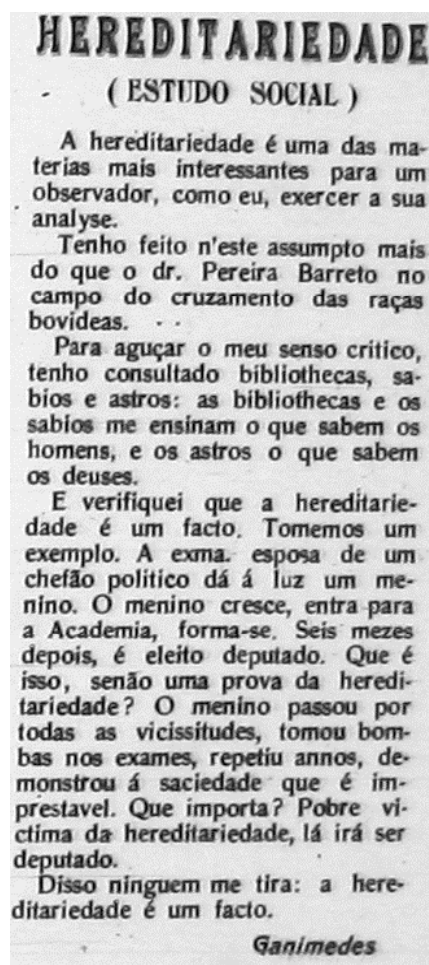
*Nessa occasião o Estado de S. Paulo será feliz porque os seus filhos terão phosphoro na cabeça, e não serão, como hoje, cabeças de phosphoros.. Tenho dito.*

*Reporter - Agradeço commovido as vossas palavras, e vos asseguro que as medidas por vós aconselhadas serão postas em pratica o mais depressa possível. Dáqui a pouco será Secretario do Interior o P. quadrado, e Director do Instrucção publica o João Lourenço Gazeificado. Ahi, sim...*

*Deixamos o mestre e nos retiramos satisfeitos e contentes.*

A menção ao prof. J. Lourenço diz respeito a João Lourenço Rodrigues, que, juntamente com Oscar Thompson, ocupou cargos político-administrativos na educação. Devido ao fato da Escola Normal de São Paulo ter se transformado numa referência em educação no Estado e no Brasil, muitos professores formados nessa escola destacaram-se na área de educação, e alguns deles produziram materiais escolares ou textos pedagógicos

para orientação aos professores. (BOMTEMPI, 2008) Talvez por isto o escritor humorista desfia de maneira satírica a didática de várias disciplinas. A reforma de 1884, já citada anteriormente, mencionava que a cadeira de Elementos de Cosmografia, Geografia e História era ocupada pelo Dr. José Estácio Corrêa de Sá e Benevides, daí a piada envolvendo o nome de Benevides, provavelmente o nome mais antigo da Escola Normal ligado à História. (MONARCHA, 1999)



**Figura 29:** O Pirralho, São Paulo 24 de Fevereiro de 1912, n.22, p.

O tema da eugenia, muito em voga a partir de finais do século XIX, era também discutido no âmbito da escola. Se, para a criminologia e para o discurso médico a hereditariedade atrelada ao “meio” podiam ser responsáveis por profundas “perturbações” de espírito e conduta “imprópria”, do mesmo modo, na escola, uma anamnese social, física, mental e escolar igualmente poderiam definir as possibilidades e as limitações de diferentes grupos de alunos. Essas propostas também foram satirizadas nas páginas do Pirralho. Um exemplo aparece no texto acima, no qual certo Ganimedes ridiculariza, a um só tempo, as teorias da hereditariedade então em voga, os supostos rigores da academia e a atuação política de alguns deputados. Publicado na revista O Pirralho, em 24/Fevereiro/1912, o texto indica a preponderância do poder financeiro e político sobre, eventualmente, qualquer sinal hereditário. Talvez não seja equivocado supor que, ao apropriar-se da discussão sobre hereditariedade, o Pirralho, simultaneamente, estivesse a criticar tanto os seus aspectos supostamente inquestionáveis porque genéticos quanto o uso político, em geral persecutório em relação às classes populares, que dele era feito.

## Modelos em prosa e verso

### INJEÇÕES

Um dia destes, coçava eu a barba á cata de *assumpto*<sup>(1)</sup>, quando o acaso me deparou, ou antes quando me o acaso deparou (como escreveria Camillo, o *immortal* etc.<sup>(2)</sup>), um magnifico *thema*. A proposito de *thema*: já leram o *Velho thema* de Vicente de Carvalho, o *immortal* etc.?<sup>(3)</sup> O *thema* é este (o *thema* que eu encontrei, não o de Vicente de Carvalho, o *immortal* etc.<sup>(3)</sup>): quantas vezes por semana Bernardim Ribeiro mandava a roupa para a lavade'ra?

O *assumpto*, como veem, é importantissimo. E' magno. Já o desenvolvi perante os meus alumnos no Gymnasio do Estado, e posso jurar que, dez minutos depois de começada a *prefecção* (com dois II, porque vem do grego), não havia na sala um mosquito acordado.

A respeito desse *assumpto*, consuftei o dr. J. J. de Carvalho, o dr. Belfort de Mattos, o Barjonas e outras summidades: o dr. J. J., porque é literato, o dr. Belfort, porque é meteorologista e, portanto, sabe quando vai chover, cousa importante na lavagem de roupa, e o Barjonas eu sei porque. Folhiei toda a minha bibliotheca, inclusive as poesias do Saturnino Barbosa. Cavei p'ra burro. Mas perdi o meu tempo.

Era só isso o que eu tinha de contar.

Passemos agora a tratar de Augusto Comte. Augusto Comte, como os srs. sabem, na 22.<sup>a</sup> linha da pag. 832 do XXIX volume das suas Obras, deixou escripto que quem não chora não *mamma*. Ora ahí está uma coisa ainda mais importante do que saber quantas vezes por semana ia para a lavadeira a roupa de Bernardim Ribeiro (Quasi fiz um verso). Effectivamente, como é que Augusto Comte

(1) O *Pirralho* declara, a pedido do dr. Silvio de Almeida, que isso é graça.

(2) O *etc.* é do *Pirralho* para encurtar a historia.

(3) Idem.

(4) Combine a primeira nota e a segunda, agite e torce).

foi usar dessa expressão, que não é peculiar aos francezes?

No proximo artigo explicarei isso.

Silvio de Almeida

(Da Academia Lusitana de Letras)

### Poesia scientifica

A sciencia é tudo: dois veis dois é quatro  
E batata não tem e cedilhado;  
Os animaes dos mundos habitados  
Dividem-se em gallinha, frango e pato.

Quê importa a rima? Que tem que não me  
entendam,  
Se sou livre?

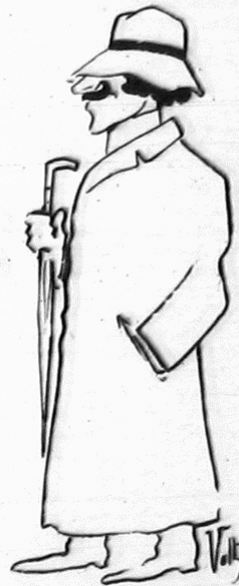
Liberdade, liberdade,  
Tu és a deusa do seculo,  
E's a mãe do *habeas-corpus*  
E a avó do telephone.

Almas de dromedarios e de burros,  
Oh! carroceiros do ideal!  
Não compreendeis a sciencia, nem ao menos  
O calculo infinitesimal.

Mas não, que loucura a minha  
Prégar a sciencia aos mortaes!  
Viva Bodin e Schopenhauer,  
Jota-jota, A. Cancio e eu.

Saturtino Barboza

### Na Academia



Um amigo do *Pirralho*.

O Marechal é mesmo uma aguia,  
Emquanto ronca o pan em Alagoas,  
s. exa. vai caçar com o seu amigo  
Oliveira Botelho. Nem ao menos  
finge que governa.

Figura 30: O Pirralho. São Paulo, 23 de março de 1912, n. 33, p. 5

Este recorte - figura 30 - traz uma descrição bem humorada de um membro da Academia Paulista de Letras, que, ao tentar encontrar um tema para um exercício de reflexão, termina por explorar uma idéia irrelevante, sem teor científico ou literário. Esta piada induz a pensarmos nas imagens associadas à Academia Paulista de Letras e a falta de uma produção cultural útil para o país. Mais uma vez, indiretamente, o humor destaca a falta de conteúdo dos letrados e o "vazio" entediante das falas de acadêmicos e afins. Tais falas, mais que comunicar, parecem ser, aos redatores do Pirralho, letrados, diretores de escolas, acadêmicos, hipocrisias ligadas a uma suposta relação entre falar difícil e pertencer às elites. Importa ainda ressaltar que as críticas veiculadas no periódico têm alvos bem diretos. Silvio de Almeida, bacharel em direito sem exercício na carreira e professor da Escola Normal foi também sócio fundador da Academia Paulista de Letras, tornando-se mais conhecido como filólogo e pedagogo. Ele pertenceu a uma geração de bacharéis professores também veiculada à imprensa. Ele criou uma revista de filologia e, mais tarde, junto com a esposa, editou o periódico A Mensageira, destinado à educação feminina (Martins, 2008: p. 441). Considerando não ter sido ele o autor do texto, a diferença mínima para o reconhecimento da troça está na grafia do nome: o acadêmico era Silvio de Almeida; o redator da nota acima, Silvio d'Almeida. Mesma brincadeira aparece na autoria do poema Poesia Científica, assinado por Saturboza Barnino, menção evidente à figura de Saturnino Barbosa, escritor e poeta conhecido por romper com a métrica tradicional e pelo uso simplificado da ortografia, como vimos. Apesar dessas qualidades, em geral atribuídas mais recentemente, sofreu bastante em vida com as críticas que eram dirigidas a seus textos e a sua conduta. Há, ainda, indicações de que, como professor, tenha trabalhado em escolas libertárias vinculadas ao movimento anarco-sindicalista brasileiro tenha sido professor em escola anarquista (PAULILO, p.38).

**Criticas Irracionais, do professor Saturnino.** — Antes do tempo veio á luz (como disse o dr. A. Cancio) o opusculo do professor Saturnino, o já conhecidissimo poeta da *Morte de Deus*.

E' uma coisa patusca, capaz de fazer empallidecer o Barjonas e seccar a lingua ao Pópoca.

Desopilante magnifico, na medica expressão do encaneido Jota Jota.

O Demetrio J. Seabra, que se propõe a ser o successor de Ferri, anda á cata do vate do Cubatão para *med'lo* com a *rejoinha* célebre.

Após a medição, o Juó Bananero, unico capaz de comprehender o poeta da musa sapientissima (sem referencia á banana, que é *masa sapientum*) fará um estudo sério, sériissimo das *Criticas*.

**Figura 31:** O Pirralho. São Paulo, 23 de Março de 1912, n. 33, p. 12

Este texto - figura 31 - coloca em relevo algumas pessoas que na época tinham um trânsito cultural, como é o caso de Saturnino Barbosa, considerado pelos estudos literários como um dos precursores do modernismo. Escritor e professor em uma escola de Cubatão, chamava a atenção pela sua produção fora dos cânones do parnasianismo, conforme reforça o comentários a seguir :

"Professor público em Cubatão, amigo da letra de forma, ele, de quando em quando, alarmava a nossa sensibilidade romântica e provinciana com livros que - naquela época - conseguiam fazer barulho. Enchiam a secção-livre dos jornais, eram discutidos nos cafés. E os semanários ilustrados botavam a boca no mundo, entre divertidos e indignados... A verdade é que tudo naqueles poemas era novo para um tempo em que os cânones literários ainda valiam por tabus. Foi Saturnino Barbosa quem aboliu definitivamente a métrica, o que representava naqueles dias uma façanha só comparável à tomada da Bastilha." (SCHMIDT, s/d, p. 331)

# Instituto Historico

e ainda por cima

## GEOGRAPHICO

*O sr. Domingos Jaguaribe.* — Peço a palavra, sr. presidente.

*O sr. presidente.* — Tem a palavra o nobre socio.

*O sr. Domingos Jaguaribe.* — Eu não tenho nome?

*O sr. presidente.* — Desculpe-me v. exa. Tem a palavra o dr. Domingos Jaguaribe.

*O sr. Domingos Jaguaribe.* — Só?

*O sr. presidente.* — Illustre historiador e geographo.

*O sr. Domingos Jaguaribe.* — E o que mais?

*O sr. presidente.* — Irra, que é demais! Digo-lhe o nome, chamo-o de v. exa., de illustre, de historiador, de geographo, e o sr. ainda não se dá por contente. Arre, diabo!

*O sr. Domingos Jaguaribe.* — Consulto á casa se a expressão do sr. presidente é regulamentar.

*O sr. presidente.* — Está a votos a consulta. Os que votam pela afirmativa queiram conservar-se sentados.

Ficam todos sentados.  
*O sr. Domingos Jaguaribe.* — Está bem. Não falo mais.

Senta-se.

*O sr. Pedro Rodrigues de Almeida* faz um signal ao sr. Alfredo de Toledo. *O sr. Alfredo de Toledo* faz um signal ao sr. Gelasio Pimenta, que diz baixinho:

— Eu não. Fale você.

*O sr. Alfredo de Toledo.* — Peço a palavra.

*O sr. presidente.* — Tem a palavra o sr. Alfredo de Toledo.

*O sr. Alfredo de Toledo* faz um discurso cheio de rasgados elogios ao dr. Jaguaribe.

Palmas.

*O sr. Domingos Jaguaribe* agradece e, findo o agradecimento, diz:

O meu intuito ao pedir a palavra foi propôr a esta illustre assembléa uma importante questão. *(Tosse e pede um copo d'agua).*

Uma importante questão. E' a seguinte: que foi que appareceu primeiro — o ovo ou a gallinha?

*O sr. Gelasio Pimenta.* — Esta é boa! *(Riso).*

*O sr. Pedro Rodrigues de Almeida.* — E' mesmo muito boa!

Todos cantam em côro, sob a egencia do dr. Gelasio Pimenta: *Esta é boa!*

*Esta é mesmo muito boa!*

*O sr. Alfredo de Toledo* desafina.

*O sr. Jaguaribe.* — E' boa, dizem ocês. E' optima, digo eu. Vamos

lá. Que é que appareceu primeiro?

*O sr. Raphael Sampaio.* — Ora essa! O ovo!

*O sr. Dinamico Rangel.* — Olha o outro! A gallinha!

*(Tumulto. Uns gritam: o ovo! outros, gritam: a gallinha! O sr. Pedro Rodrigues de Almeida aproveita a occasião para dar um cadeirada no sr. Torres de Oliveira.)*

*O sr. Jaguaribe.* — Que foi que eu disse? E' boa ou não é boa? A coisa diverte ou não?

*O sr. Torres de Oliveira.* — Você me paga.

*O sr. Jaguaribe.* — O sr. ouviu, sr. presidente? Vejam só! Estava dormindo!

*O sr. presidente.* — Dormifido, não. Veja lá como fala.

*O sr. Jaguaribe.* — Exijo uma explicação do sr. Torres de Oliveira.

*O sr. Torres de Oliveira.* — Eu não estava falando com o sr.

*O sr. Jaguaribe.* — Proponho que se adie a discussão.

*O sr. Alfredo de Toledo.* — E' melhor:

*O sr. presidente.* — Está adiada, prompto.

*O sr. Jaguaribe.* — Tenho mais uma coisa a dizer, ou antes tenho uma coisa a revelar.

*Todos.* — Que será? Que será? *(Trocam-se commentarios e palpites).*

*O sr. Jaguaribe.* — Quem adivinhar ganha um pé de moleque e um banho de graça no meu estabelecimento, na rua do meu nome. Tem campo de foot-ball e trapezio para gymnastica. Para os outros, cada banho custa dois mil reis. Mas quem adivinhar tem um banho de graça.

*O sr. presidente.* — V. exa. está mas é fazendo reclame do seu negocio.

*O sr. Jaguaribe.* — Protesto. Consulto á casa se o sr. presidente tem razão.

Todos gritam:

— Não tem!

*O sr. presidente.* — Está bom. Eu não quero teimar.

*O sr. Jaguaribe.* — Um, dois, tres! ninguem adivinhou. Sucia de bobos!

*Uma voz.* — Vae e!e!

*O sr. Jaguaribe* tira do bolso um objecto.

*O sr. Torres de Oliveira.* — E' um ovo!

*O sr. Jaguaribe.* — Tarde piaste!

*O sr. Alfredo de Toledo.* — Quem disse que *A Tarde* piou! Estou aqui para defender *A Tarde*.

*O sr. Gelasio Pimenta.* — Boa piada.

*Uma voz* começa a piar.

*O sr. presidente.* — Estão me achincalhando a sessão. Silencio!

*O sr. Jaguaribe.* — Um ovo, disse com extraordinario brilho o dr. Torres de Oliveira.

*O dr. Torres de Oliveir.* — Obrigado.

*O sr. Jaguaribe.* — Mas que especie de ovo?

*O sr. Raphael Sampaio.* — Ovo de peru.

*O sr. Alfredo de Toledo.* — De gallinha d'Angola.

*Uma voz, baixinho:* — Ovo de porco.

*O sr. presidente.* — *(Indignado.)* Está suspensa a sessão. E' demais!

Nomeia-se uma comissão para syndicar da proveniencia do ovo de porco.

*O sr. Jaguaribe.* — Infame, tres vezes infame, quem ousou proferir essas palavras torpes no seo desta augusta assembléa. Offendeu a memoria do maior navegador que tem assombrado o mundo...

*O dr. Torres de Oliveira.* — Já sei: algum regateiro...

*O sr. Jaguaribe.* — E' inutil. V. exa. não adivinha. O que aqui está, meus srs., é nada menos do que... Descubram-se todos.

*O sr. presidente.* — Scientifico ao nobre socio que ninguem entra aqui de chapéu na cabeça.

*O sr. Jaguaribe.* — Foi um lapso. Então ajoelhem-se.

Todos se ajoelham.

*O sr. Jaguaribe.* — *(Trepando na cadeira.)* O ovo de Colombo!

Palmas, bravos, gritos, lenços no ar, o sr. Torres de Oliveira quer puxar os cabellos do sr. Pedro Rodrigues de Almeida, os srs., Alfredo de Toledo e Raphael Sampaio, dão vivas ao marechal Hermes, e o sr. Gelasio Pimenta um a Wagner e outro a Guiomar Novaes, comum morra ao Otero pelo meio.

*O sr. Jaguaribe.* — Este ovo remonta a 1492.

*O sr. Torres de Oliveira.* — 1 e 4, 5; 5 e 9, 14; e 2, 16. Dá o.

*Uma voz:* — Mas quem poz o ovo foi Colombo?


Gargalhadas. Um grupo de exaltados arrebatada das mãos do dr. Jaguaribe o ovo famoso, que cae ao chão e se quebra.

Todos tógem com o lenço na nariz.

Não era authentico.

— Então o Wencesgan?

— Brillou. Se todas as sentenças delle fossem como a que negou habeas corpus a quem se nega a fazer exames, o «Pirralho» nomeava-o seu critico literario.

**Cigarros CANADIAN** 

Boa Direita. 1 2

Figura 32: O Pirralho. São Paulo, 30 de Março de 1912, n. 34, p. 7



Este engraçado diálogo que se passa no "*Instituto Histórico e ainda por cima Geografico*", parece mais uma vez pretender desmistificar a grandiloquência e o caráter laudatório que cercava as instituições tidas como científicas, portadora de um saber superior, que teoricamente distinguiria aqueles que delas fizessem parte. Nesta época a que nossa pesquisa se reporta, as tidas ciências, não tinham uma tradição, e nem grandes inventores e pesquisadores que pudessem alimentar nosso imaginário com a idéia de que a ciência pode melhorar a vida das pessoas com as suas descobertas, de que existe de fato um lado prático a serviço da humanidade.

Ao ridicularizar a sessão do Instituto Histórico Geográfico, exatamente a partir da questão-problema que marcou a reunião – quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? – duas hipóteses, entre si complementares, podem ser levantadas: primeiro, uma crítica a um dos pilares da ação daquela instituição, preocupada em encontrar os “troncos” originais paulistas, famílias de longa tradição, o mito de origem, enfim. Segundo, uma predileção pela erudição e pela disputa interna de poder entre seus membros que, de certa forma, procuravam pela presença no Instituto legitimar um lugar social de pertença e superioridade.

Como vimos ao longo deste relatório, figuras ligadas ao universo acadêmico e às belas artes, assim como aqueles ligados ao governo da república em suas várias esferas, eram alvos constantes do sarcasmo e da ironia do Pirralho. Nas matérias reproduzidas a seguir, Rivadávia Correa aparece como centro das suas atenções:

## FAUSTINO E RIVADAVIA

Entrevista política — «Calque-valque» — As chinezas — Rasteiras — O bicho do pé.

Ruy Barbosa veio a São Paulo. Para equilibrar as cousas, pois não pôde haver felicidade perfeita neste mundo, o Rivadavia veio também. O encalamistrado reformador do ensino, tão notável pelo seu topete quanto pelas suas gravatas, recebeu logo no dia da chegada, a visita do Faustino, que lhe foi apresentar as saudações dos curandeiros de São Paulo, inclusive de umas pretas minas que fabricam beberagens para curar mordeduras de cobra e hemorroides. O respeitável ministro, uma das maiores capacidades do glorioso ministério de Hermes da Fonseca, recebeu de braços abertos o Faustino, como era de esperar.

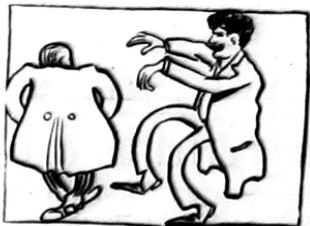


— Oh Faustino! Você por aqui! O Faustino, gaguejando de contente, voltou-se para um amigo que foi com elle e disse-lhe:

— Você viu como elle me quer bem? Isto é um anjo.

E caiu nos braços rivadaviescos. Duraram alguns minutos as effusões do jubilo que os dominava a ambos: ao consolidador da charlatanice e ao príncipe dos mezinheiros.

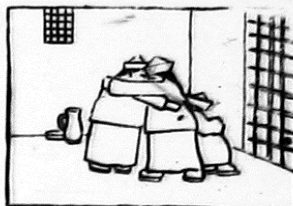
Trocaram beijos, meigas beijos repipecantes como diria o João do Rio; segredaram um ao outro coisinhas que os faziam rir como uns perdidos; e, por fim, não se



contendo, dansaram. Dansaram a caninha verde, o «calque-valque», com diz o Barjonas, tudo emfim. Terminados os terpsychoricos vol-

teios, Faustino, com um joelho em terra, enlaçou a cintura de Rivadavia, como fazem no theatro os dansarinos.

Depois, estafados, sentaram-se.  
— Que me conta de novo?  
— Tudo velho.  
— As chinezas?  
— Martyres. Cientistas abnega-



das. Victimas da sciencia. Grandes sabias.

— Victimas da sciencia, ponderou Faustino. Isso mesmo. Então guardar bichinhos na boeca, é brincado? Isso é lá p'ra qualquer um?

— E creal-os? Você não imagina, Faustino, as solicitudes, os mil cuidados das chinezas pelos bichinhos: davam-lhes de comer tres vezes no



dia; amamentavam-nos, lavavam-nos mudavam-lhes a camisolinha...

— E' verdade, dr.?

E', Faustino. Você não acredita?

— Acredito, dr.

Silencio.

— Pois eu tambem sou um martyr da sciencia.

— E eu um martyr da elegancia: Mas tambem ninguem me chega.



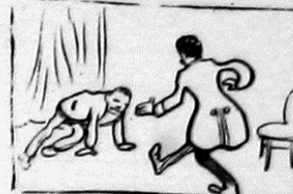
Sou o homem mais elegante do Rio de Janeiro. Eta nois bão!

Em pé no meio da sala, Rivadavia repetia a phrase:

— Eta nois bão!

— Quando o cabra é bão tuda hora é hora! gritou Faustino.

E brincaram de capoeira.



Finda a capoeiragem, sentaram-se de novo, estafados.

— Você não imagina, Faustino, o que é ser ministro.

— Ah! Ha de ser uma coisa muito bonita. Conte, dr.

— Vou todo o dia á casa do Hermes.

— A proposito: é verdade que elle é cheirosa creatura?

— Não sei. Mas é um bom homem.

— Ah, lá isso é: é um bom homem. Não é lá uma agua...

— Sim não é lá uma agua...

...mas é um bom homem...

E repetiram juntos:

— Ah, lá isso não tem duvida: bom homem.

— E amigo do seu amigo. E amigo do seu amigo. E tres vezes amigo do seu amigo.

— O Rosa e Silva que o diga,



aparteou o Pirralho de traz de uma cortina.

— Não, dr. o sr. não tem razão de falar assim.

Desculpe-me, mas...

— Assim como?

— Assim...o Rosa e Silva...

— Mas eu não falei em Rosa e Silva.

Ah, desculpe. Mas vamos ao que serve: Eu vim aqui pedir-lhe um favor.

— Estão me chamando lá dentro. Não ouviu?

— Não, sr., um favorzinho muito simples.

— Meu Deus, que pontada no figado! Este clima de São Paulo é horroroso!

— Causa átoa. Como o sr. sabe eu fui eleito...

— Com licença, Faustino. Já volto.

— Não! Não, o deixo sair! Fique! Diga como o padre Feijó:

Fico!

— Fico, Faustino! Como é para teu bem, fico!

Figura 33: O Pirralho. São Paulo, 30 de Março de 1912, n. 34, p.9

— Obrigado! O dr. Soares do Couto ha de um dia narrar, pela secção Livre do *Estado*, esta memoravel scena historica que se está desenrolando neste momento. Scena importantissima, porque se vê o cidadão ao lado do ministro, o humilde cultor da sciencia...

— Quanta modestia!  
— ...ao lado do sabio reformador do ensino.

— Bondade sua, Faustino.  
— Bondade! E, fala em bondade! Quem? O maior politico do seculo...

— Esteve verdadeiramente confuso...

— ...O mais admiravel estadista da America...

— Bondade... bondade...  
— Da America só? Iche!  
Do Brasil inteiro!

— Oh, Faustino!  
— Não tem oh! nem meio oh!  
O sr. é o maior homem do Brasil.

— Oh! sinto-me no outro mundo.  
— Foi o sr. quem enditeitou tudo isto. Estava tudo escangalhado.

— Lisonjeiro!  
— Nunca! Lisonjeiro — não. Foi o sr. quem poz isto nos eixos. Fique sabendo que foi o sr. quem poz isto nos eixos! (*Colerico*) Fique sabendo...

— Está bem, Faustino fui eu.

— Dizem que o Rio Branco fez mundos e fundos. Aduladores! Aduladores! O sr. é que tem feito tudo quanto vemos.

Viva o dr. Rivadavia Correia!  
O *Pirralho*, do seu canto:

— Pobre chaleira.  
Continua Faustino:

— O sr. disse que Hermes é amigo do seu amigo. Ora, eu seu amigo do Hermes. Logo, o Hermes é meu amigo. Bem; o Marechal tem uma excellente occasião de mostrar que o sr. mentiu ao proferir essa phrase: o Hermes é amigo do seu amigo. E' só reconhecer-me deputado...

— Com licença Faustino.

— De mais, eu fui eleito. Tive 14000 votos, 13000 mais do que o Capitão. Posso prestar um serviço inestimavel na Camara.

— Teve de interromper-se. O Rivadavia ria como um possesso, com



as duas mãos na barriga.

— Ah, Faustino! Você é esplendido!

— ...um serviço inestimavel, na commissão do Código Civil, por exemplo.

— Você é um anjo, Faustino! gemia o Rivadavia, rindo como um doido.

— Se não fôr possivel reconhecer-me não faz mal: contento-me com o lugar de medico do presidente.

— Não póde ser. Serve o de veterinario do exercito?

— Faustino coçou o queixo e, por fim, decidiu-se:

— Sou um abnegado, dr. Eduqueme na escola do Capitão.

— Aceito.

— Porque o lugar de medico do presidente está dado ao Soares do Couto, que prometeu curar sem dor...

— Permite um aparte? Porque não leva o J. J.?

— ...o dedo em que entrou o bicho no Marechal.

— Com que então, o Marechal ainda não sarou do bicho?

— Não. Arruinou.

— Coitado! Eu sempre disse que elle é uma victima do dever.

E foram tomar cognac pelo restabelecimento do Marechal.

### O PIRRALHO NOS CINEMAS

#### BIJOU



Foi um verdadeiro successo a exhibição do film «A filha do caminho de ferro». Velhas, velhos moças e moços enxugavam lagrimas, tamanhaera a compaixão que inspirava a desgraçada «filha do caminho de ferro.»

Só o *Pirralho* não chorou porque não tinha no bolso um lençinho de seda...

Muitas outras fitas interessantes foram exhibidas no Bijou durante a semana e todas ellas agradaram muitissimo.

#### IRIS

Neste elegante cinema foi exhibido durante a semana o bellissimo film «A má planta» que a todos encantou.

E' deveras deslumbrante; e o *Pirralho* sentiu não dispôr de tempo para velo duas vezes.

Figura 34: O Pirralho. São Paulo, 30 de Março de 1912, n. 34, p.10



## O FAZENDEIRO

BONTEM BOJE



Ainda mac imbuzio porque deve 100 contos. Deve 200 contos e está satisfeíssimo.

### Varões illustres do Brasil

(Em sepultimento à obra de Platão)

#### Rivadavia Corrêa

O Dr. Rivadavia Augusto da Cunha Corrêa, nasceu na cidade Bagé no Rio Grande do Sul. É filho do voluntario da Patria, Francisco da Cunha e de D. Angela Raphaela Corrêa. Foi baptisado e foi catholico. Edificou-se no seu Estado natal, tendo sido sempre pouco revelador de talento. Mais tarde veio para a Faculdade de S. Paulo, «ninho de aguias» no seu tempo e elle, qual urubiu, para cá apertou tresandando perfumes e trazendo consigo a grande fama de terrivel «conquerant». O seu curso foi apagado. Celebrison-se pela sua «republica» no largo de S. Francisco, «republica» de vadios, de bailarinos e de poetastros. É desnecessario dizer-se que foi serenatista e que teve uma infinidade de namoradas. Formou-se e abraçou a Politica. Nessa carreira, a sua actividade assombrosa de politiquero, falso e sem brio, desdobrou-se grandemente. Foi logo deputado pelo Rio Grande do Sul e mais tarde leader da banca-da rio-grandense na Camara federal. Anteriormente ao advento mi-

seravel desse governo desastrado, infeliz, infame, assassino e ladro, o seu nome era pouco conhecido e não era ainda o assumpto obrigatorio de editoriaes, de jornaes e de discursos na Camara. É o ministro do Interior do Governo Hermes, como porta-vóz legitimo do caudilho da morte, General Machado, e representante directo do antipathico positivismo sul-rio-grandense. Nesse ministerio, os factos mais importantes da sua vida são: a reforma do ensino e o seu desavergonhado incidente com o «cadet» Mario Hermes. Na reforma do ensino o positivista Rivadavia, teve em mira desofficializar o ensino e cantilisa-lo homenageando assim, o amante de Clotilde a santa. Deu com essa desastrada lei cheia de vicios, de controversias e de illegalidades a prova official da sua nullidade. No incidente Mario Hermes, revelou-nos o positivista renitente, que dentro daquella cabeça ornada por uma farta cabelleira que nunca vio pente, mas que vê diariamente, brilhantina e oleos, não ha o mais leve resquicio de talento e no seu rosto a mais leve sombra de brio... Recebeu do famigerado tenente, vomitado em um telegramma a mais infame carga de desatros e offen-

sas e tirando-lhe o chapéo em a mavel saudação apegado por abnegação interessira, á pasta de Ministro, continuou no Ministerio. Seguiu-se depois a sua cinematographica doença e o seu tontolinesco abatimento de espirito. Tem sido esta a sua vida. Esquecíamos que o seu appellido em familia e no paiz suspeito do mundanismo é Riva. Quando estudante, foi *Riva das moças* agora é Riva... (oh! sejamos discretos).

MARCUS PRISUS

### Exposição de pintura

#### Parlagreco.

Continua aberta a exposição de pintura do Sr. S. Parlagreco. Já foram adquiridas muitas das suas télas, havendo, contudo alli, umas manchas, principalmente as que foram feitas nestes ultimos dias, que bem merecem ser adquiridas.

#### Helios Seelinger.

Não se parece absolutamente com os pintamonos e reproductores de cartões postaes este moço artista. Tem talento e é original. A sua individualidade é accentuadissima em todas as concepções. Mais que um simples figurista, Helios é um illustrador.

O symbolo sempre é flagrante nas suas télas. O colorido que algumas vezes é por demais violento (não é berrante) e por vezes umbrozto tambem vem sempre pelos onhos.

Os seus quadros (quasi todos grandes) são originalíssimos. O de n. 3. *Festas de Nazareth* mostra o pintor de costumes que poderia ser si a 'acudade inventiva o não trahisse.

O de n. 4. *Fogo*, é magnifico. Bem movimentado e com um figurado de primeiro plano, que é adoravel: um rapaz que foge ás labaredas com os olhos deshorbitados e cabellos arrepiados.

R.

#### Fumem LUZINDA de Stender

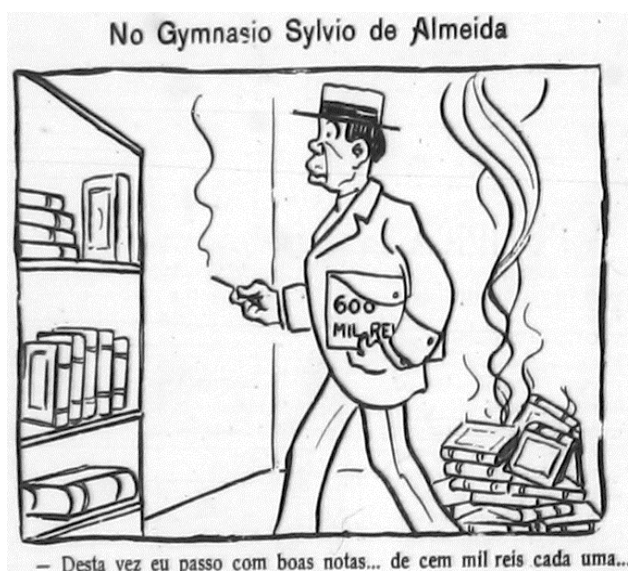
## Dioxogen

Poderoso antiseptico para uso interno e externo. Tem mil applicações: como gargarejo, para a bocca e os dentes, para mãos e rosto rachados e para a tez, etc., etc.

Figura 35: O Pirralho, 07 de Setembro de 1912, n. 57, p. 11

O texto acima - figura 35 - faz uma descrição pouco lisonjeira de Rivadavia Correa, responsável pela reforma que levou seu nome, efetivada através da Lei Orgânica do Ensino, decreto de 05 de abril de 1911, que na época foi cercada de críticas por desoficializar o ensino, e trazer várias alterações que vieram a desqualificar o ensino secundário, dando-lhe um caráter prático, terminal e profissionalizante, eliminando seu caráter propedêutico, dando continuidade à lógica de reservar os ensinos primários e secundários às camadas populares e o ensino superior às elites.

Esta reforma ensejou uma disseminação de escolas particulares ligadas aos católicos tradicionais e às escolas protestantes e por consequência a adoção de práticas pedagógicas ligadas aos modelos norte-americanos. Esta situação também explicaria as charges que associam ensino secundário e gymnasios a uma espécie de extorsão devido aos altos custos cobrados pelas aulas nas escolas particulares e de exames preparatórios. As próximas duas charges ilustram esta hipótese, criticando particularmente o colégio fundado por Sylvio de Almeida, outro alvo constante da revista:



**Figura 36:** O Pirralho. São Paulo, 15 de Março de 1913, n. 82, p. 14

O anúncio abaixo foi retirado da *Revista Portugal e Brasil*, em 1908 e pode ter relação com a charge acima:

*“Cursos diurnos e nocturnos. Dirigidos por Ferreira de Carvalho (Professor no Gymnasio*

*Sylvio de Almeida e Collegio João de Deus). Habilitação para exames de todas as materias de instrucção secundaria, admissão aos Gymnasios, Escola Normal e Escola de Commercio. Cursos theoricos e praticos de calligraphia, escripturação e contabilidade comercial. Cursos especiaes de desenho e musica. Rua Riachuelo, n.º 59 (p. 103)”.*

Esta imagem faz referência ao comércio que se criou em torno do diploma, idéia reforçada pela pesquisadora Aline de Moraes Limeira conforme comentários a seguir:

"Dando continuidade as questões levantadas pela nossa investigação, podemos apontar sinais relativos aos planos de estudo de cada instituição, condicionados ao nível de ensino oferecido. Entre os graus de instrução (primária, secundária), a iniciativa privada instaura outros espaços de educação, como o ensino preparatório – exclusivo para aprendizagem dos saberes necessários ao ingresso no ensino superior e que tornasse significativamente recorrente no século XIX, ampliando as atividades do aparelho privado no campo da educação – ou ainda, um sistema de reforço escolar – uma espécie de professor explicador, que poderia ser contratado num estabelecimento especificamente para esta tarefa ou oferecê-la como aula avulsa." (LIMEIRA, 2007, p. 03)

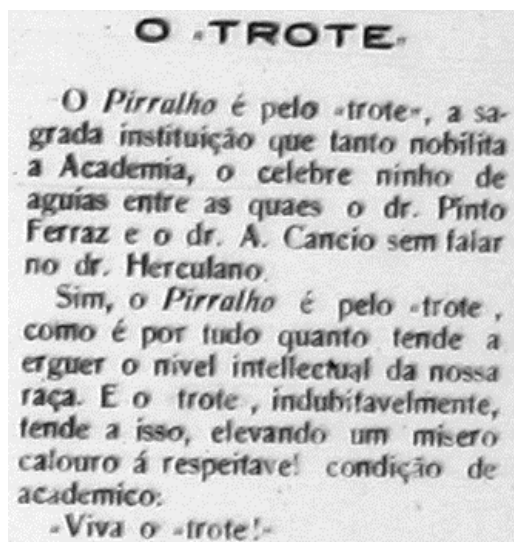


**Figura 37:** O Pirralho. São Paulo, 22 de Março de 1913, n. 83, p. 4

Os recortes anteriores - figuras 36 e 37 - apontam para uma apropriação dos níveis secundários e de preparação para as universidades pela iniciativa privada, delineando-se desde final do século XIX, um comércio em torno do diploma, visto como "porta de entrada" para a política e para a segurança do emprego público. O diploma era visto como uma aquisição cara, desprovido de um valor prático, construtivo. O imaginário que parece se formar em torno do diploma comporta a idéia de ascensão imediata e natural, prescindindo o diplomado do esforço de trabalho pelo emprego dos conhecimentos adquiridos. As palavras de Marcos Ferreira:

O ensino propedêutico deveria ser destinado unicamente à elite nacional em sua febre de “*bacharelismo*”. A necessidade de se ter um filho na família que fosse padre (no mytho jesuítico do “*padre*”), vai sendo gradativamente sendo substituído pelo filho “*doutor*”. E o espírito do tempo fará com que este doutor seja essencialmente positivista. Ele será o arauto do progresso que virá a partir da ordem. Daí também a necessidade de “*doutores*” que tragam este progresso (numa tradição essencialmente jurídica), bem como dos militares a garantirem a indispensável “*ordem*”. Não por acaso, no Brasil, se construirá uma Igreja Positivista. Neste particular, nos parece que o mytho jesuítico “*falou mais alto*”. (SANTOS, 1993, p. 2)

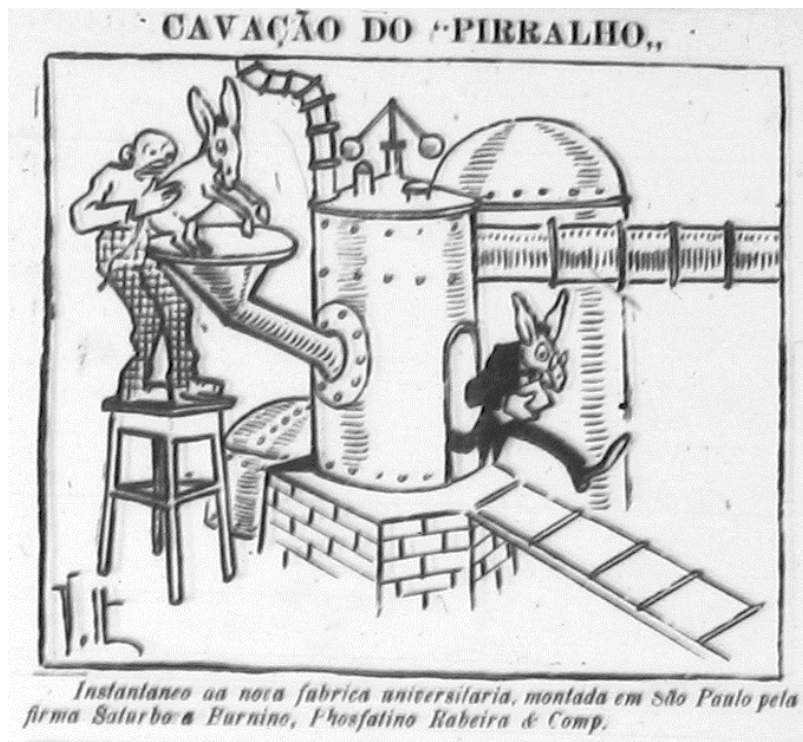
Antes mesmo do título conquistado ao final do bacharelado, o simples ingresso na faculdade, segundo O Pirralho, já era fator de distinção social:



**Figura 38:** O Pirralho. São Paulo, 06 de Abril de 1912, n.35, capa

Esta pilhéria envolvendo personalidades da Academia de Direito, sob o epíteto de "*ninho das águias*", se refere à cultura letrada como meio de elevação intelectual e, portanto social. O trote corresponde ao *ritual de passagem* para elevar o *calouro* na hierarquia social/cultural ao entrar em um curso superior.





**Figura 39:** O Pirralho. São Paulo, 28 de Dezembro de 1912, n.72, p. 9

Além da imagem - figura 39 -, cumpre observar os dizeres que, mais uma vez, brincam com nomes de professores bastante conhecidos no universo paulista. Assim, de um só golpe, é possível dizer que desenho e texto condenam tanto o ensino superior quanto as iniciativas pessoais de alguns professores no sentido de fundarem e conduzirem escolas.



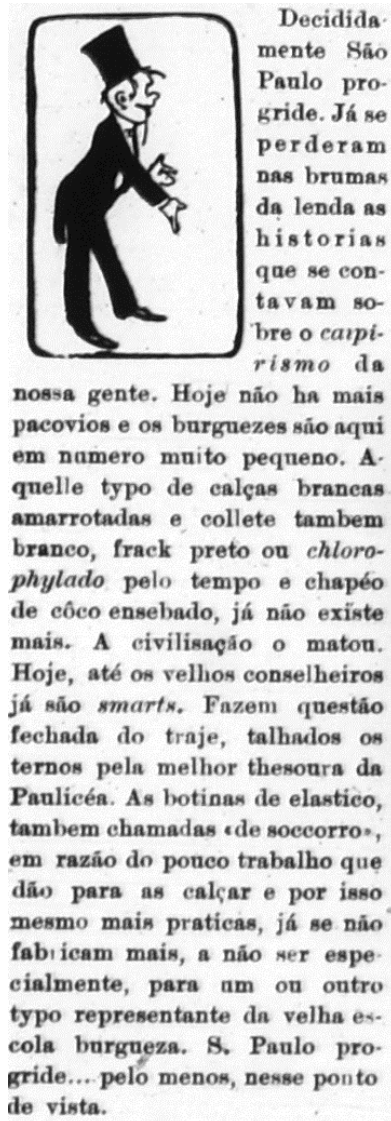
**Figura 40:** O Pirralho. São Paulo, 23 de Dezembro de 1913, n. 83, p. 6



**Figura 41:** O Pirralho. São Paulo 05 de Abril de 1913, n.85, p. 12 (O Rigalegio)

As duas imagens anteriores, 40 e 41, fazem uma associação direta entre o ensino superior e o alto valor despendido para formar-se um bacharel e conseguir um diploma. Ainda, enfatizam uma associação imediata entre a ascensão escolar e a riqueza e, por fim, questionam o valor do estudo e do diploma, expondo faces tolas e semelhantes de alunos formados ou não.

## 4.2. O caipira e o erudito: lutas de representação



**Figura 42:** O Pirralho. São Paulo, 10 de Abril de 1915, n. 182, p. 4

O texto da figura 42, apesar de falar de modos de se vestir, contrapõe os termos caipira e civilizados, associando o caipirismo brasileiro ao atrasado, superado, pobre, destoando das últimas tendências, desinformado do que é moderno. Já o civilizado, é associado ao homem que se veste bem, que calça as botinas da última moda. O termo *smart* era usado para designar aquele que se veste de acordo com os padrões norte-americanos de

elegância e bom gosto, que usava acessórios como casaca e cartola. Este texto, apesar de versar sobre moda, coloca em evidência a depreciação que se construiu em torno da imagem do caipira, visto como atrasado, distante dos parâmetros da modernidade, alguém que não evoluiu.

Nesta segunda parte da análise das imagens, perceberemos que nem sempre esta associação com o atraso e a ignorância foi predominante. Outras associações, aproximando o caipira da astúcia e de uma sabedoria prática de vida, vão aparecer em várias passagens humorísticas. Na mesma direção, o homem da cidade, que se civiliza, que segue os costumes europeus e americanos e se diz portador de um saber erudito, é representado muitas vezes como pessoa fútil ou ignorante, por vezes mais ignorante que o próprio caipira que repudia e do qual quer se distanciar pelo traje e por outros atributos materiais.

Partimos da idéia de que este embate de culturas, cada qual procurando seu espaço social de valorização, se expressou de várias maneiras e a linguagem, tanto escrita como oral, se tornou campo de luta de identidades. A fala caipira, acentuada no sotaque rural e nos erros freqüentes, pode ser considerada um elemento de resistência em reconhecer a superioridade do falar correto identificado às elites.

A passagem abaixo, do texto de Heloisa de Faria Cruz põe em destaque algumas questões sociais ligadas à linguagem:

“Na maioria das vezes, de maneira proposital, principalmente em efêmeros e anônimos jornais de humor, o uso do português incorreto, seja através de erros gramaticais, seja na forma de dialeto caipira, de termos pesados da gíria das ruas, de referências desrespeitosas aos costumes, aparece como estratégia de crítica à linguagem pomposa e sisuda predominante na imprensa.” (CRUZ, 2000, p.175)

Esta oposição entre moderno-urbano-culto e atrasado-rural-ignorante era bastante freqüente em vários periódicos humorísticos em circulação na São Paulo no ano de 1910. O uso de estereótipos do "*snob*" como representante do "moderno", alinhado às últimas tendências francesas, aparece nos periódicos em contraponto ao caipira. Como bem citado

por Saliba (2008:188), os periódicos pareciam trazer duas possibilidades representativas da sociedade dual da *Belle Époque*: o caipira ou *snob*, o jeca ou cosmopolitano. Estas representações simbólicas definiam bem a ambigüidade de uma sociedade dividida entre um passado a ser esquecido, mas ainda muito presente na figura de ex-escravos, hábitos de origem rural, práticas populares na forma de cantigas, e um futuro apoiado na urbanização e nas novas tecnologias.



**Figura 43:** O Pirralho. São Paulo, 02 de Setembro de 1911, n. 4, p. 14

Como já citado anteriormente, o falar errado, como apresentado na figura 43, pode ser uma estratégia crítica aos excessos de formalidade da linguagem acadêmica usada em discursos durante as festas cívicas nos Grupos Escolares e os discursos políticos. Havia

uma forte tendência entre literatos e pessoas consideradas “cultas” em corrigir escritos de jornalistas. Monteiro Lobato e Oswald Andrade eram representativos deste grupo que exagerava no trato corretíssimo do português numa clara posição preconceituosa e elitista no uso da palavra.

A comunicação acadêmica era usada como delimitador de classes e o uso do português pelo caipira ignorante de Cornélio Pires e português macarrônico de Juó Bananére buscavam abrir espaço de identidade e importância social a outros grupos não necessariamente ligados a esta educação formal. Além disso, fazia do simplório o sujeito que era capaz de formular perguntas constrangedoras ou perceber jogos de poder e outras estratégias de conluio, apadrinhamento ou suborno.

A representação humorística, entendida como prática sócio-cultural, ganha uma dimensão bastante eloqüente, comprovada pela regularidade com que aparece nos periódicos. As charges de Voltolino, as crônicas de Juó Bananére por vezes de difícil compreensão devido ao esforço de reprodução da linguagem de rua e os personagens de Cornélio Pires a fazerem piada das futilidades do *snob* e da formalidade da cultura acadêmica, estão carregadas de representações sociais mais populares adquiriram posição fundamental. Ao provocarem o riso, indicam os limites deste projeto bem como algumas resistências que enfrentou.

Na próxima reprodução, conforme indica a figura 44, o Pirralho publicava uma carta, em forma de poema, de um caipira que, vivendo em São Paulo, mandava notícias para a família, provavelmente ainda em Minas. No texto, Ambrozio da Conceição, que “assina” o documento, conta sobre o cotidiano da cidade de São Paulo, ressaltando seu clima frio, lugares identitários, a agitação de suas ruas, a influência norte-americana e o cosmopolitismo da cidade, entre outros aspectos. Contando sobre a mulher e a filha, mostra-se surpreso com o vestuário então em moda, com a vaidade de ambas e com a facilidade com que circulam e se adaptam ao urbano. Certamente, o estranhamento do caipira diante da cidade que se agiganta, embora com pitadas de críticas, constrói uma

imagem romântica da cidade e o impacto que tinha sobre aqueles que aqui chegavam. Ao final, há referências diretas à escola e à educação como caminho para a ascensão social, apesar das nuances relativas à universidade. Apesar da ambigüidade que marca todo o poema, expressa especialmente por meio de conflitantes realidades e comportamentos tais como vaidade e modéstia, ignorância e educação, urbano e rural, atraso e progresso, o poema acaba por reforçar a grandiosidade do urbano. Neste sentido, o espaço todo da cidade é que educa.

# Cartas de um caipira mineiro

Seu cumpade Juvená,  
Inté agora eu não sei  
Si as carta que li mandei  
Fêro tudo arrecibida,  
Pois já tem duas sumas  
Que não fêro arrespondida.

De maneras que inguinôro,  
Si ôca mais a obrigação  
Tão cum saude ou não tão.  
Lí poço pra não déchá  
De arrespondé minhas carta  
Pra mode eu não me quexá.

Dens louvado, mia famia  
Tá indo sem novidade,  
Apesá desta cidade  
Tá um crime ensepultave  
Que nos menino e nos véio  
Faz as véis doença grave.

De minhá, isso não fais,  
Cae do céu tanta garça  
Fão fria que descorçoça  
Á gente inté de í na rua.  
Mais como isso é todo o dia  
Á gente logo abítua.

Si Angeles mais a Jeroma,  
Cumpade, si ocê vê ella,  
Fão alegre que se péla.  
O pó é que ellas qué  
Segui os luzo daqui  
E tamen os rapapé.

No Quati, ocê alembra,  
Ellas andava modesta,  
Mémo nos dia de festa.  
Uzava rôpa de chita,  
E em lugá de tê chapêu  
Na cabeça tinha fita.

Mais aqui tão défférente:  
Ellas qué andá na moda  
E atrepentá boss roda.  
Mia muié comprou pra si  
Um vestído que tem saiz  
Fazendo cum funí.

Sua afiada Jeroma,  
Que da mái não fica atraz  
E faz tudo o que ella faz,  
Comprou no mez atrazado  
Um muito cheio de gréga  
Que tamen tá muito uzado.

Compraro mais dois chapêu  
Que parece umas barraca,  
Largo que nem uma saca,  
E tão na moda tamen.  
Nos tal chapêu ellas pode  
Pô os trem dum armazém.

Compraro cinta de côro  
De dois dedo de largura  
Para marrá na cintura.  
Muié que não tem tá cinta,  
Que é uma moda americana,  
Diz que né gente distinta.

A menina qué pro força  
Que eu dé a ella um mantô,  
Mais por casa é que eu não tou,  
Pois gastei muita cobréra,  
E as tá moda, seu cumpade,  
Tá me dando na argibéra.

Ao dispois que aqui cheguei,  
Seu Juvená, todo o dia  
Vou passá coa famia  
Aqui, ali, acolá,  
Pra nós ficá conhecendo  
Bem depressa a capitá.

Nós já fumo nos mercado,  
No grande e no S. João  
Que nós achemo bem bão.  
A muié ficou pasmada  
De vé o mundão de coiza  
Que tá lá amuntada.

Mais no mercado dos peixe,  
Onde nós fumo tamen,  
Tanta procaria tem  
Que não pudemo ficá  
Pra mode tanta catinga  
Que fazia gumitá.

Eu fui na Luz, meu cumpade,  
Na terçatêra passada  
Pramóde vê a chegada  
Do escritô seu Paulo Adão  
Que veio aqui em S. Paulo  
Pra deitá falação.

Vi dizé que elle é da estranja  
De lá do lado da França.  
Elle aqui teve festança  
E gostou muito de vé  
S. Paulo, que cos estranho  
Não sabe o que á de fazé.

Cumo dissêro que o home  
Faz uns discurso bonito,  
Eu fui vé o sobredito,  
Mais não pude pescá nada,  
Apois elle só falou  
Numa lingua atrapaiada.

Inguinôro se elle foi  
Vé nossa Niversidade,  
Uma das celibridade  
Que S. Paulo agora tem,  
Mais qui muita gente aqui  
Tá tratando com desdem.

Si eu não fosse muito véio  
Is lá matriculá  
Pra muita coiza estudá  
Cum todos os professô,  
Que ensina um bando de coiza  
Só pra gente sé dóitô.

Muita coiza, meu cumpade,  
Tinha que pô nesta carta,  
Pois os assunto não farta,  
Mais como esta stá estença,  
Eu serei mais longo quando  
Vortá a sus presença.

Minha muié coa Jeroma  
Lí manda mais pra cumade  
Muitas lembrança e sódade,  
A'e orde sempre aqui tão,  
E juntamentes o veio

Ambrozio da Conceição

Figura 44: O Pirralho. São Paulo, 22 de Junho de 1912, n. 46, p. 3



Este modo de contar a cidade, entretanto, não é exclusivo. Em outros textos da revista, o homem da cidade, civilizado e culto, é ridicularizado pela astúcia do caipira. Nestes casos, é possível identificar uma crítica ao abandono do conhecimento adquirido pela experiência da vida, visto com desdém pelos homens da cidade. É o que se pode apreender neste outro texto, publicado 12 de Agosto de 1911.

No texto abaixo, Bernardino Lopes, personagem simples e acaipirado, descreve de maneira cômica, a saga torturante em que pode se transformar a ida a um espetáculo no Municipal, tido na época como um evento elegante e privilégio da alta classe social. Até mesmo as pessoas finamente vestidas são alvo de sua descrição impiedosa já que demonstram não ter boas maneiras, como é o caso do personagem que coloca o dedo no nariz. A personificação da astúcia se apresenta na forma como Bernardino Lopes não se deixa enganar pelas aparências, e percebe sabiamente o lado menos nobre da elegância citadina.

## Correspondencia de Xiririca



Seô Redatô do  
*Pirraio*.

Tô tudo escangaiado de cansera e nem num hei cumo é que tei de pegá no assunto p'ra escrevê p'ro seu jorná! — A tar festa do Municipá me dexô esbodegado que-nem morena que sambô a noite intera! Op'ros quinto! Aquillo tava que tava bulino de povo, num espreme espreme dos dianho! E eu que tava c'o dedo machucado mórde o intaliano lazarento pizá in riba, fiquei desesperado c'o aperto!

Tive veno gente de cartola, que-nem samburá de fruta, errá o caminho e querê subí no gallinhero! Que figura feio!! Eu carquei o meu chapelão na cabeça e subí as escada acumpanhano nho Leróis, num sei cumo é o nome e fui pará no pulero! Lá de riba tive veno lá

imbaxo o Menelão, o Arfere Brotero, Ginazio Esprementa, Bajórna, Gome Cardim, nho Chicho caréca e um rapaiz bunito evê Nosinhô Jezuis Christo, que é nho Mello Noguera! Os tais tavum tudo acezo e sirrino porque entraro sem pagá, u entraro por baxo do pano, cumo fala aqui. No gallinhero cumigo tavum o Guastini falano napulitano c'o Jerame e nho Lúlú Piza tava tudo de fraque e infiano o dedo no nari! Vô mandá botá pimenta e guspo de gallinha no dedo delle p'relle num fazê mais isso! Na hora de sahí tava um carro na porta: — Nho Róge chegô e preguntô: — Ocê foi chamado? — Si nho dotore. . . — Intão eu. . . (elle num cabô de falá e chegô um carro cum cochero cartoludo) e elle preguntô: — Ocê foi chamado? — Nô! . . . Má só o cochero do Tibiriçá. — Vorte o otro p'ratrais! Sinão tá preso! Entra este premero! Já viu que poca vergonha? E cum esta inté otra feita. Cum perecuração do Fidencio.

Bernadino Lope.

Figura 45: O Pirralho. São Paulo, 12 de Agosto de 1911, n. 1, p. 8

## Correspondencia de Xiririca



Seô Redatô do Pirraio.

O Tóniquinho meu fio é um rapais tudo vergnoso, que nem morena caipira que espia a gente p'ros buraco da parede, e é p'ramórde isso que elle inda num foi bigitá vassuncê, puis elle tá aprendeno a lê as coisa de direito já escreveu ua carta p'ra mim dizenno que os dotô professô são levado

dos dianho e dano ua listra de nomaiada esquisito: Gabriê de Rezendo, (num é rozeta de espora) Renardo Prochá (p'ra chá eu conheço herva cidrera, chá-cravo, foia de laranja e decetra), Pinto Ferrais, Dariu Ribêo, Faé Sampaio, Armeida Noguera (que dis-que é um homão) Brais de Arruda, Estevo e um mundão de nome. Quando fô na cazião dos izame meêê cumberce c'oessa gente porque eu quero muito te um fio dotor. —

Nessa carta o Tóniquinho teve me dizenno que chegô ahi o feitô dos guerreadô, um tar nho Danta Barreto (Danta Barreto eu nunca vi, mais anta no barrero tenho visto um deluvio). O meió pedaço da carta vai imbaxo:

«li nho Pae. Os sordados tavum assanhado; uns moço que tão aqui a mais de dois anno, que nunca ponharo farda, apparecero tudo vistido cumo cabeça-secco! Eu tive veno os Carnero, o Espindra, o Assis Brazi, que é home brabo que-nem sassuarana e valente cumo bespa cabocra, e nho Piadade, tudo sastifeito, c'a barbinha remexeno de alegria, taya dizenno «oazezê ão de vê de quantos pau se fais ua canôa!» (Ara que bobão!) Só quem num foi fardado foi o tar capitão Rodorpho... P'ra mórde o que seria? — De nojte eu vi um mocinho, do nariz grande, atrapaiado cua cartolla na cabeça.

Preguntei que que era me díséro que será o Piadadinha! — Pôbresinho delle! Tão criança e já Piadade!»

Cumo vassuncê vê, o meu fio ande c'osóio acezo, num dexe pasá nada! E' um désgraçado!

Vô ponha o ponto nesta porque c'o cavallo areado istô p'ra i intê ahi, mais desta vez num vô mais apiá na casa de nho Piadade.

Figura 46: O Pirralho. São Paulo, 02 de Setembro de 1911, n. 4, p. 11

Nesta paródia, o caipira recebe uma carta de seu filho que se encontra na cidade e que apesar de muito "tímido", uma das características atribuídas ao estereótipo do caipira, visto como tacanho socialmente, o rapaz se mostra bastante esperto ao observar detalhes das cenas que reúnem políticos de destaque da época, como o Rodolfo Miranda.

O "pai caipira" mostra o desejo de ter o filho "doutor", título associado aos homens com cultura acadêmica ou mesmo secundária pois até mesmo os professores são chamados de "dotô professô".

# Cartas de um caipira mineiro

Juvená, cumpade e amigo,  
Té que enfins arrecebi  
A sua carta que eu li  
Dum lógo, pois tava afeito  
Pra sabê suas notíça  
Conforme tenho li escrito.

Graças a Deus, mia família  
Tá passando forte e boa,  
Sem nenhuma macacóa.  
Eu, estes dia cassado  
Andei um pouco perrengue,  
Mais hoje já tou sarado.

Da capitá já conheço  
Muitas coiza, pois remexo  
Pro toda a parte, e não decho  
De afreqüentá boas róa,  
Sempre de fraque e gravata,  
O que muito me encómoda.

No domingo eu fui de noite  
No teatro prá oiá  
O seu Paulo Adão falá.  
Lá de dentro parecia  
Prá mode os lóco de luz  
Que era dedivéra dia.

Quando eu entrei cum meu povo,  
As cadêra tava cheia  
De gente bonita e feia,  
Mais tudo tava vestido  
Cum luxo, que nós fiquemo  
De lá í bem rependido.

Passado uns minuto, quando  
Seu Paulo Adão pareceu,  
O povo li recebeu  
Cum muitas parma; eu tamen,  
Só prá companhá o ferço,  
Dei parma cumo ninguem.

Assim que tudo acabou  
D'aplódi seu Paulo Adão,  
Começou a falação...  
A Jeroma, mia menina.  
Me disse logo: - Papai,  
Não entendo patavinas.

Eu tamen tava na mêmá,  
Mais fazia que entendia,  
E cumo o povo aplódia,  
Quando a muié, sem demora  
Me falou: - Isso não presta;  
- Ambrozo, vamos simbóra.

- Se eu soubesse que era isso  
- Eu não finha vindo cá  
- Pra como bóba ficá.  
- Mais ante nós tivesse ido  
- No cinema que pra mim  
- É bem mais adevertido.

E nós saimo. Cumpade,  
Não caio noutra tão cedo,  
Apois tenho muito medo  
De ficá a vé navio  
Ouvindo lingua estranjêra  
Que não tem mêmó feitio.

Meu cumpade, uma das coiza  
Que me faz muita arrelia  
É vé tanta lotaria.  
E ocê qué sabê proqué?  
É proqué uns home, á força,  
Biête que nos vendê.

Nas rua, pro toda parte  
Ellès anda atraz da gente,  
E fica tão ezigente,  
Que eu, prá librá dos cacête,  
As véis não tenho remedio  
Senão comprá um biête.

Eu dispois que tou aqui  
Já gastei um dinhêirão  
C'os tal biête, e inda não  
Tirei o mêmó dinhêro.  
Seu Juvená, isso faz  
A gente tê dezespéro

Tamen o jogo de bicho  
Se banca em toda cidade  
E cum toda a liberdade,  
Meninos, home, muié,  
Os graúdo, tudo joga,  
Sem a poliça da fé.

Mia muié, que não gostava  
De jogo lá no Quati,  
Tá jogando bicho aqui.  
Os bichêro tem capricho  
De vim na caza da gente  
Oferecê os tal bicho.

Em mia caza, si ocê vé,  
A coiza tá sem limite:  
Toda a gente tem parpíte,  
A muié gosta do galo,  
A fia, do jacaré,  
A criada, do cavalo.

E de segunda inté sabo  
Lá vai meu rico dinhêro  
Cahi nas não dos bichêro.  
Mais eu vou nisso pó fim,  
Pois o cumpade bem sabe  
Que dinhêro né capim.

Sua affada Jeroma  
Né a mêmá que era ahi:  
Mudou cumo nunca ví,  
Todo o dia faz seus plano,  
E antonte ella me falou  
Que qué estudá piano.

Mais eu penso botá ella  
Num logá para aprendê  
Fazê bons doce, cozê,  
E mais uns outros estudo,  
Pois no Braz tem uma escola  
Onde as môça aprende tudo.

Inté agora é incrive,  
Nenhuma caza arranjei,  
E de devera eu não sei.  
Aonde irá pará isso.  
Tá parecendo que a dona  
Da pensão nos póz feitio.

Cumpade, ocê arreceba  
C'oa cumade Felisberta,  
Que eu desejo têje esperta,  
Muitas felicitação  
Da famia e mais do véio.

*Ambrozo da Conceição.*

Figura 47: O Pirralho. São Paulo, 29 de Junho de 1912, n. 47, p. 9

Nesta outra carta, figura 47, o caipira mineiro "Ambrozo da Conceição", funciona como um espectador dos costumes e da vida social urbana, ao relatar ao amigo do interior,

por carta, sua visão do mundo urbano, descrevendo os signos sociais que sinalizam a posição social que cada um ocupa. O personagem caipira, com seu falar característico, tem um jeito muito autêntico de apreciar as frivolidades urbanas, pondo em destaque a maneira prática de ser do homem do campo, portador de um outro saber.

Neste evento do qual Ambrósio da Conceição é obrigado a participar pelos vendedores de bilhete (possivelmente cambistas), a conferência de Paul Adams, é evidenciada a incompreensão do homem do campo por aspectos caros aos eruditos tais como as conferências em língua estrangeira, temáticas dissociadas de um valor prático, numa indicação de valorização dos modelos estrangeiros.

A linguagem caipira, reproduzida por escrito na maneira oralmente incorreta, tem aqui a função de mostrar a distinção entre os dois mundos, rural e urbano, as diferentes formas de saber, e aponta para as resistências em aceitar a cultura erudita como superior ao se confrontar em ambientes teoricamente freqüentados por pessoas cultas e que, nem por isso menos fúteis. A moda é exemplificada como um artifício que nem sempre deixa as pessoas mais bonitas, além de muitas vezes incomodar como é o caso do "fraque e gravata".

O caipira termina descrevendo a febre do jogo do bicho que até a seus familiares contamina, indicando de maneira quase casual que o espaço urbano contém vícios moralmente suspeitos e inexistentes no mundo rural. Tanto a moda como os hábitos moralmente reprováveis tais como o jogo do bicho pertencem à cidade e exercem uma má influência nos visitantes interioranos, mostrando que neste caso o espaço urbano não educa, mas corrompe.

A eletricidade é vista com admiração pelo homem do campo, conforme a fala "*lá de dentro de mode parecia de dia*", assim como na figura abaixo há outra passagem no mesmo tom de deslumbramento "*quasi idiota fiquemos olhando a iluminação!*", frases que demonstram uma representação que mescla respeito pela modernidade urbana conjuntamente à visão de incoerência de certos gestos habituais da cidade.

# CARTAS DE UM MINEIRO

Meu cumpade Juvená,  
Hei de estimá que estas minha  
Muito má traçadas linha  
Vá li encontrá coa cumade  
No gôzo da mais prefeita  
Saúde e felicidade.

O fim desta é tão sómentes  
Minhas noticias li dá,  
E tamen vim li contá  
As novidades que eu sei  
D'aqui desta Policéia  
Ao dispois que cá cheguei.

Quando chegueimo na Luz  
E que nós desembarquemo,  
Quasi idiota fiquemo  
Olhando a inluminção  
Que tem pro dentro e pro fóra  
Desta bonita estação.

Sua afiada Jeroma  
Mais os menino e a muié,  
Que nunca aqui poz o pé,  
Ficaro cheio de intriga  
Co aquelle mundão de povo  
Que parecia formiga.

Esta cidade, cumpade,  
Tá hoje tão ômentada  
Que a gente fica espantada  
Quando vê as cazaria  
Os jardim mais as venida  
Que se faz todos os dia.

Agora tem quinze anno  
Que eu tive aqui, em Novembro,  
Mais o anno eu não alembro;  
Tava muito diferente,  
E não tinha a Capitá,  
Cumo agora, tanta gente.

Entonce de intaliano  
Toda a cidade tá cheia,  
E quando a gente passeia  
Tópa logo c'uns dois mil,  
E pensa que este São Paulo  
Né mais terra do Brazil.

Cumo eu li participei,  
Vim co'a famia prá cá  
Cum a tenção de morá;  
Mais a muié qué que eu vorte,  
Pois os alugué de caza  
Tão pela hora da morte.

E assim mêmo é bem difice  
Encontrá caza vazia,  
E quando as fôia annuncia  
Que tem uma que se aluga  
Os pretendente no dono  
Trepá que nem sanguexuga.

Nesta carta, meu cumpade,  
A primeira que li escrevo,  
Tem muita coiza que eu devo-  
Li contá, mais os assumpto  
São tanto que só na outra  
Contarei tudo pro junto.

Quando eu li escrevê de novo  
E' que eu serei mais istenso,  
Mêmo porque, cumo eu penso,  
Esta tá grande de sobra,  
Pois sómentes de papé  
Escrevi mais de trez dobra.

Li peço não esquecê  
De dá lembrança á cumade  
De todos nós e sódade.  
No mais, sou de coração,  
Seu cumpade muito amigo,

AMBROZIO DA CONCEIÇÃO

Figura 48: O Pirralho. São Paulo, 08 de Junho de 1912, n. 44, p. 3

## CARTA MINEIRA

Sô Redatô do Pirralho  
Vancê quôra disculpá,  
Si venho lhi dá trabáio,  
Si venho lhi incomodá.  
Disculpe esta amolação.  
Disculpe seu jorná,—  
Eu lhi dá minha rezô :  
E' porque elle (sem gambá),  
E' de muita estimação ;  
Eu tô falando a verdade  
E não preciso adulé ;  
Eu não vier nesta cidade  
Sô promôde bajulá ;  
Graças a Deus só minêro  
De tempo do Imperadô ;  
Mas... eu não disse o que quero:  
Disculpe, sô Redatô.  
Vê lhi falá bem rasgado  
E lhi pedi seu concelo  
Ando tão atarantado,  
Qui nem pareço sê veio.  
Vancê quôra disculpá,  
Si já tô lhi incomodado,  
Quôra vancê mi isculá,  
Qui eu lhi vô disimbuchano  
Tudo que tem neste peito  
Meu fio tava istudano  
P'ra si formá p'ra dereito  
Aqui nesta capitá ;  
Eu, que tava assucogado  
No Cabo Verde pensano  
Que elle já tava garrado  
Nos livros si apreparano,  
Deixava o tempo corrê.  
Tudo que elle me pedia,  
Eu mandava sem sabê  
As anêra qui eu fazia,  
Qui dinherço qui eu gastei !...  
Eu nem gosto di alembri !  
O dinhêro que eu levei  
Tanto tempo p'ra juatá  
O que tá feito, tá feito  
E já num tá por fazê.  
Dispois, num teubo o defeito  
Di chorá só p'ro perdê  
Dinhêro ; num só sovina ;  
Mas vortemo á vacca fria :  
Eu, qui tava lá nas Minas  
Banzano, como dizia,—  
Vai, quando o Juca mi es-crêve  
Será qui meu fio deve ?...  
Pensei comigo ; e, vim cá  
P'ra sabê dessa lambança.  
Num si deve acraditá  
Nas palavra das criança.

Eu já tava achano istranho  
Esses pidido do Juca !  
Pois o dinhêro que ganho  
No meu ingenho de assêca,  
Num dava p'ressas quantia  
Que o Juca tava quereno.  
Isso é mêmo fulustria  
Que o Juca tá mi fazeno,—  
Eu pensei comigo e vim,  
Cheguei aqui, fais três dia,  
Tratei di indagá do fim  
Das avartada quantia ;  
E, sube da novidade ;  
O Juca matriculô-se  
Numa tá Niversidade,  
Qui fais três meis si formô-se  
Neste mundão de cidade,—  
Sô promôde inchê o pandulo  
D'uns dotô qui tão com fome  
E que tão fazeno imbrúio,  
Sô promôde vê si come  
O cobre di quem trabáia !  
Pois já v u, sô Redatô—  
Qui gentinha tão canaja?  
Eu tava mêmo pensano  
Qui o Juca tava arranjado,  
Qui tava memo istudano,  
Qui já tava incarrerado  
E topeis c'o esse banana  
Inchêno barriga aiçia !...  
Mas eu c'o esta duridana,  
Eu vô fazê coisa feia,  
Amínhan vô pricurá  
O tá dotô rispôsávi  
Desse negocio, e falá  
Mêmo duro c'o o bicho,  
Vancê num acha acertado ?  
Pego o bruto pro rabicho  
Do cavanhaque espinhade,—  
E faço o barra espirrá  
Os meus quinhento mi réis ;  
E, si o damnado tretá,—  
Êta ! meu tempo uma veis !  
Quero vê só quem tem medo  
E si o barbiúta mi mórdi  
A pontinha do meu dêdo !...  
Seu criado sempre ás ordi,

ZECA ANTONIO FIGUERÉDO.

## Madrigal

Ha dias me perguntaste risonha :  
«O que seria a Vida ?  
E aqui vae a resposta enfadonha :  
«Para o poeta é a mulher querida,  
Que nos seus versos sonha,  
Eu digo : — É's tu a minha Vida !...»

CÉSIO JARBAS.

Figura 49: O Pirralho. São Paulo, 16 de Novembro de 1912, n. 66, p. 15

Nesta *Carta Mineira*, figura 49, o pai caipira faz uma queixa/denúncia ao relatar para a redação da revista o imbróglia pelo qual passou. O caipira mineiro estava enviando somas e somas de dinheiro para o filho “*prá si formá prá direito na capitá*”. Decide vir para a capital para entender porque o filho pedia tanto dinheiro e descobriu que o mesmo se matriculara em uma “*niversidade*” organizada por advogados que somente extraíam dinheiro dos alunos provavelmente com falsas promessas de diploma.

Esta “brincadeira” com as figuras dos doutores de direito que extorquem dinheiro de “*quem trabalha*” põe em conflito associações mais ligadas ao senso comum que valorizam o título de doutor e o bacharelado. Em outras palavras o trabalho com a terra não é tão lucrativo mas é honesto, ao passo que o “doutor estudado” vive da especulação, da exploração da ingenuidade alheia, do comércio do saber e do diploma. Aqui, a cultura letrada está associada ao negócio especulativo que explora o bom trabalhador.



Figura 50: O Pirralho. São Paulo, 23 de Novembro de 1912, n. 67, p. 4 Continuação...



Abel.  
O Jabotão vinha buscar-me « para tomar café » !

— Você está louco ?

— Louco está você, que não pôde parar em pé e não quer alimentar-se.

E levou-me para a sala de jantar, onde me obrigou a esvaziar uma palangana de café com leite.

Eu estava que não podia mais commigo. A cabeça pesava-me mais que uma arroba. Os olhos doíam-me. E o que mais me affligia era ver a rubicunda dona da casa repetir a dose do café com leite, ella que eu vira beber tres copos de leite não havia meia hora.

Dez horas. Almoço. Apesar de não ter sombra de fome, comi como um porco. Foi preciso dar um passeio com Jabotão, para vencer a somnolencia. O meu amigo levou-me á casa de um aggregado, para ver moer canna. O aggregado fez-me introduzir na pansa quatro ou cinco copos de garapa.

— Bem, agora você me deixa ir dormir, disse eu ao Jabotão.

— Não. Agora, vamos ao pomar,

E arrastee-me para o pomar. Laranja p'ra burro ! Para escurtar a historia, ficamos chupando laranja até as quatro horas.

— Agora vamos jantar !

— Jantar ? Pois você ainda tem coragem de me fazer em jantar ?

Quiz virar bicho, mas o meu amigo não me deixou sequer ficar zangado. Resignei-me. Acompanhei-o como uma victima.

Se o almoço foi pantagruelico, o jantar esteve diabolico.

Mais de vinte pratos vieram para a mesa nos grossos braços da creada, a cabocla mais linda em quem teem pousado estes olhos que a terra ha de comer.

Depois dos tres primeiros petiscos, eu nem sequer podia olhar para a comida. Dava-me nausea. Vinham-me iras momentaneas — effeitos da dyspepsia. Por mim, estrangulava o Jabotão e a mulher. Mas o peor é que, além da raiva, deu-me em certo momento uma pronunciada vontade de destripar o mico. Estava arrebenhando. Não podia mais. Alleguei tudo quanto me veio á cabeça, para ver se o Quincas me deixava sair da mesa. Creio que fui até inconveniente. Mas elle não se deixava vencer. Tomava por pretextos as minhas razões. Sabe Deus como eram poderosas as minhas razões ! Infelizmente o meu amigo é a creatura mais teimosa que conheço. Tive que ceder.

— Daqui a pouco elle vê uma coisa, pensava eu anteveendo uma catastrophe.

Durou não sei quantas horas o jantar. Depois da sobremesa e do café, que o pessoal da casa acompanhou de um prato de leite frio, fomos ver os camaradas ebullharem milho no paiol. Foram mais

## No Juquery



Quartannistas de direito em

alguns quartos de hora do supplicio para mim, que não me podia ter em pé. Estava tão indignado que não dizia uma palavra. Findo o serão dos camaradas, alli pelas nove horas, voltamos para a sala de jantar.

— O que é ? Mais boia ?

O Jabotão ria como um perdido.

— Não ! Agora é de mais !

E bati o pé.

— Não como mais.

— Então beba.

— Nem bebo.

— Só uma «cichrinha» de leite, p'ra ferrar o estomago antes de dormir.

E o Jabotão fez-me esvasiar a tal «cichrinha», que era nada menos de uma bruta «caçôa».

Eu estava certo de que ia ter uma indigestão. E o que ia me valer era a indigestão, porque só assim o meu amigo se convencia de que eu tenho um só estomago.

A catastrophe occorreu ali por volta da meia noite, e eu fiz o maior berreiro que pude, para alarmar o pessoal. Dizem que até agora ha borrifos pelas paredes do quarto. Foi uma coisa monstruosa.

Nô dia seguinte fugi para a cidade.

\* \*

O Jabotão morreu ha dois annos, de indigestão. E' do que morrem quasi todos os fazendeiros.

JOÃO GAUDÊNCIO

« O Pirralho » no Rio está á venda na charutaria do Bar Brahma, baixas do Hotel Avenida.

Figura 51: O Pirralho. São Paulo, 23 de Novembro de 1912, n. 67, p. 5

Nesta engraçada crônica sobre os hábitos do campo, contada de maneira bem humorada, a vida na fazenda é descrita como sendo saudável, recuperadora das forças que a cidade exaure pelos maus costumes urbanos. A crônica assinada por João Gaudêncio, de certa forma promove a fartura e abundância da fazenda, mas em conclusão, o hábito de comer em demasia levaria à morte muitos fazendeiros. Aqui a representação da vida rural é associada à saúde e à fartura em contraposição aos prejuízos causados pela cidade.



Figura 52: O Pirralho. São Paulo, 22 de Janeiro de 1916, n. 211, p. 5

A figura 52 mostra é uma divertida carta de um caipira, endereçada ao redator d'O Pirralho, na qual é relatada a sua experiência na cidade. Na primeira parte da carta o personagem Nastácio Figueira afirma que apesar de ter nascido em São Paulo e já tivesse 55 anos, nunca tinha voltado à capital por "*medo da invenção, qui os home da istranja, fais annu, anda ispaianso in Sanpalo, qui inté parece obra de Coisa ruim*". Este trecho retrata o caipira como homem supersticioso, que vê com olhos desconfiados as obras da

modernidade, representação esta que ressalta a relação homem do campo/atraso/ignorância.

Nastácio Figuera é obrigado a ir à capital para resolver assuntos de inventário e se surpreende com o crescimento urbano, o desenvolvimento dos transportes na forma de bondes elétricos e de automóveis, a multidão de pessoas circulando, e pondera que foi grande o desenvolvimento de São Paulo quando da primeira vez que esteve na capital aos dezesseis anos.

A forma como este interiorano descreve as modernidades urbanas nos informa sobre uma imagem depreciativa do caipira, aparentemente desprovido de qualquer informação sobre as novas técnicas de transporte e comunicação, e com uma interpretação sobrenatural das evoluções técnicas atribuídas aos estrangeiros. A cidade, portanto é vista como espaço que amedronta ao mesmo tempo indecifrável para o sistema de valores do campo.

O cinema é o mote final que desprestigia o caipira e coloca a relação cidade/modernidade/cultura em um patamar de superioridade. A figura do caipira ignorante e atrasado é usada para promover a civilização tão cobiçada pelo governo republicano e cujo modelo maior viria dos países europeus e EUA.

# Calta prus povo

## II

Dispõe qu'iscrevinhei a minha premera calta, cunteceu muntas coisa, quinté custa di contá. Premero perciso de dizê qui neim eu, neim a moié, sia Quitêra, cum a cumadi Cuncoição, não temo mais medo das invenção di tumovi, neim di pinhamo di tocá só oês pé du toca dô, neim di fonogri, neim inté não temo medo do cinematogripho.

Inté nois dêmo di felquentá tudo, i minha moié co' a comadi, q' ondi nois dá co' as figurinha, pintando u sete nu quadro di panno branco, nois sortia cêda gargaiada di sirri, qui tudas as gente da sela dá di cumpanhá nois. Nôtro dia o dono, du cinematogripho disse pra mó nois i tudas noite, qui nois não paga nada... Va elle! A gente da sala (nóis beim qui tá vendo) toma pagode cum nois. Antão pru via di que? Va elle!

É bão di a gente sirri, praque as coisa tudo tão muño (*ruins*) i as coisa é mais pra gente chorá di veldade!

Mais antão pra selvi di pagodi prus ôtro, va elle!

Qui bobage di ta sérrindo dus ôtro! Cumo u ôtro qui diz, macacu sirre dus rabu dus ôtro, mais não qis pru rabo delle! Vancê, só Pirraio, non cuidi qui eu só *boyota* (*bobo*). Passarinho *beim-tici*, grita, intimadô, nu arto du burity, qui viu, qui viu, mais elles não viu nada. Eu, sim, é eu qui tô vendu, aqui nu Sanpalo, cada coisa d'agente fica o' os ôio cunplido qui neim cabo di cui é di páo.

Vancê tá vendu us mininu di hoje? neim não teim 12 anno, ja entra pra casa du pae meia noite, duas hora da madrugada. Uns qui trais na boca um charutão du tamanho d'um parmito i qui bôta baforado di fumo beim na casa du pae e da mãe. Otro qui vórta in casa fedendo celveja, cum o colpo pra lá, pra cá, qui neim canôe nu maca éu (*agua em queda impetuosa*).

Virge Maria, meu Santo Amaro da minha devoção! Isso é bunito? Neim pae, neim mãe, neim ninguem, quagi tud'os moço di hoje não teim cunsideração. Pae cum mãe, cus fio, tudo é um! Ta tudo disguelnado.

Oie, nu cimenatogripho, meus ôio teim oiado cada coisa, qui é capais di fazê inte suin dara (*especte de coruja*) sirri' é chorá! Qondi as frutinha di vidru 'pegô os cabelinho di arami, vanceis cuida qui tuda a genti tá

cumo nois si arregalandu di vê as patranha das figurinha du quadro di pano? Puis sim, us pé ta trabaiandu, us pé dus rapais, e os' pé das mocinha, os pé tá pussandu cumo tatú prianrandu batata i grelo na terra... as mãosinha dus dito cujo tão trançando us dedu, e inté, pôca velgonha! si vancê ôia beim, rebenta aqui, ali uns beginho, qui neim pipôca, seim guldura! Ave Maria! Cruis! Credo! I é essis, qui qué sirri dus caiçoro, pru via da genti não querê fazê u qui illis acha qui é moda!

I us vistidu d'agora? Vanceis não tá oiando celtas moça, taluda, qui neim umas palmêra, disque, cos vistidu culto, cum cadas pelna di mais di parmo, grossa qui neim mandioca pûba, si mostrando se pra tudo u mundo! I inté argumas véia mémo, só Pirraio, inté celtas moça maduro berandu 35, 40 anno, dizque c'os saia culto di minina, arguma inté du lado di baixo das saia teim umas porterinha, cuns batas grandi qui não fécha nada, dizqui, la vae nu meio da rua, *plataque-platôque! plataqui-platôque!*

I as calação, as pintura vermeis, qui tudo mundo tá vendu! Disqui arguma pinta di preto, redô dus ôio. Praque, home? Disque pra ficá bonito... Va elle!

Dispoi dis qui nois brasileiro tá peldido, dis qui u so Ulavo Brilaq disqui nois pelcisa fazê di sordadi pru modl enderetá! I celtas muié antão? I vancê não sabi quinquanto marido tá muendo cobre grosso nus crubi i nas pandiga di butiquim, as muié larga us fio c'as ama secca e os amo moiado, e us fio fica seim ducação? riperando tó mal'apena 12 anno pra fumá na cara dos pae, botando fumo di chuminé, in riba dus mais véio?

Antão cumo é qui as moié, qui táobem anda saracutiando tudo dia, fóra di casa i as fia taluda d'otra banda, pôde endereitá o caráte dus brasileiro, só cum meisinho de Ulavo Brilaq, fazendo us homi tudo di sordadi!

Quá u que! Pelcisa endereitá é as famia dentro di casa, trabaiandu, si cupandu das coisa séria, d'indução dus fio, cum tempo pra tudo, inte pra festá.

Tenho muito pra falá. Inté dispõe, só Pirraio!

Seu criado  
NASTACIO FIGUERA

Figura 53: O Pirralho. São Paulo, 08 de Fevereiro de 1916, n. 212, p. 9

Esta segunda missiva – figura 53 - mostra um caipira mais ambientado à cidade, que já frequenta o cinema sem se assustar. Nesta carta o caipira mostra o seu lado astuto, atento aos detalhes das relações sociais e competente em entender as razões e intenções das pessoas. Esta nova representação do caipira o associa a uma pessoa que preza pelos valores familiares, pela boa educação dos filhos, que devem respeitar os pais, e que inclusive faz críticas com relação à idéia de "*endeiretá o caráter dos brasileiro*".

Este processo, segundo o caipira, deveria começar dentro das casas de cada família. Este deslocamento da idéia de mudança do brasileiro pela via dos valores familiares e não pela educação escolar possivelmente trás à tona algumas opiniões sociais em circulação e que foram transmitidas pela figura do homem do campo, no seu linguajar simples e direto, por ser ele representante das tradições, de um modo antigo de ser, no qual a harmonia familiar e da comunidade mais próxima era cultivada por valores mais humanitários que aproximavam as pessoas entre si.

## CARTAS AO JACINTHO

*Meu caro*

Um pintor de talento, muito nosso amigo, dizia-me que São Paulo é o traço de união entre Pirapora e Paris. Pois eu achei que elle tinha razão e creio que não se podendo morar nos grandes centros europeus é bem melhor a gente embrenhar-se no sertão, pôr-se em contacto com a nossa natureza plethorica e aggressiva a ter que supportar uma cidade mediocre.

Como centro artistico e intellectual, São Paulo é simplesmente detestavel.

A intriga, a maledicencia e a politicagem espreitam a cada passo e todos os dias o artista vê os seus sonhos desfeitos, os seus ideaes estrangulados.

O politico que sabe finanças ou entende de instrucção publica, acha que tem direito de ser cathedratico em litteratura e em arte e começa a descobrir vocações nuns pobres diabos que seriam bons pedreiros ou agricultores

Continuação...

e a desprezar as aptidões de talentos de escol, que, desprotegidos se veem obrigados a matar a fogo lento as suas grandes aspirações.

E viva-se num meio d'esses.

São Paulo hoje em dia é um centro que recompensa os aventureiros, os arrojados, que penetram nas altas esferas sociaes, porque não teem o pinião, não teem vontade, e são apenas os receptores pacíficos dos sentimentos e dos caprichos dos parédros.

Ahl como eu te invejo, meu caro, quando comparo o meu tédio, os meus absorventes percalços, com a tua tranquillidade rude, o teu bem estar monotono...

Como devem ser felizes os que não teem ideal, os que não transformam á mercê de calculos ideologicos, a essencia da vida e consideram-na chatamente como uma invariavel successão de dias e de noites.

Sim, são bem mais felizes que o teu caro

Totó

**Figura 54:** O Pirralho. São Paulo, 07 de março de 1916, n. 213, p. 3

O texto da figura 54, em resposta às cartas do Jacinto, mostra a visão dos homens da cidade e portadores da cultura urbana, em considerações que revelam alguns traços negativos quanto à cultura rural, ao mencionar “*o político que sabe finanças ou entende de instrução pública... começa a descobrir vocações nuns pobres diabos que seriam bons pedreiros ou agricultores... e a desprezar aptidões e talentos de escol...*”, aparentemente uma alusão que é perda de tempo levar cultura à homem do campo, naturalmente determinado a não desenvolver além de suas características rurais/raciais

postas já no nascimento. A carta resposta termina revelando a "inveja" do homem citadino, que enfrenta os desafios da vida moderna, ao comprar-se com a "*tranquilidade rude*" e o "*bem estar monótono*" do homem do campo. Construía-se, assim, aos poucos, a figura folclórica do caipira.

De algum modo, nesse terreno crescerá também a imagem negativa do caipira consagrada por Monteiro Lobato em *Urupês*, livro de 1918, publicado depois de uma tentativa mal sucedida de administração de fazenda. A obra, na verdade, é constituída por um conjunto de ensaios, um deles com o mesmo nome, no qual Lobato delineia os atributos negativos do caipira. É aí que aparece a figura do Jeca Tatu, um caboclo preguiçoso, sentado em bancos de três pernas mais facilmente adaptados à irregularidade do solo, sem qualquer manifestação artística – e por isso inferior até mesmo ao homem das cavernas, na avaliação do autor -, comparado ao “urupê”, espécie de fungo que se desenvolve em troncos caídos (LOBATO, 2007).





## AS CARTAS D'ABAX'O FIGUES

O sette Settembre - Come dice a storia - Un tale Pietro Primiere - A sbornia co suo padre - O grilo - Independenza o ti matto agurigna mesimo - També o Luigi Vampa diceva così - Aora illo fui lazido Ré - Ma che mentira - Chi fiz a independenza fui o Garibaldi.

Lustrissimu Ridattore do PIRALHU



O sette Settembre é una robba che fiz a independenza do Brasile e inscunhambô co Portogallo, pur causa che primiere o Portogallo era imendado co Brasile, come o Bó Retiro c'oa Luis, o Bolitteama co Bijú, ecc. ecc.

Té duas maniere di racntá come fui o Sette Settembre.

Ugnali come dice a storia e ngnali come dice o Ferri.

A storia dice che c'era un tale Pietro Primiere, Imperatore provisoro do o Brasile, che tenia sido annuiado da Ré do Portogallo che era suo padro.

Intó un di illo mandó apidi quinhentó p'ro suo padro, pur causa di assistí o cinema e inveiz quello masculzoni non vulevo dá. Aora o Pietro Primiere si dexó scrivé un gartó p'ra illo, xamano illo di sinvirgonha, di non mangia as ngnas pur causa chi dóe, di barba di garrapatto e unas purçó di disafore.

Ma dispoza illo ficó c'un brutto medo che o suo padro che si xamavo Juó ugnali come io, si dexavo mandá puxá as ureglia p'ra illo e intó arrimi unas purçó di genti, dove stavo també o minho avó Filippo Carpintiere, o Giuseppe Bonifaccio, che tenia uno xique botteghino na travessa do Commerç, o Fluriano Pixotto sargente di cavalleria do primiere battaglió, i arrisulvé di scaxá qui p'ra Zan Baolo.

Aora, quando fui mezzanota in-soppa o orologio do minho avó,

illos amuntaro sopra us cavallo che tenia prestado o Piedadó e viéro s'imbora p'ra Zan Baolo.

Dispoza di quattros di di viaggio, quando stavo mesimo no Bó Retiro o Pietro Primiere arriçebé un gartó molto malingriato do Ré do Portogallo, dicenno che tenia scrivido già una brutta lettera p'ro Laccaratto, pur causa di prendé o Pietro, quattros di i quattros notte indo o poste da Gonçolaçó.

Aora o Pietro tive un brutto mumente di curaggio, butó as monda a spada, pigó illa fuori a baigna, si alivantó u braccio i gridó: - *Independenza o ti matto agurigna mesimo.*

Tuttos mondo che stavo gimto ficaro cuntento p'ra burro. També o Bonifaccio, o Fruriano e també o minho avó.

Se io stavo lá, pagavo uno matta bixo p'ra illo.

Aora illo vignó acarregado te u larghe du Arrnsá, dove organizaro una bunita festa di concerto c'oa banda di musiga do Fieramosca i tambe una *chique* festa da ballo.

Dispoza tuttós mondo apruelamero Ré o Pietro Primiere che si dexó ficá molto contento i pagó uno caffè indo Guarany, p'ra tuttós mondo chi vulevo bibé.

U Bargionase si dexó pigá uno brutto porre di caffè, che fui aora che illo ficó nero ugnali co rubbú.

Di notte tive un bunito spettacolo di gallo indo Bolideama.

A Elisabella si dexó cantá o *Vecé mulata* gimto co Leopoldo di Fretase i o Raulo di Fretase fiz nnas *chique* ripresentaçó di ginnastica.

O Musso co Arsen pigaro un porrinho, i p'ra cabá o Laccarato pigaro tuttós p'ra gadea, incursivio u Pietro Primiere.

Istu é quello che dice a storia, ma quello che dice o agnia do Ferri mio patrizio é molto indifferente.

O Ferri mi racntó che chi fiz a dependenza do Brasile fui o illustro callottieri intaliano Giuseppe Garibaldi.

U Garibaldi tenia venido qui indo o Brasile pur causa di acunprá una boiada indo o Rio Grandó o Sulo.

Ma quando illo xigó lá, si dexó inxergá una tale piquena molto *chique* che si xamavo Annita Juoquina

da Gonçolaçó e si dexó pigá una brutta paxó p'ra ella.

Ma illa inveiz era anamurada p'ro Bargionase che n'aquillo tempo ero cusignera do Governatore du Rio Grandó o Sulo.

Aora o Bargionase fiz un bunito arriquirimento di *habras-córpo* a favore da Annita é o Garibaldi fui preso p'ra gadea.

Intó o Garibaldi ficaro dannado da a vida, arriumi tuttós compagnero i si dexáro fazé un brutto *stecha* indo a gadea i fujiro s'imbora qui p'ra Zan Baolo.

Ma quando illos xigáro mesimo indo a friguezia do O', tenia lá o tenento Galligna con nnas purçó di surdado pur causa di apprendé illos traveiz p'ra gadea.

Aora o illustro callottiere intaliano, pigó o facó, alivantó as mon i gridó: - *Vá s'imbora, sinó ti rombo c'oa gabeza!*

Intó o tenento Galligna disgambaro i tuttós surdado també.

Dispoza o Garibaldi cos surdado i tutto viéro qui indo o palazzo du Governimo, butare p'ra baxo o governatore che ero o dottore Gartola e apruelamero Ré u Pietro Primiere.

E' pur istu mutive chi té lá indo o giardino da a Luis e hermeso do Garibaldi.

I dispoza digano che non furo os intaliano che fizero a America.

Eh! chi speranza!!

*C'ua stima da consideraçó*

Juó Romanero

Capitó-tenente indo briosa

*Postescritto*—Io acunheci molto o Garibaldi. Illo muró molto tempo indo o Abax'o Pignes pertigino cumigo.

Io també

**Como foi aquillo?** Ninguém o sabe. Só se sabe que a senhorita, depois do baile, quando chegou á casa pedia insistentemente café sem assucar... E a mamãe, carinhosamente, fez-lhe o resumo das «Victimas do alcool», magnifica fita, exhibida quarta-feira, na soirée chic do *Radium*.

**Fumem só Luzinda de Stender**

Figura 55: O Pirralho. São Paulo, 21 de Setembro de 1912, n. 59, p. 6

## As cartas d'abaix'o Pigues

O indigobrimiento da America - A storia do 'ratto co gatto,, - O Murri vuleva afazê a America - U Bargionas fiz a Africa - A Camorra, a Maffia i os ladrô di galligna - Non seja troxa  
Gristovano - Tenis uno "chique,, paro di bringo.

Lustrissimo Redattore da "PIRALHU"



Uh! mio Deusel quantas robba impurtanta ista settimana!  
— A invençô do ecripsio —  
O indiscobrimiento da America — A manifestaçô do Carrera — A inauguraçô do Glubo Gademico - A baiz c'oa Dripolitania, ecc, ecc.

Se io podia iva scrivê ventisquattro pagina do «Piralhu» istu numero, ma non posso, pur causa che o «Piralhu» tê só trentasettes pagina, e uma é p'ro Juô Vagabondo scrivê as «gronicca»; quattros p'ra Storia do «ratto co gatto»; cinque p'ro Gorêa; deize p'ro Pedrinho; deize p'ras fuffografa; cinque p'ro Vartolino e una p'ro Lemô sinvergogna.

Só tê purtante una p'ra io. Pur ista motivo io vó racuntá só a storia do indigobrimiento da America.

Chi fiz o indigobrimiento da America fui o Gristovano Colombo, navegadore italiano, naturale da pro-

vincia da Galabria, terra natale també da Camorra e dá Maffia.

O indiscobrimiento da America fui uno fatto molto impurtante inda a storia da giografia, pur causa che o mondo fiô maise grande.

Tambê adra a genti pode si deixá fazê a America, che é molto bó.

Quello aguia do Murri vulevo afazê a America ingoppa a «Dante», ma o «Básualino Coloniale», giornale italiano migliore do «Fanfulla» non dixô.

O Bargionase, inveiz so faiz a Africa. Ma non faiz male, pur causa che illo é mesimo preto uguali c'oa Africa.

Ebbé! piguemos otra veiz o assunto.

O Gristovano Colombo fui o maior ladrô di gallinha da a Galabria. Arubava té cos oglio fixado, quello aguia lá. Fui illo che arubô uno pidaço da a perna du ré da a mia terra.

Ma una veiz, come «nada é interno inda a vita», cunformo dice a regola, o Gristovano Colombo fui preso p'ra Gadea, pur ordine du Frere du Ginnasu du Stá, che in illo tempio ero diligato di polizia inda á Galabria.

Adra illo giurô p'ra Frere che non arubava maise e intô u Frere surtô illo p'ra a/rua, che arrisolvé di cavá uno imprego.

Ma che speranza! ningûê vulevo dá imprego p'ra ellí.

Disposa illo tive un'idea meravigliosa, e scrivê uma «garta spressa» p'ra Zan Pedro, pidino di rangiá p'ra ellí uno lugaro di portiere indo o Boli-teama.

Intô Zan Pedro arripôndê:

### Gristovano

«Non seja troxa. Che portiere né nada. Vá inda a mia interna officina i tira a America di lá».

Aora o Gristovano Colombo organizô una Sociedade Anonyma i cumprô treis navio pur causa di i buscá a America.

Os navio si xamava: Santamaria, Pinto e Nina.

Chi mi insignô istus nomino fui o Jota Jota, chi sabe maise da cycropedia do Larusso.

Giunto c'oelli iva o Belizaro Colimbra, quello rapazo maise bunitigno che mi racuntô quella storia do Xi-

Continuação...

quinho che non precisa... eh u che l non conto prontto.

També stava o Cesara, futtebecca da Camorra i o Didi che fui altrodi indo o Bolideama giunto cumigo pur causa da spiá quello stupendo affare da merigana do Palermo - cefalo. Aóra, quanó fui un di de manhã cidigno, o Gristovano Golombo con tuttos istus pissoalo amuntáro ingoppa us navillio, «quibró as amarras», uguali come inda a poesia do nutabile poeta intaliano Juó di Barro, i furo s'imborá p'ra vastidó dus mar.

As nuvola stavo azurra uguali co vestido nuovo che io cumpré onti p'ra Joquina. As agua apparecia un brutto spéglio. Uhl che *xique!*

O Xiquinho fui de intomobile.

Disprosa duas settimana di viaggio os pissoale stavo danado, pur causa che non tenia a Ameriga né nada. Pur isto mutive o Belizaro co Didi apruclamáro a gréve generale, i vulevo pinxá o Gristovano inzima as agua.

Afinale, c'oa intervençó du minho avó, non apinxáro, i quatros dé disposá já o Gristovano tenia fazido a Ameriga.

Tenia só bugrada, lá. O Cesara chi té un brutto *muque* piore du cavaliére Tiberio, fiz una briga c'ov bugrada i mató tado.

O Xiquinho fiz un bunito inguerito di «sigologia da a vita» intro as bugra.

O maise agnia di tuttos fui o Gristovano Golombo, che fiz a Ameriga.

E' tutto che dice a storia.

### Joó Bananére

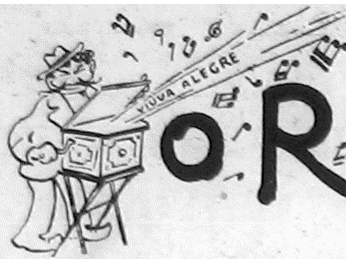
Capitó-tenento inda a briosa

**Pastescritto** — Manhá io vó baté uno duello co Bierrembacco, pur causa di mattá elli.

O duello é e' un pidaço di *madera*.

Figura 56: O Pirralho. São Paulo, 12 de Outubro de 1912, n.61, p. 18-19





# O RIGALEGIO

Dromedario Ilustrato

ANARCHIA, SOCIALISMO  
LITERATURA, VERVIA  
FUTURISMO, CAVAÇO'

Organo Independente do Abax'o Pigues i do Bó Retiro  
PRORPIETÁ DA SUCIETÁ ANONIMA JIÓ BANANÈRE & CUMPANIA

Redattore e Direttore: JUD' BANANÈRE

1914

REDAÇÃO I FICINA: Largo do Abax'o Pigues pigó co migatorio

## A fundaçó di Zan Baolo

O Pietro Caporale — O Matarazzo era o gu-  
zignêro — O padro Gaxetta — O xi-  
quinho non é froxal — O Liopoldo  
di Fretase — O' mignó In-  
lustro amiglo — O'ras  
nufica.

Na animo di 1584 sbarcò in-  
s'ima o porto di Santos un  
navilio xamado Santamaria, che  
vigra inrima delli o Pietro Ca-  
porale, quello napoletano che  
inventò o Brasile, o Garamurí  
che os indio rivevo cumé elli e  
intò elli dè un tirigno nus in-  
dio, i o padro Caxetta chi té a  
rua co nomino delli lá perto du  
largo dn palazzo.

Venia també u migno avó, o  
Matarazzo, che faceva o guí-  
gêro inrima du navilio, o Don  
Cicco con una brutta gomp-  
nia di Café-concerto, o Jota  
Jota, u Fretasvalle i maisa una  
puró di piscolo.

In Santos os u padro Caxetta  
fis a primiera missa c'os pre-  
sencia das indio maisa gotuba  
da zona incursivo o Tibiriçá.

Disposo atrepáro tuttos in-  
sima o tomobile du Xiquigno  
Misquilo i viêro qui, p'ra studá  
istru lagáro, pur causa chi o  
padro Caxetta vuleva fazé a  
fundaçó di Zan Baolo.

Quano xigáro indo o larghe  
du Palazzo u padro Caxetta dè  
treis pulo di contento i disse  
p'ra Xiquigno:

— Vamos afundá aqui, é Xi-  
quigno?

U Xiquigno pensó chi era  
p'ra afundá, na ladere du Jud  
Arfede, que naquillo tempio  
era un brutto buraco i disse:

— Io nó! vól inagugliambé  
co migno tomobile! Io non só  
troza nó....

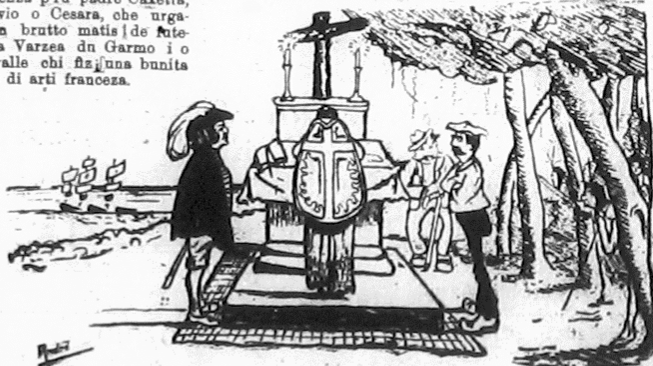
— Noi é afundá di gaf... é  
organizá una città.

— Ah!

Aóra o Xiquigno deu un brutto  
centravapore no atomobile i tut-  
tos piscolo desót.

Intó mediantemti o padro  
Caxetta vigó na tipografía do  
Trippa i mandó afazé un bolet-  
tino acunvidano o povoło p'ra  
sistí a fundaçó da città.

Tuttos piscolo fizéro festa di  
benevolencia p'ru padro Caxetta,  
incursivo o Cesara, che orga-  
nizó un brutto matiz de Ante-  
bola na Varzea dn Garmo i o  
Fretasvalle chi fizé una bunita  
sposiqó di arti franceza.



A primiera messa

As ventiquattro ores da notte  
us ingademigo furo lá con una  
curretta marxá di frambé, o po-  
voło també, o Piedadó també e  
io també.

As ventiquattro ores in pun-  
tigno o Pietro Caporale butó a  
primiera pedra da fundaçó, co  
son do *es cé mistata* insecutado  
da a banda muzigale du Fier-  
mosga, che stó io oggi u pri-  
miêre sanfoniste.

In seguida piú a palavria u  
nostro inlustro amiglo o dott.  
Liopoldo di Fretse se chesparió:

*Mignos inlustro amigose:*

Quano li u buletino che o  
migno inlustro amiglo, o inlus-  
trado i talentosimo padro Ca-  
sotta fis indistribuí ingoppa a  
cittá, io disse logo:

— Ietu Gasotta é un inlus-  
tro amiglo i indigambé p'ra  
cé, pur causa di espí a zona,  
cunforno dizio o migno amiglo  
o dott. Zéquigna.

I cá stò, amary gliato' con  
ista vesta impuenta, fantastica,  
come bè disse o migno inlustro  
i cuncostuado amiglo Milio di  
Meezio, o poete gotubo.

Tenúo d'tto.  
Porca miseria! che delirimo  
quano o Liopardo cabó o dis-  
cursino!

O maestro Bratero bejó illo  
inzima a pasbeza i o Barbone  
dè un abbraccio també nelli, chi  
pigó una bunta caquira nelli.  
Disposo fumos tutto ingorpa-

— Vó mandá ti prendé!  
— Non podí! Fpi o signoro  
mesimo che mi balin cumigo.

— Intó galabocca!  
— Non galo!  
— Intó io ti prendo.  
— Aposto!  
— Stá apostado!

Aóra o Lacarato xamó quat-  
tros surd' do i disse p'rella:  
— Prenda istu gargam-no!  
Intó, os surjado mi pigáro,  
mi livaro p'ra gadé e io pírdi  
a aposta, ma non pagá!

rato lá o Gasino andove tenis  
un brutto ballo carnevalesco co  
spettacolo di gallo in onore du  
padro Caxetta i da fundaçó di  
Zan Baolo.

Ma inveiz di repentimo ap-  
parecè lá nu veie du parco una  
tale gaznetiste indigrazata,  
xamada Lara Orette.

Io stavo chettiano lá insima  
a mia gadera che o Piedadó  
pagó p'ra mim, i a tale Lara  
Orette, *ch'aracó* c'os mia vita  
e pió di mi inagugliambé.

Io si elevaté du migno lu-  
garo, xigó p'ru Lacarato i disse:

— Dott. Lacarato, aquills mo-  
lhère stá inagugliambano cu-  
migo! O sig. faccia o favore di  
dizé p'rella che io só un viuvo  
onesto i un barbiêre com-  
cuetado i non quero bringadé  
cumigo?

— Che viuvo onesto só nada!  
Vuó é un indigrazato!  
— Indigrazato é a vó, dott.

## Sessó Teligramica

RIO, 25 (Americana).  
Fui ingontrado rinbrigadano  
onte pelas rua o figlo maisa  
novo du Hermeze, u Funseguil-  
gna.

N. de R. — Io bè disse chi  
illo é un tarado.

BOMA, 26 (Stefano).  
Oggi na sessó da camera o  
Giolitti pregó a mó na gara do  
Ferri.

N. de R. — Uh! che inialis-  
nigno gotuba o Giolitti!

BO' RITIBO, 25 (Americana).  
O dott. Piedadó, inlustro xaf-  
fe pulítico da zona stive onti  
aqui, visitano a fabrica di cer-  
vegia do Germania.

N. de R. — Che pondaqua!  
TRIPOLI, 18 (Trasado).  
Marren o generale Strozza-  
gappa.

N. de R. — Riquesez in pace.

Figura 58: O Pirralho. São Paulo, 31 de Janeiro de 1914, n. 128, p. 16

Nas quatro imagens anteriores, Juó Bananére e sua linguagem macarrônico ítalo paulista, personagem semi-letrado de Marcondes Machado, discorre de maneira cômica sobre fatos históricos importantes como o Sete de Setembro, o Descobrimento da América, A Inconfidência Mineira, A fundação de São Paulo.

“ele apropriou-se do colorido e grotesco falar dos bairros cosmopolitas, onde o italiano recém-chegado se exprime numa algaravia que participa dos dois idiomas e, com essa linguagem, conseguiu dizer coisas que, muitas vezes, eram vedadas aos que se exprimiam no vernáculo” (O Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 ago. 1933, p.2).

Juó Bananére deu um colorido especial às edições d'O Pirralho, lido possivelmente por todos e para todos, independente da classe social à qual pertenciam. O trecho abaixo, retirado d'O Pirralho, na época do desligamento de Marcondes Machado da revista, nos dá uma dimensão do seu sucesso:

*Juó Bananére, esse velho companheiro que conosco trabalhava desde os primeiros numeros do Pirralho, por motivo de ordem particular, deixa d'oravante de continuar a sua brilhante secção até ha pouco com muito garbo, mantida na nossa revista. As Cartas D'Abax'o Piques e depois o Rigalegio, creações suas, marcaram uma epoca na nossa imprensa, fazendo um grande successo, aliás justíssimo, devido ao talento mordacíssimo e a fina verve de Juó Bananére. As cartas do Bananére, no seu engraçadíssimo macarronico, entraram nos altos salões de S. Paulo, recitados com muita graça por finas mademoiselles e encheram as ruas nas boccas populares dos moleques, dos carregadores, dos jornaleiros. Maior aspiração, não pode ter quem labuta na imprensa. Lamentado a ausência do Juó Bananére, esperamos que o seu sucessor nesta redacção, não desmereça a grande popularidade e disso estamos certos, do brilhante redactor de o Rigalegio. “Ao Alexandre Marcondes Machado, o brilhante Juó Bananére, um abraço de agradecimento e votos de felicidade do Pirralho amigo.” (“O Pirralho” - nr. 144 - 23/Maio/1914)*

Marcondes Machado se apropriou do dialeto italiano misturado ao português, falado nos bairros do Brás e Bom Retiro, para criar a linguagem macarrônica de Juó Bananére, e fez uso de sua vivência interiorana - Marcondes nasceu em Pindamonhangaba - para

imprimir traços do caipira brasileiro ao seu personagem. Como diz Elias Thomé Saliba em seu livro *Raízes do Riso*, "captar oralmente a fala paulistana da época era captar também a fala acaipirada, proveniente de traços já existentes no linguajar, embora dificilmente perceptíveis". (SALIBA, 2008)

Importante lembrar que por volta de 1900 a massa de imigrantes representava 25% da população do estado. Com o desenvolvimento da imprensa e do gosto pela leitura, apareceram jornais das várias etnias migratórias – com predomínio dos italianos. Entre 1882 e 1914, foram publicados em São Paulo 140 títulos de jornais em italiano.

Segundo Benedito Antunes, "*vale a pena insistir que a deformação lingüística de Juó Bananére imita o falante não letrado, que deturpa as palavras porque lhe falta a memória escrita*". (ANTUNES, 1998, p. 47) De acordo com nossos referenciais teóricos, o falar errado, como representante de um falar mais popular, foi usado inúmeras vezes n'O Pirralho, possivelmente como forma de resistência ao saber escolar que se impunha como único que, naquele contexto, segregava mais do que aproximava.

Nas paródias acima, a mistura de temáticas - por exemplo, a Intervenção em São Paulo com a guerra Ítalo-turca - assim como o envolvimento de Juó Bananére na narração do episódio, produzem um efeito desarticulador de significados consagrados, fazendo com que fatos históricos engrandecedores do processo cívico nacional sejam levados para uma diminuição de sua importância. Nas palavras de Benedito Antunes:

"Toda a graça da cena reside, contudo, no caminho inverso que ela proporciona: a alegria diminuta daqueles conflitos, que saem claramente diminuídos dessa imagem resultante da perspectiva ingênua assumida por Bananére." (ANTUNES, 1998: p. 51)

Segundo Benedito Antunes o universo ficcional de Juó Bananére "*desenvolve suas paródias literárias, históricas, científicas, religiosas, científicas, todas carregadas de um tom satírico e convergindo sempre para uma leitura crítica da realidade circundante.*"

(ANTUNES, 1998, p. 62)

Nas paródias históricas, personagens históricos dividem a cena com personalidades da época, numa mistura de tempos que desacreditam ainda mais as reproduções oficiais dos fatos históricos. Ao tratar o descobrimento da América, Colombo era um calabrés, ladrão de galinha, que em vez de descobrir a América, faz a América, indicando uma visão realista dos motivos comerciais que embasavam as ações.

#### **4.3. Quando O Pirralho fala sério: denúncias**



## Pela Instrução

O publico desta capital, acaba de assistir com vivo entusiasmo, ás provas do concurso na Escola Normal, para o preenchimento da vaga do sr. René Barreto, que regia a cadeira de Pedagogia, Psychologia e educação civica na Normal Secundaria desta Capital.

O que foram essas provas sabe-o bem o publico.

Os candidatos se impuzeram á consideração da assistencia pelas bellissimas provas a que se submetteram, salientando-se os srs. drs. Carlos de Moraes Andrade e Sampaio Doria, que revelaram conhecimentos vastissimos da cadeira a que concorriam, mostrando-se, tanto um como outro, na altura de regerem com raro brilho, uma cadeira na nossa Escola Normal. Sobre esses professores, qual dos dois seja o nomeado, não-pode pairar a menor suspeita de incompetencia na materia.

As provas do seu preparo, foram publicas; os seus conhecimentos foram revelados-brilhantemente num concorrido certamen da intelligencia e assim ficaram sobejamente comprovadas a competencia que ambos têm para com brilho regerem a cadeira que disputaram.

Diante pois de provas assim, cujos resultados tão bons ahí estão, nada mais natural, que todos os professores da nossa Normal se sujeitassem ao concurso, para moralidade do nosso ensino e bom nome da nossa instrução publica.

Assim infelizmente não aconteceu com a cadeira de Historia, na Escola Normal, vaga com a morte do saudoso prof. Benevides e que foi doada não sabemos porque, ao sr. Djalma Forjaz, moço que traz sobre os seus hombros a triste suspeita de incompetencia absoluta da materia que lecciona.

Aliás esse nosso protesto, é nada diante da enorme grita que fizeram professores e alumnas, imprensa e publico contra essa nomeação que vem ferir o regulamento interno da propria Escola Normal e injustamente preterir gente competente que para a Normal queria entrar, pela porta larga e in-

suspeita das provas publicas do concurso.

Lastimamos que o honrado e criterioso sr. dr. Secretario do Interior não mais possa reconsiderar o seu acto nomeando o sr. Forjaz e esperamos que esse nocivo precedente, não passe desse caso.

Quanto ao sr. Djalma Forjaz, fazemos votos para que estude, estude muito, destrúa a pécha de incompetencia que lhe atiram e faça assim jús, aos nossos applausos futuros.

Só nos móve na publicação desta nota, o desejo que temos de ver sempre inatacavel a nossa Instrução Publica, para que ella esteja na altura do zelo, do criterio e do talento, do honrado sr. dr. Altino Arantes, em boa hora feito titular da pasta da Instrução e Interior.

Figura 59: O Pirralho. São Paulo, 03 de Abril de 1915, n. 181, p. 01

Embora distante do tom bem humorado que, via de regra caracteriza as notícias veiculadas pelo Pirralho, a matéria acima interessa particularmente por denunciar a não observância das regras para a contratação dos professores. Esse tipo de denúncia reforça a presença do nepotismo e faz pensar sobre os limites e contradições que um projeto republicano de educação que, ao mesmo tempo em que faz da escola o seu marco, vê-se envolvido por toda a série de arbitrariedades. A visibilidade das festas cívicas e outras solenidades escolares eram, assim, escondidas pelos desmandos pessoais.

## **5. Considerações Finais**

A escolha da linguagem humorística como ferramenta para a compreensão dos possíveis conflitos entre as várias representações sobre educação, cultura letrada, ignorância e experiência prática, durante o período delimitado, mostrou-se fecunda e reveladora das tensões sociais entre os vários grupos sociais que procuravam firmar suas identidades e seu espaço na sociedade.

A perspectiva de uma expansão da educação escolar considerada como condição fundamental para a transformação social rumo ao progresso e à modernidade, tornou-se um dos *lócus* de diálogo entre as diferentes concepções sobre a formação humana, gerando discussões, às vezes ocultas, às vezes afloradas, entre os porta-vozes de diferentes modos de entendimento da vida em comunidade.

A antiga ordem de valores, seja ligada ao campo, aos segmentos mais tradicionais da cultura, ao entrar em contato com o novo pensamento, que se auto denominava moderno e civilizado, provocou o embate entre o paradigma que se sedimentava numa formação clássica, humanística, filosófica, religiosa, e o paradigma positivista, calcado na razão e no primado das ciências.

Este possível diálogo, presente nos periódicos na forma de humor, carrega no seu interior uma luta pela preservação de valores e convicções sobre os canais possíveis de apreensão do conhecimento e que não passariam necessariamente pela escola. O humor

colocou em destaque, através das piadas com o jeito caipira, dubiamente ingênuo e perspicaz, assim como a insistência no linguajar regional e destoante das regras da linguagem culta, as sutis formas de um reiterado esforço em preservar costumes, tradições, traços de um passado que o processo de urbanização e escolarização da sociedade buscava enterrar. Subjacente a esta disputa de matriz hierárquica perpassam os ideais de humanização das relações e ideais que priorizavam a tecnologia como vetor do progresso.

A cidade, símbolo do progresso, e o campo, associado ao atraso, serão palco de uma variada troca de significados e representações, à luz das discussões do saber formal e informal, juntamente com seus elementos representativos, o homem urbano e o caipira. Às vezes o homem culto e urbano apresenta deficiências morais, apesar de a escolarização preconizar a excelência na formação do cidadão. O caipira, apesar do deslumbramento que a cidade desperta, em um cenário que ressalta sua baixa escolarização, se mostra virtuoso nas atitudes e nos julgamentos.

Em última análise, todos os desdobramentos presentes nas anedotas e ridicularizações, colocando estereótipos em constantes recriações de sentidos, mostraram uma sociedade longe de ser homogênea nos modos de pensar e agir. A pesquisa mostra, por este meio inédito da representação humorística, os limites que o projeto republicado enfrentou, ao pretender, a partir da escolarização, construir uma nação padronizada, civilizada e controlada, que, no imaginário republicano deveria ser o povo brasileiro.

## **6. Referências bibliográficas**

ANTUNES, Benedito. *Juó Bananére: As Cartas D'Abax'o Piques*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética em Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BONTEMPI, Bruno. *O Jornal O Estado de S. Paulo no Processo de Americanização: O Inquérito de 1914 e o Ensino Moral e Cívico*. Anais do Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, Porto, 2008.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de. *Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos Grupos Escolares paulistas, 1983/1971*. São Carlos: EDUFSCAR; Brasília: INEP, 2002.

BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMORIM, Botyra. *Uma vida no magistério*. São Paulo: Saraiva, 1962.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 291 -331.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente. *Revista São Paulo em Perspectiva*, vol. 14, n. 1, São Paulo Jan/Mar., 2000, p. 111-120.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Col. Tudo é História).

CATANI, Denice Barbara. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1901-1918)*. São Paulo: Editora da Universidade São Francisco, 2003.

CAVALCANTI, Camillo. Comentários ao acordo ortográfico. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2009, p. 517-525 (Volume XIII, número 4).

CENTOFANTI, Rogério. Os laboratórios de Psicologia nas escolas normais de São Paulo: o despertar da psicometria. *Revista Psicologia da Educação*, n.22, São Paulo, Jan-Jun. 2006, p. 31-52.

CERTEAU, Michel. *A Cultura no Plural*. São Paulo: Papirus, 1995.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. São Paulo, *Estudos Avançados*, vol. 5, n. 11, Jan./Abr. 1991, p. 173-191.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em revista*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta*. Periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: Educ. FAPESP, Imprensa Oficial, 2001.

GRUZINSKI, S. *A passagem do século, 1480-1520. As origens da globalização*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

LICE, Dora. *O calvário de uma professora*. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Irmãos Ferraz, 1928.

LIMEIRA, Aline de Moraes. O Comércio da Instrução: A Iniciativa particular no Século XIX. Minas Gerais, 30ª Reunião Anual da ANPED – GT02: História da Educação / n.02, 2007.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2007.

LUSTOSA. Humor e Política na Primeira República. São Paulo, *Revista USP*, Setembro, Outubro e Novembro/1989, p.53-64.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

MAURILANE, Souza Biccás de, e FREITAS, Marcos César de. *História Social da Educação no Brasil (1926-1996)*. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. São Paulo: EDUSP, 2008.

MONARCHA, Carlos. *A Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A Academia de São Paulo: tradições e reminiscências*. São Paulo, 1908. Está incompleto,

PAIVA, Vanilda. Um Século de Educação Republicana. Campinas, SP, Pro-Posições: Cortez Editora/Unicamp. n. 2/julho/1990, p.7-21.

PAULILO, Maria Célia Rua de Almeida. *Tradição e Modernidade: Afonso Schimidt e a literatura paulista (1906-1928)*. São Paulo: FAPESP/AnnaBlume, 2002.

SILVA, Marcos Antonio da. *Caricata República - Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero MCT/CNPq, 1990.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Marcos Ferreira. *A Educação Brasileira na Primeira República: o "doutor" positivista*. São Paulo: Programa de Pós Graduação em Musicoterapia e Educação Artística da Faculdade Marcelo Tupinambá, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHMIDT, Afonso. *Lembrança* (crônica). São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., s/d.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de Civilização: Um estudo sobre a implantação dos Grupos escolares no Estado de São Paulo*. São Paulo: UNESP, 1999.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. São Paulo: Editora Vozes, 1978.

THOMPSON, E.P. *Os Românticos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

WILLIAN, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

VEIGA, Cynthia Greive. *A escolarização como projeto de civilização*. Minas Gerais, Revista Brasileira de Educação, n. 21/Set/Out/Nov/Dez/ 2002, p. 90-103.